



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Beatriz Sofia Guerra Baptista

ESCAVAR A MELODIA DA ARTE

CENTRO MULTIMÉDIA PARA AS ARTES PERFORMATIVAS,
EM SÃO PEDRO DE MOEL

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor João Paulo Vergueiro de Sá Cardielos
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Fevereiro de 2023

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Beatriz Sofia Guerra Baptista

ESCAVAR A MELODIA DA ARTE

Centro Multimédia para as Artes Performativas, em São Pedro de Moel

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura orientada pelo Professor Doutor João Paulo Cardielos e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Fevereiro de 2023

ESCAVAR A MELODIA DA ARTE

Centro Multimédia para as Artes Performativas, em São Pedro de Moel

agradecimentos

Ao professor João Paulo Cardielos, pela motivação e todos os ensinamentos.

A São Pedro de Moel, por me fazer apaixonar pela praia outra vez.

Ao D'arq.

Aos meus amigos, pelos sorrisos e memórias.

À minha mãe.

Ao meu pai.

À minha Carolina.

À minha Renata.

Ao meu Diogo.

À minha família.

Aos meus, pelo carinho, pelas experiências, pelas oportunidades, pelo apoio, e sobretudo pelo amor, pelo carinho.

Obrigada.

Uma História nunca vem só, nem ninguém.

resumo

O tema desta dissertação é dedicado ao majestoso e tímido lugar de São Pedro de Moel. O desafio partiu de um grupo de cidadãos, residentes corajosos e inconformados, os Amigos da Praia de São Pedro de Moel.

‘Repensar São Pedro de Moel 2020’ foi o nome dado à iniciativa protocolizada entre a Câmara Municipal da Marinha Grande, a Associação PROTUR — Associação para a Promoção do Turismo — de São Pedro de Moel e o Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Esta ação propõe-se a explorar relações entre a arquitetura e o habitat natural, considerando as vivências urbanas e os valores culturais e sociais locais, tendo em horizonte a capacidade de revitalizar o território e criar novas linhas de desenvolvimento sustentável e integrado. Trata-se de articular coerentemente o núcleo urbano consolidado, a praia e o Pinhal de Leiria. A localização não podia ser mais aprazível, um destino balnear sazonal escondido e protegido pelo coração da floresta nacional.

Esta prova é um exercício experimental, de audácia e visionamento, de como este lugar poderá, não só sobreviver, mas viver num futuro revolucionário, sempre com uma consciência académica. É proposta uma rede comunicante de lugares dinâmicos, dela faz parte a proposta desta dissertação, o Centro Multimédia para as Artes Performativas. O desafio passa por criar um espaço de exponenciação das artes cénicas, que respeite a arquitetura do lugar, expandindo-se de uma maneira pouco ortodoxa, debaixo de terra.

A introdução da ideia de escavação na arriba é encarada como uma solução poética, de retorno às raízes cavernosas, para que São Pedro de Moel regresse aos seus dias de glória.

PALAVRAS-CHAVE: São Pedro de Moel | Paisagem | Multimédia | *Black-box* | Arquitetura Escavada

abstract

The overarching theme of this thesis is the majestic and quiet place of São Pedro de Moel. This challenge emerged from a group of citizens, brave residents of unbending will, the “Amigos da Praia de São Pedro de Moel”.

‘Repensar São Pedro de Moel 2020’ was the name given to this initiative organized between Marinha Grande City Hall, PROTUR - The Promotion of Tourism Association - of São Pedro de Moel and the Department of Architecture of the Faculty of Science and Technology from the University of Coimbra. This action purpose is to explore connections between the architecture and the natural habitat, considering urban experiences and the local cultural and social values, bearing in mind the ability to revitalize the region and create new forms of integrated sustainable development. It is about articulating the consolidated urban nucleus, the beach and pine forest in Leiria. The location could not be more harmonious, a bathing destination hidden and protected by the heart of the national forest.

This task is an experimental exercise, of boldness and vision, of how this region could not only survive, but also live a revolutionary future, always with an academic conscience . It is proposed a network of dynamic places, of which the proposal of this dissertation . The challenge consists in creating an exponentiation of the performing arts, loyal to the architecture of the place, expanding in a unorthodox way, underground.

The introduction of the cliff excavation idea is seen as a poetic solution, a return to cavernous roots, so that São Pedro de Moel can return to its glory days.

KEY WORDS: São Pedro de Moel | Landscape | Multimedia | Black-Box | Excavated Architecture

sumário

Resumo

Abstract

Prólogo

Memória de areia

O OBJETO DE ESTUDO

INTRODUÇÃO

problemática & objetivos

metodologia

pertinência

CONTEXTO

história local

o que lá existe

ESTRATÉGIA - O rizoma

A PROPOSTA

CASOS DE ESTUDO

Centro de Artes da Calheta, Casa das Mudanças

Chichu Art Museum

Projeto Tindaya Mountain, Monumento à Tolerância

C.M.A.P.

Filosofia do Lugar

Implantação

Forma e Mobilidade

Programa

Foyer

Black-box

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUMÁRIO DE FIGURAS

Anexos

Índice

Figura 1: Imagem aérea, editada, do farol do Penedo da Saudade, São Pedro de Moel.



PRÓLOGO

Memória de Areia

A marejada das ondas é audível desde a estrada do pinhal, cortada pela brisa vinda de oeste. Júlia jamais esqueceria o som, aquele ritmo constante e hipnotizante. As ondas recuam num tom baixo, como quem inspira fundo, depois, um compasso quase de silêncio, e no fim a água quebra, a expirar, e a espuma devora a areia molhada.... O mar é a prova de que não precisamos de silêncio para relaxar.

-Estamos a chegar. Vamos primeiro ao hotel?

-Não, eu quero ir ver o mar. Temos tempo...

Ninguém a ia contrariar, muito menos Pedro, que conhecia tão bem a sua teimosia. Com meio sorriso, rodou os olhos para a direita, lá estava ela, debruçada sobre a janela aberta do carro, com o cabelo a sofrer os efeitos do vento, de olhos curiosos e nostálgicos.

A viagem foi longa. Deixaram o carro na rua das antigas serrações, num estacionamento perto do café da praia, com as malas lá dentro. Assim que Pedro rodou a chave da ignição e o motor silenciou, Júlia saiu do carro, empurrou a porta e caminhou, de passada larga, em direção ao grande azul. Não estava ninguém na praia e ela começou a correr, queria aproveitar a solidão. Desceu a rua até à Praça Afonso Lopes Vieira, e avançou para a rampa vermelha junto à Casa-Museu. Descalçou-se ali mesmo, alguns metros antes de chegar à areia, ansiosa por sentir o calor do chão.

Agora sim, podia acalmar, fechou os olhos e sentou-se na areia molhada, perto da água, os seus pensamentos só foram interrompidos por uma presença:

-Não adoras este lugar? – perguntou ela sem abrir os olhos, quando sentiu a sombra de Pedro a tapar-lhe o sol que lhe aquecia as costas.

-Sabes que sim... O diretor ligou, estão á tua espera no C.M.A.P..

-Que horas são? - olhou para o relógio – ainda é cedo, quero ficar mais um pouco.

-Então vou andando para o hotel Mar & Sol, vais lá ter? - tinham partido cedo de Vila Real, onde passaram o fim-de-semana em casa dos pais de Pedro, e as três horas de viagem mais a noite mal dormida, pesavam-lhe.

-Sim, podes ir, eu vou a pé.

Pedro deu-lhe um beijo na testa e outro no ombro nu e seguiu para o carro, não se tinha descalçado e as botas cobriam-se de areia fina.

...

Qualquer caminho em São Pedro de Moel é rápido, as ruas são fáceis e agradáveis de percorrer. Em menos de uma hora Júlia já tinha chegado ao hotel, trocado de roupa, e ia agora ao encontro do diretor do Centro de Artes Performativas. A distância entre o hotel e o centro é inferior a 200 metros, o que demoraria apenas um ou dois minutos a percorrer, mas ela queria parar no novo miradouro mesmo ali em frente.

Lembrava-se de correr naquela calçada, com os primos e a irmã mais nova, muitos anos atrás, quando passava férias com os tios numa casa junto ao café Bambi. À noite ouvia-se a música do bar, os adultos a conversar e as crianças que podiam ficar acordadas até mais tarde, a brincar no parque ao lado. Júlia não tinha interesse em brincadeiras de baloiço, isso era muito “criancinha para ela”, o que a cativava era a música; sentava-se na sua cadeira amarela, na varanda do quarto e deliciava-se com a visão privilegiada dos concertos ao ar livre.

Raramente passava na Rua dos Naturais, quando queria ir ao farol ia sempre pela avenida, mas lembrava-se daquele bairro como um lugar pacato, de gente simples... como toda a terra.

Ao chegar ao seu destino ficou admirada pela humildade do lugar. Tinham-lhe prometido um programa razoavelmente grande, uma black-box, um espaço de exposição, salas de ensaio e de gravação, porém, diante dos seus olhos, estava apenas um edifício branco, volumetricamente fragmentado, menor do que a sua casa de férias! À porta estava um homem alto, bem vestido e a olhar para o pulso, impaciente. Assim que a viu acenou vigorosamente.

-Seja muito bem-vinda menina Júlia! O meu nome é Tiago, sou o diretor do C.M.A.P.. Falámos ao telefone.

-Como está? – questionou ela sorrindo – não estou atrasada, pois não?

-Não, não! Chegou mesmo a tempo!

Tiago parecia ansioso, com a testa ligeiramente suada, movimentava-se rapidamente, como uma criança que acabara de receber um presente valioso.

-Vamos entrar? Falamos melhor lá dentro. – Indicou-lhe o caminho para a rampa subtil, guiada pelos traços de uma esquina pontiaguda, mesmo no meio do alçado principal.

O edifício estava recuado e do lado esquerdo do edifício podíamos ver copas verdes a brotar das profundezas, estes elementos invulgares quase que a fizeram ignorar o seu nome escrito no ecrã iluminado junto á porta: “Concerto Intimista com a pianista Júlia S., hoje às 18:30”.

-É a sua primeira vez no centro, não é? – continuou sem esperar por uma resposta - Aqui é o nosso “grande” “pequeno” hall. Normalmente este espaço está repleto de obras de artistas locais. Hoje, os trabalhos que vê aqui são do fotógrafo Luís Gelo, da Marinha Grande - contornaram o banco de madeira duplo e pararam para admirar as fotografias expostas - Temos uma parceria com o Centro Cívico e as suas empresas de coworking, com a Casa dos Arcos e com o “Lugar Literário”, mas qualquer artista pode solicitar as nossas instalações.

-É aqui que fazem todas as exposições? – Continuava inquieta quanto à pequenez do centro.

-Não, para as maiores temos outro espaço mais apropriado. Se puder aguardar aqui uns instantes, eu acompanho-a à black-box e mostro-lhe o resto do edifício.

-Sim, claro.

O diretor saiu para a direita, para o que aparentava ser a zona administrativa. Júlia sentou-se no banco, mesmo em frente á porta envidraçada automática que dava acesso ao jardim exterior. Por momentos sentiu que o espaço era enorme, que as paredes eram altas, o banco comprido, e que a luz aparecia como se não houvesse teto. Levantou-se, virou costas e aproximou-se da entrada, existiam duas janelas recuadas, uma de cada lado, que revelavam o segredo das copas verdes; eram poços profundos, onde cresciam árvores. As suas mãos colaram-se ao vidro frio, “Está enterrado!” pensou ela, num misto de alívio e entusiasmo que lhe percorreu o corpo. A felicidade trazida pela descoberta transbordava no seu rosto, de tal maneira que não escapou aos olhos de dois estudantes que estavam a ver as fotografias, o que a deixou envergonhada. Ela queria recuperar a sua seriedade aparente, mas foi novamente surpreendida pela luz zenital que mergulhava do topo daquele canto triangular que viu ao afastar-se da janela. Colou os pés ao vértice curvo do espaço misterioso e inclinou a cabeça para trás, “Qual será a altura deste sol?”

...

-Peço desculpa pela demora. Vamos? – sugeriu Tiago arrumando uma chave preta no bolso das calças e passou pela porta automática. Ela seguiu-o, uma rajada de brisa marítima atacou-os assim que saíram do edifício, por momentos o cheiro salgado fundiu-se com o das rochas molhadas.

Entraram pelo que pareciam ser um circuito de rasgos na terra, em movimentos descendentes e perpendiculares uns aos outros, até o solo ficar ao nível dos olhos da pianista. Pararam de repente:

-Não é claustrofóbica, pois não? Esqueci-me de lhe perguntar!

-Não! Por favor, continue!

-Deixe-me dizer-lhe que é uma honra tê-la aqui em São Pedro de Moel, ficámos muito contentes quando aceitou o nosso convite - confessou, enquanto percorriam um túnel na direção do mar.

-Ora essa, tenho muitas boas memórias desta praia, aliás foi aqui que vi o meu primeiro concerto! Em pequena passava férias com os meus tios numa pequena habitação em frente ao Bambi!

-A sério?? Não sabia que tinha sido uma das nossas veraneantes! Fico muito feliz, significa que já conhecia a terra, apesar de muita coisa ter mudado.

O percurso era iluminado por uma abertura no topo da parede esquerda; não era possível ver o destino porque cada movimento das rampas era perpendicular ao anterior. Mesmo assim, ela sabia que estava a descer, a entrar nas camadas mais fundas da superfície, mas só teve a noção da altura a que estava no momento em que viu o mar.

A segunda rampa, depois de entrar no túnel, era paralela à costa. Em alguns metros perdeu-se a cobertura e Júlia estava sobre uma arribas, entre o mar, a terra e o céu.

-Sim, e adoro São Pe... UAU! – ninguém ficava indiferente àquela vista.

-Espantoso, não é? Olhamos para o oceano tanta vez, mas há ângulos que nos pedem para parar e admirar... existe outro percurso mais rápido, temos uma grande escadaria que parte do átrio de entrada onde estive, à esquerda, mas achei que iria gostar de começar por este.

-Parece que estamos a sobrevoá-lo – exclamou Júlia espreitando pela abertura vertical à sua direita, obrigando-se a conter a admiração e continuar caminho – Mas, bem..., vamos andando, terei tempo de apreciar depois.

-Sim, continuemos.

Agora num passo não tão lento quanto o inicial, Júlia passava as mãos pelas paredes rugosas de betão, o material estava repleto de nervuras irregulares, mas macias que faziam a sua mão dar pequenos saltos. O teto voltou e num instante estavam no grande átrio de receção aos espetáculos.

-Bom, primeira paragem alcançada. É aqui que, dentro de algumas horas, os convidados irão aguardar o início do concerto. Ali à direita são as casas de banho, e ali à frente é onde terminam as escadas de que lhe falei á pouco. Para já vou-lhe mostrar o que o seu público, a partir das bancadas superiores, irá ver.

Enquanto Tiago falava Júlia devorava cada detalhe à sua volta, á sua direita estavam três colunas cilíndricas transparentes preenchidas por lâmpadas alaranjadas compridas, suspensas desde a superfície. À sua esquerda existiam duas portas pretas iguais. O diretor abriu a primeira e segurou-a para Júlia entrar primeiro.

-Nunca tinha estado numa black-box – confessou ela.

-Não tem a grandiosidade de um auditório, mas a beleza aqui está na magia do espetáculo, na pureza das zonas técnicas expostas. As bancadas superiores só são abertas para grandes públicos ou eventos cinematográficos ou de circo. Na maioria das vezes apenas são utilizadas as bancadas do piso do palco, que são retráteis, mas tudo depende do que o artista pretender.

-É o ideal para o tipo de atuação que preparei, vai ser a primeira vez que toco tão perto da plateia. Com certeza que será interessante!

Todo o piso era como uma varanda sobre o palco, um “o” geométrico. As bancadas pretas, de estrutura leve, encontravam-se à direita e à esquerda.

- Já ali está o piano de cauda para a atuação, se preferir podemos movê-lo.

-Parece-me ótimo como está. Posso ouvi-lo?

-Mas é claro, foi afinado esta manhã! Temos é de descer pelo exterior.

Voltaram para o foyer e viraram para a escadaria principal. Todos os espaços tinham a sua luz específica, era nas cores, na temperatura e na textura que Júlia via a personalidade de cada um. Se não fosse a janela de luz no teto, aquelas escadas poderiam passar pela descida aos calabouços de um castelo medieval.

Entraram por uma porta idêntica à do piso superior, mas desta vez estavam sob a plateia secundária. O palco era o chão, preto como quase tudo naquele recinto, aqui o contacto entre o público e o artista era mais próximo do que o distanciamento habitual de um palco com boca de cena.

-Pode ficar o tempo que desejar, vou deixá-la à vontade. Aqui está a chave do seu camarim, assim que se quiser preparar é só sair em direção ao bar e virar à esquerda, qualquer dúvida pode perguntar, mas o centro está todo sinalizado, por isso não deve ter dificuldades.

-Obrigada - agradeceu e estendeu a mão para agarrar a chave que o diretor segurava.

-Se precisar de mais alguma coisa é só pedir, entretanto vou tratar dos últimos preparativos antes de chegarem os convidados e depois vou ter ao seu camarim com a maquilhadora por volta das seis e dez, daqui a meia hora mais ou menos sim?

-Combinado! Ah! O meu namorado deve estar a chegar, chama-se Pedro, pode indicá-lhe o meu camarim por favor?

-Sim eu informo a rececionista, não se preocupe - concordou fechando a porta de acesso à black-box, que tinha aberto enquanto falava, deixando Júlia sozinha numa sala escura onde a única luz estava apontada para o piano, ela não poderia gostar mais daquele cenário!

...

Desde o primeiro dia, em que tinha assistido a um concerto de “uma promissora pianista” no salão musical de Vila Real, Pedro estava presente em todas as atuações de Júlia. Estava tão apaixonado pela sua música como por ela. Tinha combinado com ela aparecer cinco minutos antes do concerto começar, mas a pontualidade não era o seu forte. Quando saiu do hotel o relógio marcava as 18:28 horas; agora era a sua vez de acelerar o passo!

...

Do camarim ouviam-se as passadas dos convidados a chegar, ampliadas pelo nervoso miudinho da pianista. O centro estava repleto de variados sons enquanto a futura plateia vagueava dispersa pelos corredores; uns a conversar, outros a satisfazer a curiosidade do lugar e alguns a aproveitar os últimos minutos para beber um café.

- O Pedro já chegou? - perguntou ela a um técnico de som que a iria acompanhar até à black-box e garantir que esta chegaria na hora exata.

-Ainda não menina. - disse o rapaz depois de confirmar no seu intercomunicador - Está quase na hora, está pronta?

-Sim, vamos, ele não deve demorar - Júlia pousou o telemóvel na mesa à sua frente e levantou-se.

Saiu pela porta de acesso ao corredor dos artistas, por momentos ainda conseguiu ver o céu da arriba, encostada ao plano de vidro ao fundo do corredor. Entraram na black-box pela porta de backstage.

-Agora o Sr. diretor vai só dizer umas palavras, assim que ele acabar de falar poderá entrar. Eu aviso-a. - ordenou o técnico.

Os dois pisos estavam cheios, e barulhentos. Num instante todas as luzes se apagaram, à exceção de uma, que apontava diretamente para o diretor Tiago, que segurava um microfone demasiado perto da boca.

-Muito boa noite a todos, e todas. Sejam muito bem-vindos ao Centro Multimédia para as Artes Performativas. Hoje temos connosco uma artista muito especial, um prodígio internacional no mundo dos pianistas, e para novidade de muitos, uma veraneante da terra. É com enorme prazer que apresento a pianista Júlia ... que vai tocar para nós a composição nº 20 de Amadeus Mozart, a qual nos vai deliciar com certeza! Antes da atuação pedia a vossa atenção para o ecrã, onde dentro de momentos passará um curto vídeo de apresentação da pianista, obrigada – palmas.

Pânico! 20? Como assim? Não era aquela música que iria tocar! Tinha ouvido a peça inúmeras vezes, mas de repente as suas notas musicais eram-lhe incertas. Petrificou, a olhar para o técnico que lhe fazia sinal para entrar. Não! A pauta que tinha na mão não era a que o diretor anunciou. Não sabia até que ponto a plateia era conhecedora do concerto, se valeria a pena tocar outra peça ou ficar ali, em pé á espera que alguém lhe desse uma solução.

Uma mão puxou-a pela cintura, fê-la rodar sobre si mesma numa volta de 180 graus. Pedro.

-Vais tocar sem partitura, eu sei que não foi esta peça que ensaiaste, mas já a tocaste para mim, e foi perfeito, tocas para mim outra vez? – a cara de Pedro estava a menos de 10 centímetros da sua, olhar-lhe nos olhos, sem pestanejar, á espera de alguma reação daquela mulher paralisada.

-Sim, vou tentar – ainda hesitante, mas agora com um plano. Largou a mão de Pedro e preparou o sorriso, inspirou fundo, e conseguiu ouvir o mar baixinho... estava pronta.

Entrou no palco acompanhada de uma enxurrada de palmas, à qual agradeceu com uma vénia. Sentou-se no banco do piano. Pousou as duas mãos em cima das teclas, como faria em qualquer atuação. Depois moveu a mão direita e tocou em três notas diferentes. Tocou novamente, tentando-se imaginar na sua sala de estar, num serão com Pedro. Já sabia por onde começar.

...

-Nem acredito que fiz aquilo, obrigada – agradeceu Júlia.

-Estás a falar para mim ou para o mar? – perguntou Pedro com um tom irónico denunciado pela sobrancelha levantada.

Tinham descido ao último piso do centro, estavam agora na “varanda salgada” como lhe tinha chamado o diretor. Júlia esticava-se sobre o peitoril que a impedia de saltar para a água.

-Não te faças de parvo, és o meu cúmplice; mais ninguém sabe que aquela peça não era a que ensaiei.

*-Mas deviam saber! Imagina que lhes tinhas dito que todo o concerto foi um improviso!
Ficavam tão maravilhados como eu!*

-Foi só um concerto... Que podia ter corrido muito mal.

Pedro abraçou-a por trás e sussurrou-lhe:

-Mas não correu, foi perfeito!

-Talvez tenha sido por ser em São Pedro de Moel.

-Ou talvez tenha sido por seres tu – encostou a sua cabeça na de Júlia.

Neste momento o mar respondeu com uma onda que rebentou mesmo por baixo do casal, salpicando-lhes as mãos que estavam apoiadas no muro, como quem reclama a sua presença.

Figura 2: São Pedro de Moel, visto da Praia da Concha. >



**O OBJETO DE
ESTUDO**



Figura 3: Praia de São Pedro de Moel em época balnear.

INTRODUÇÃO

O encontro com São Pedro de Moel foi arrebatador. Foi como descobrir uma pérola esquecida, que parou de crescer, da vilegiatura balnear da segunda metade do século XX, que é extraordinariamente singular, e está profundamente envolta pela névoa do presente. Se, um dia, a arquitetura modernista nacional encontrou e fixou ali um dos seus expoentes máximos, com arquiteturas que, por si só, conseguem assinalar lugares de excelência, por outro lado, um qualquer olhar nostálgico rapidamente percebe a decadência e o risco de perda que igualmente lhe estão associados. E, se a natureza própria, e a volatilidade das opções humanas, não fosse razão suficiente, agora, a condição geoclimática de agressividade do Atlântico e das alterações ambientais, manifestadas nos incêndios avassaladores de 2017, ou na tempestade tropical Leslie, de 2018, assinalam o risco maior de destruição e perda. Naturalmente, a condição social local é o reflexo de todas estas hostilidades, com a redução da procura, numa sazonalidade cada vez mais restrita, a perda de serviços, equipamentos públicos e empregos ou meios de subsistência.

De tudo isto a praia de São Pedro faz um retrato poderoso em qualquer primeira impressão. Desvendá-la completamente, é um pouco mais difícil.

É um lugar repleto de camadas. São *layers* de história e trabalho exigente, nas matas de uma costa difícil ou nas fornalhas do vidro da Marinha Grande. Depois, recreio ou retiro dos mais privilegiados. Mais recentemente, refúgio quase desconhecido de gerações mais novas de herdeiros, que são fiéis depositários das mais extraordinárias e excepcionais experiências do habitar temporário e experimental, da condição familiar emergente das libertações e constrangimentos culturais, primeiro, da explosão humanista e comportamental do pós-guerra, e depois, da revolução democrática.

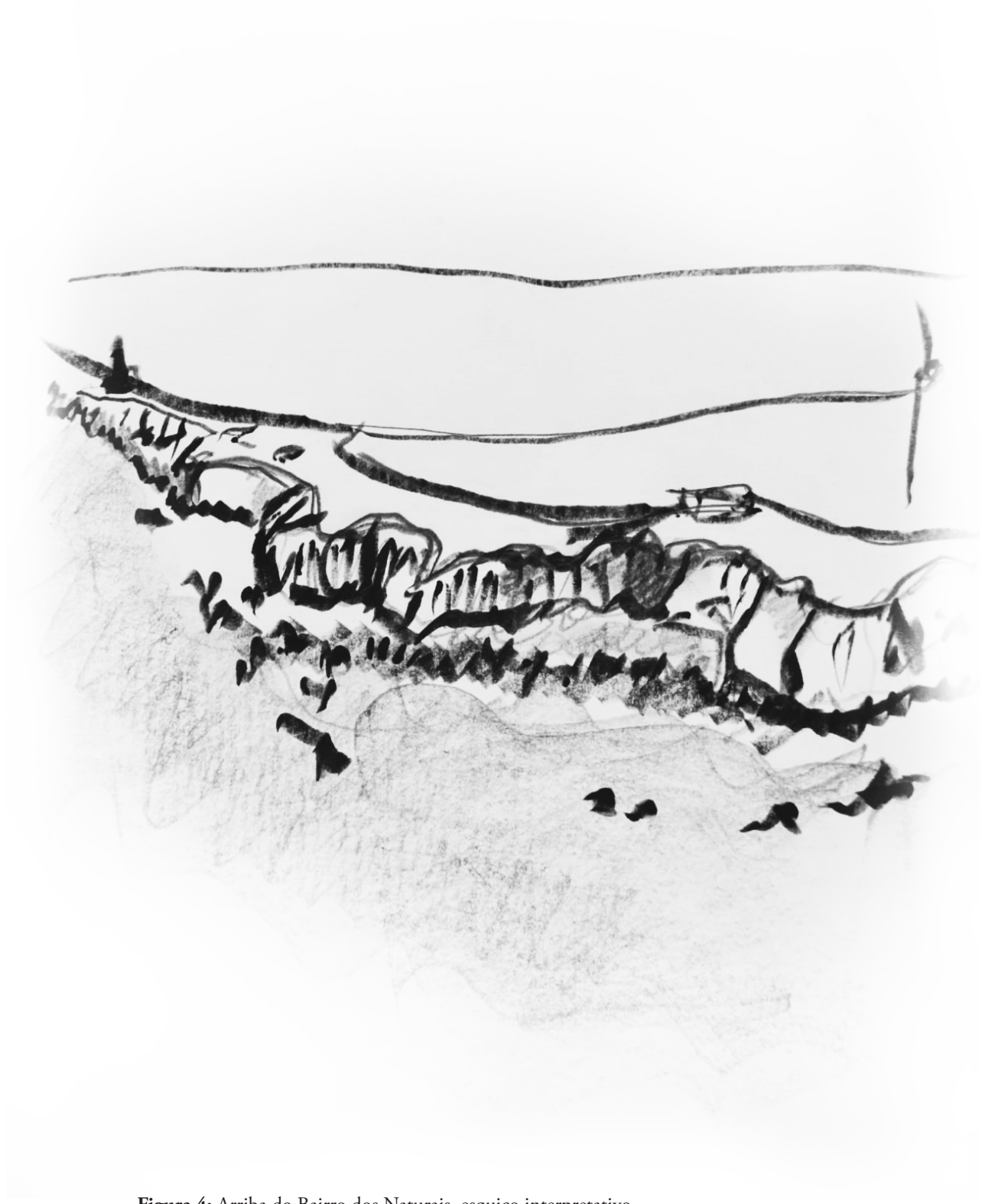


Figura 4: Arriba do Bairro dos Naturais, esquiço interpretativo.

Tudo isto, até os pormenores mais insignificantes, são parte de uma paisagem complexa. O vento e o ruído arrepiante das ondas que insistentemente embatem nas arribas, mais não fazem do que inquietar para os incontáveis fenómenos que aqui convergem para firmar um destino, agora incerto, que ainda poderemos ajudar a escrever, ou reescrever. Foi assim o propósito inicial da aventura lançada no Atelier de Projeto II, do tema Território e Paisagem, (Re)pensar São Pedro de Moel.

Contudo, tratava-se duma última oportunidade para experimentar, em meio universitário, a irreverência no projeto. Não foi nada rápida, nem inocente, a minha decisão de exercitar o improvável. De experimentar, ainda, a Utopia, tão largamente exposta quanto estimulante, ao longo da formação académica. Esta paisagem parecia, agora, ser o lugar perfeito. Não que a investigação desenvolvida coletivamente, ou as oportunidades de desenho, negassem outros caminhos, mas a possibilidade da crítica ao *status quo* jurídico-administrativo e à ordem natural dos processos atuais, entregava-se-nos abertamente, como que numa bandeja modernista.

Faltava acrescentar o presente, pois o futuro faz-se de numerosos presentes, e a dimensão académica é, apenas, uma simulação fugaz e quase sempre inconsequente. **Porque não experimentar então outros caminhos?** Agitar causas em desafios reflexivos? Zurzir bandeiras do improvável, ou mesmo, do ilegal?

Estava encontrada uma linha de orientação para o projeto. Faltava encontrar razões pertinentes e elas felizmente abundavam.

Primeiro, uma arriba pontualmente frágil, de pedra instável, que fragiliza o mais despercebido dos bairros. Situada no ponto mais alto da costa, sob a Rua dos Naturais, onde habitantes locais humildes, que há gerações servem as causas das matas, dos serviços turísticos e da restauração, habitam arredados da determinação planeada deste outro ‘Moderno Escondido’, e temem pela instabilidade da fundação natural da sua rua. Até os passadiços junto à costa, construídos nas suas traseiras há pouco mais de dez anos, ruíram há cinco, arrastados pela encosta abaixo. O bairro dos naturais sentiu então uma nova fragilidade que até aí desconhecia. Sim, porque a fragilidade recorrente até esse momento era a da marginalidade social e económica — e a da ausência de oportunidades ou acesso aos cuidados, numa sociedade em crescimento que, sucessivamente, se fora esquecendo deles.

Depois, em contraciclo, as obras marítimas, tantas e tão pesadas, desenhando

quilômetros de portos, molhes e cais, ou ‘protegendo’ praias de uma costa meridional em retração constante e imparável, que sucessivos governos tentam travar protegendo patrimônios discutíveis de riscos naturais incontornáveis...

Uma outra questão emergiu então: **porque não estabilizar também esta arriba?** Porque não proteger a costa elevada, em vez de o fazer nas costas baixas e arenosas onde as ondas irrompem constantemente, destruindo ciclicamente e retirando as areias e a rocha repetidamente depositadas?

Por fim, **porque não igualar e distribuir equitativamente as oportunidades pelos cidadãos, de direitos iguais nesta democracia inclusiva?**

Estava encontrado um pretexto pleno para uma pequena utopia privada, que se pretendia desenhar! Fazer o projeto para uma obra-desafio, uma arquitetura improvável, num local incrível, com um programa funcional e edificatório legítimo, mas questionável, num sítio manifestamente ilegal, debaixo do holofote inquiridor de todas as regras do mais elementar bom senso ambiental, ou da mais insensata racionalidade político administrativa.

Em paralelo, desafiar ao pensamento sobre o que fazemos... e o que não fazemos por impedimento. Sobre o que temos a capacidade de fazer... e descuramos. Sobre aqueles para quem vulgarmente fazemos e sobre aqueles que esquecemos, com os programas de sempre, que servem nas cidades e metrópoles, mas que, na falta de massa crítica, os impede nos lugares exíguos das periferias da urbanidade. Contudo, quis-se fazer, precisamente aqui, neste lugar paradoxo do planejamento moderno da nossa costa atlântica, que é emblema do poder da arquitetura do habitar contemporâneo.

Decidiu-se cravar uma caixa robusta na arriba, assim, estabilizar aquela forma côncava em aparente rutura, com uma obra de quase infraestrutura marítima, mas que aqui se faz de arquitetura e programa funcional. Uma *black-box* para as artes performativas que leva aos ‘naturais’ o espaço atrativo da formação e do espetáculo, enriquecendo o quotidiano das suas vidas marginais e invisíveis.

Fundir **natureza, corpos e tecnologias** num projeto de arquitetura, completamente escavado na pobre condição deste habitar. Desmontar o solo vulnerável e cravar, na rocha firme, a estabilidade estrutural.

Acrescentar, na escala discreta da rua um acesso igualmente recatado e penetrante para a arriba, capaz de desafiar as mais contraditórias experiências emocionais. Para, no final do percurso, revelar de novo a dimensão poderosa da natureza, não sem que, antes, se possa experimentar um cotidiano normal, da urbanidade por todos desejada em circunstâncias bem diversas.

Este é o projeto que se ambicionou conceber e desenhar! Deveria chamar-lhe **Utopia?**



Figura 5: Formações rochosas na Praia de São Pedro de Moel.

problemática & objetivos

Esta proposta desenvolve e complementa o exercício teórico-prático efetivado na unidade curricular de Atelier de Projeto II, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2019/2020. O tema ‘Reinventar São Pedro de Moel’: paisagem urbana articulada, coesa e coerente, insinuava a necessidade de um olhar inovador e, simultaneamente, sensível, de uma construção estratégica e abrangente, de escala territorial, para este lugar do concelho da Marinha Grande.

Os destinos balneares sempre instigaram em mim uma calma instantânea, como se o contacto com a areia e o mar estimulassem e apurassem todos os sentidos carnaís, retribuindo prazeres mentais; o único aspeto negativo é a aparente vulgaridade deste sentimento, repetido por incontáveis indivíduos, que perturbam a serenidade apaziguante com a sua presença barulhenta ao também fazerem este exercício. Em São Pedro de Moel a tranquilidade não é interrompida, pelo menos nos dias que correm, e esta ‘anormalidade’ é, de facto, apenas reflexo de uma falsa vitória.

Os sinais de decadência e abandono são já bem evidentes. O modelo de gestão local, o isolamento geográfico e a sazonalidade condicionam persistentemente a progressiva supressão deste lugar urbano singular. Assim, um dos propósitos medulares passou pela identificação, nos valores existentes, de bases sólidas capazes de reafirmarem a nível interno, mas também internacional — por meio de novos mecanismos de atratividade —, a sua promoção e a inegável excecionalidade do seu carácter cultural e ambiental. O ideal que se pretende atingir, num futuro de médio prazo, pode e deve beber de toda a sapiência local acumulada ao longo do tempo.

Hoje, temos de olhar a cultura erudita, mas de modo aberto e espectro largo, abrangendo um leque variado de extensões, que integra a cultura popular e ambiental, do lazer, do

bem-estar e da saúde, do recreio balnear, da literatura e das artes, da biodiversidade, entre tantas outras. O cruzamento destas *layers* tem um potencial gigante de valorização do território, capaz de tornar São Pedro de Moel num destino de valor incontornável.

Constatando a evidente quietação respirável, é mandatório reconstruir uma identidade própria neste território alvo de intervenção, passando pela apreciação de todas as suas particularidades. Não bastará olhar apenas os setores económicos rentáveis e as áreas comerciais ativas atuais. Importará, sobretudo, olhar também os novos ou renovados ofícios, que a memória nos permite resgatar.

Na prática, a estratégia geral de turma delimita um plano orientador em que as riquezas teóricas encarnam em formas físicas representativas, tal como a cultura literária pode encarnar numa biblioteca, associando essas experiências físicas e espaciais a várias redes de experiência turística existentes.

Como objetivo específico esta tese propõe-se desenvolver um programa arquitetónico representativo, que integra uma dessas redes de locais com assento em São Pedro, de Moel incorporando diferentes temáticas. Neste caso, o foco está em exaltar a cultura artística e performativa, com a proposta de criação de um centro multimédia para as artes do espetáculo, que é localizado precisamente no Bairro dos Naturais, a norte do núcleo matricial de São Pedro de Moel. A localização escolhida enfatiza um lugar esquecido, oculto na sombra da imagética glamorosa do lugar balnear urbano de outrora. Ficará protegido entre as arquiteturas populares, perto da singular presença das arquiteturas de exceção, e ao alcance do marulhar das ondas que ribombam na base das arribas, que suportam a falésia onde assenta uma parte importante da humilde comunidade local.



Figura 6: (Re-)Pensar São Pedro de Moel 2020, no Auditório da Resinagem, Marinha Grande.

Figura 7: Turma de Atelier de Projeto, 'Repensar São Pedro de Moel 2020'.

metodologia

Neste trabalho académico, o processo de criação foi laminado por dois fatores, o tempo e a investigação. Temporalmente, distinguiram-se dois momentos interdependentes: o primeiro foi o do diagnóstico, desenvolvido coletivamente pela turma e, conseqüentemente, uma resposta corretiva; o segundo, com cariz mais individual, foi a construção de um projeto, previamente escrutinado pela turma como parte de uma estratégia global, tendo sido aprovado e localizado com os cuidados merecidos. No que se refere à investigação, esta ramificou-se em duas vertentes principais, a pesquisa teórica - de base documental - e o desenvolvimento experimental - o conhecimento explorado através do desenho e do pensamento reflexivo, conhecido por *research by design*.

Antes de tomar qualquer decisão considerou-se primordial fazer uma aprendizagem prévia baseada na descoberta do território, que clarificasse e contribuísse para o melhor desempenho possível. Por isso, cultivámos os conhecimentos básicos de modo individual e aprendemos um pouco mais acerca do objeto de estudo, em aulas teóricas e conversas informais. Definimos objetivos e programas para aproveitar ao máximo a visita - o trabalho de campo, que se viria a repetir em sucessivas etapas.

Durante os 4 dias do mês de outubro em que estivemos em São Pedro de Moel, houve a oportunidade de apreciar e explorar tesouros locais: a cultura vidreira, a famosa indústria dos moldes, a poesia de Afonso Lopes Viera, as habitações de veraneio dos anos 40 a 70, de arquitetura experimental, modernista. Também as praias pouco solarengas, o pinhal desnudado depois dos efeitos, devastadores, dos incêndios de 2017, e das entradas agressivas das tempestades tropicais, fruto das alterações climáticas. Por fim, as pessoas, de quem foi curioso perceber os orgulhos e desgostos, ali vividos e perpetuados nos relatos. Importou ouvir as suas histórias, sentir as suas memórias e



Figura 8: Exterior da Casa João Franco Frazão.

Figura 9: Casa-Museu de Afonso Lopes Vieira, interior.

Figura 10: Análise de plantas e esquiços no interior da Casa João Simões.



Figura 11: Exterior da Casa João Franco Frazão.

Figura 12: Posto de vigia - Ponto Novo.



Figura 13: Tertúlia realizada no Bambi café.

Figura 14: Visita de campo pelo Pinhal de Leiria.

descortinar semelhanças nos discursos.

Com uma primeira paragem no coração da Marinha Grande, onde fomos recebidos pelas autoridades locais, houve uma imediata perceção dos interesses e desinteresses da Câmara Municipal perante este lugar singular, perdido no cerne do concelho.

Em São Pedro de Moel, percorremos a rota dos sete - um dos percursos de visita e penetração no pinhal, na proximidade do lugar urbano - e todas e cada uma das ruas deste destino balnear, cartografando elementos de análise e fazendo inúmeros registos fotográficos. Realizou-se uma tertúlia aberta a toda a comunidade, em prol da iniciativa 'Repensar São Pedro de Moel 2020', com a presença de diversos convidados, como a arquiteta Susana Lobo, o arquiteto Gonçalo Byrne, dois vereadores da Câmara Municipal da Marinha Grande e a diretora do Instituto Politécnico de Leiria, Fernanda Oliveira. Para além do conhecimento físico do local e dos levantamentos realizados em grupo, a tertúlia foi essencial para entendermos e estudarmos as vontades dos residentes, tanto relativamente às aspirações próprias para o seu quotidiano, quanto às suas expectativas relativamente a turistas e visitantes; são estas as vozes mais conhecedoras dos problemas existentes e é para elas, mesmo que em ligação com outros públicos, que voltamos a pensar São Pedro de Moel. O evento decorreu no Bambi Café, situado no centro e, ao mesmo tempo, na orla das Matas, por carência e um outro espaço capaz de albergar um tão elevado número de pessoas.

Após a experiência *in locu*, durante a visita, foram realizadas análises documentais dos aspetos caracterizadores do local, com base nos levantamentos e dados retirados do PDM (Plano Diretor Municipal) e do Plano Estratégico da Marinha Grande, além de outros documentos legítimos e relevantes, históricos ou em vigor. Nestas análises foram incluídos estudos sociodemográficos e geológicos, recursos biológicos, redes viárias, características do edificado e do espaço público, recursos e memórias históricas, antigas e recentes, entre tantos outros. Os resultados surgiram na forma de um relatório de diagnóstico, de uma maquete à escala 1:2000 e de um modelo tridimensional virtual. Por fim, sintetizou-se toda essa informação em cinco painéis integrantes da exposição intitulada Visões Urbanas I, que decorreu no parque do café Bambi, onde foram apresentados os trabalhos individuais dos alunos até a data. A exposição física foi apoiada por recursos multimédia, nomeadamente códigos QR que redirecionavam para vídeos online de narrativas descritivas de cada uma das propostas.



Figura 15: Trabalhos de pesquisa e análise, turma de Atelier de Projeto, novembro de 2019.

Figura 16: Arquiteto João Paulo Cardielos e Arquiteto Gonçalo Byrne.

Figura 17: Exposição Visões Urbanas I, no parque no Bambi.

A última etapa do processo coletivo da turma, enquanto grupo de trabalho, residiu na criação de um rumo unitário, que respondeu ao desafio inicial. O conceito eleito passou pela **criação de condições para a inserção de São Pedro de Moel em várias redes temáticas complexas**, através da exploração do conceito de rizoma.

A sobreposição deste numeroso conjunto de temas e ideias gera a rede rizomática. O rizoma tem a capacidade de se expandir ou se reorganizar sem perder valor ou sentido à medida que o número de epicentros na rede se altera, logo, o intuito não é de centralizar, mas sim de unir. Cada nó - local de interesse - pode estabelecer novas ligações com outras redes, que à partida poderiam parecer improváveis, por relacionarem naturezas distintas. Respondendo a múltiplos atrativos constantes das redes existentes e divulgadas em Portugal e, não só, podemos assegurar que este lugar ficará apto para se relacionar com todo os territórios adjacentes e reaparecer no mapa de destinos incontornáveis.

Depois de definidas as metas de turma foram priorizados os problemas a que deveríamos responder. Foi nessa etapa que surgiu o tema desta dissertação: ocupar um dos novos “nós” deste desafio, que são os lugares que sublinham as ofertas temáticas e reforçam a rede rizomática. A cultura, enquanto pilar incontornável do desenvolvimento sustentável, deverá ser apoiada por uma rede local de equipamentos e serviços, capazes de ativar procuras e atrair a São Pedro de Moel os agentes criativos que servem as indústrias prósperas da região. Nesse sentido, o *design*, a inovação e as artes assumem protagonismo. Coube-me a tarefa de encontrar a localização e o programa mais adequados para que as artes performativas possam florescer.

Às intenções de projeto, e em paralelo com a exploração de todos os campos possíveis de referenciação do mesmo, corresponde também o ato de investigar pelo desenho. É impossível desassociá-los. Como resultado, este, tal como todos os outros projetos individuais, reúnem-se numa planimetria alargada das intervenções propostas para São Pedro de Moel.

O carácter prático deste trabalho é a conceção e o desenvolvimento de um Centro Multimédia de Artes Performativas. Pretende-se que seja um equipamento emblemático, que integre o elenco de novos equipamentos culturais a instalar localmente. Este projeto vem colmatar a falta de espaços de reunião e espetáculo, capazes de permitir a atuação, encontros políticos, projeção de filmes, e outras atividades que necessitariam de uma grande sala controlada para poderem acontecer. Mas os seus propósitos não são tão



Figura 18: Maqueta final de Atelier de Projeto à escala 1/2000.

lineares pois, para além da oportunidade de profissionalização na área das performances, este projeto ambiciona inscrever um programa complexo, capaz de responder a diferentes vontades artísticas, onde se enquadram ambientes controlados de gravação, áreas de treino para dançarinos e atores, ou até mesmo espaços descaracterizados e flexíveis, passíveis de serem moldados para diversos usos. Tudo isto, sempre, com uma preocupação de proporcionar as ferramentas de excelência mais atuais do campo digital e multimédia. Tanto a proposta de programa como a sua localização — no Bairro do Naturais e sobre a fronteira sensível entre a terra e o mar —, foram discutidas em grupo pela turma, de forma a assegurar que este novo espaço cultural contribui para o estabelecimento de uma rede coesa e funcional, de grande complementaridade, tendo ainda a valência protetora do Bairro dos Naturais e da sua arriba.

O processo de criação foi a etapa mais longa e a mais estimulante. Entre várias tentativas de desenvolver ideias de forma, de programa, de materialidade, entre outras, o caminho foi iluminado por inúmeras referências de edifícios que, de alguma forma, se assemelham a este. No fim, é sensato fazer uma leitura retrospectiva, verificando se a ordem de ideias inicial foi cumprida ou alterada e qual o seu significado.

O papel deste novo edifício será o de união artístico-temporal, cosendo o passado e o presente para um futuro promissor.



Figura 19: Incêndio de 2017 no Pinhal de Leiria.

Figura 20: Festival Pinhal das Artes 2011.

Ao longo dos tempos, São Pedro de Moel tem vindo a sofrer bastante com os efeitos reconhecíveis e já ineludíveis das alterações climáticas. Depois da perda de 2017, no grande incêndio que devastou o Pinhal de Leiria, assomam-se outros problemas causados por fatores naturais, nomeadamente, o avanço da linha do mar e, conseqüentemente, a diminuição do areal, e ainda, a ocorrência de tempestades tropicais cada vez mais recorrentes. Não é a primeira vez que este lugar é atacado pela natureza, mas agora os meios de gestão do pinhal estão diferentes e a intensidade destes riscos está enormemente ampliada. Todas estas complicações prejudicaram o modelo de economia, que se valia da praia e do pinhal como fontes de maior interesse, tanto turístico como de preservação ambiental.

Existe agora a possibilidade de, conjuntamente com medidas eficientes para assegurar a reflorestação e, provavelmente, um novo modelo de gestão do pinhal, desenvolver outras áreas de atividade, capazes de tornar São Pedro de Moel um lugar incontornável pela sua excecionalidade.

Num passado não muito distante, foi aqui que se inspiraram poetas e artistas, a convite do poeta Afonso Lopes Vieira, que legou uma vasta obra tanto física como intelectual, pensada e inspirada nas paisagens oceânicas e florestais. Foi ordenador de tertúlias para pintores, escultores e escritores, e é considerado uma figura essencial no enaltecimento do potencial cultural e turístico da região de Leiria. Mesmo após o seu desaparecimento inspirou vários programas artísticos que alcançaram grande divulgação, como os festivais de 1961 e 1966 organizados pelo mestre Joaquim Correia, nomeados de “Festival de São Pedro de Moel”, com teatro, dança, oficinas de escrita e de pintura. A prova de que o ramo das artes tem potencial para ser desenvolvido em São Pedro de Moel é o sucesso conseguido com a iniciativa de outro festival, desta vez designado de Pinhal



Figura 21: Cartaz publicitário Festival Afonso Lopes Vieira 2021.

Figura 22: Cartaz publicitário Festival da Juventude em São Pedro de Moel.

das Artes, que decorreu de 2007 até 2015, organizado pela Escola de Artes SAMP - Sociedade Artística Musical dos Pousos -, cancelado por conflitos com a gerência do pinhal e por falta de condições físicas, alegadamente. O único festival que prevaleceu até a atualidade é o Festival Afonso Lopes Vieira, que teve a sua primeira edição no ano de 2015 e é organizado pela associação Protur de São Pedro de Moel.

Não há dúvidas que São Pedro de Moel é um lugar de artes e, por isso, só faz sentido que, agora com carácter permanente, se instalem neste lugar espaços e equipamentos capazes de responder a todas estas vontades artísticas. O Centro Multimédia para as Artes Performativas não é um espaço convencional, é sim, antes de tudo, um lugar de promoção de atividades multivariadas. Muitas vezes, serão artes de fusão em que se cruza a música e a dança, ou a dança clássica e a dança moderna, ou a declamação e a poesia, em ambiente teatral ou de performance. Um lugar de experiências e deleite, auxiliados pelas novas dimensões da arte digital, proporcionando condições para que as novas tecnologias aconteçam e assim se criem momentos únicos e irrepetíveis, numa *black-box* que dialoga profundamente com a permanente inquietação do mar, sobre o qual se debruça.



Figura 23: Porto de São Pedro de moel em 1853, é possível ver os armazéns de madeira.

Figura 24: Transporte de mato na plantação de pinheiros nos cordões dunares, 1905.

CONTEXTO história local

Não é de longe uma cidade, nem de perto uma vila e também não é considerado aldeia... São Pedro de Moel é um lugar, um lugar na casa-mãe da floresta nacional. Inscrito no distrito de Leiria, freguesia da Marinha Grande, é muitas vezes descartado por quem não ultrapassa os limites físicos do Pinhal do Rei, que abraça e protege este núcleo urbano. Pelo contrário, quem por lá passa, não esquece o pequeno paraíso, seja por caminhadas no pinhal, por romances de verão, ou por palavras líricas nos poemas do mar.

É um palco de encantos naturais bem escondido, onde ao verde encosta o amarelo do sol e o azul-marinho. Orgulhoso por ter uma das praias mais belas do concelho, inscrita numa extensão de 18 quilómetros de costa marítima, onde surgem outras concorrentes, desde a Praia da Vieira, até à Praia Velha. A norte a costa propicia praias arenosas, extensas e praticamente retilíneas, mas, em São Pedro de Moel, a praia é pequena e irregular, protegida por falésias rochosas.

As três palavras São Pedro de Moel, aparecem juntas pela primeira vez numa carta de doação, escrita por D. Afonso Henriques na data de 1153, concedendo o povoado ao Mosteiro de Alcobaça.

Talvez seja o lugar mais notável de simbiose entre espaço florestal e urbano. Este romance começa no séc. XIII e nasceu inconscientemente pela vontade de D. Sancho II, o Rei Capelo, quando ordenou a plantação de uma faixa de pinheiros paralela à costa para conservar e proteger os campos agrícolas das areias que viajam com os ventos do ocidente. Mais tarde, o rei D. Dinis fez florescer o pinheiro manso no Pinhal de Leiria e herdou os créditos de lavrador fundador.



Figura 25: Rapaz derrubando lenha no cimo do pinheiro, 1941.



Figura 26: Pescadores nas rochas da arriba de São Pedro de Moel, 1958.

Figura 27: Praia de São Pedro de Moel com banhistas, 1958.

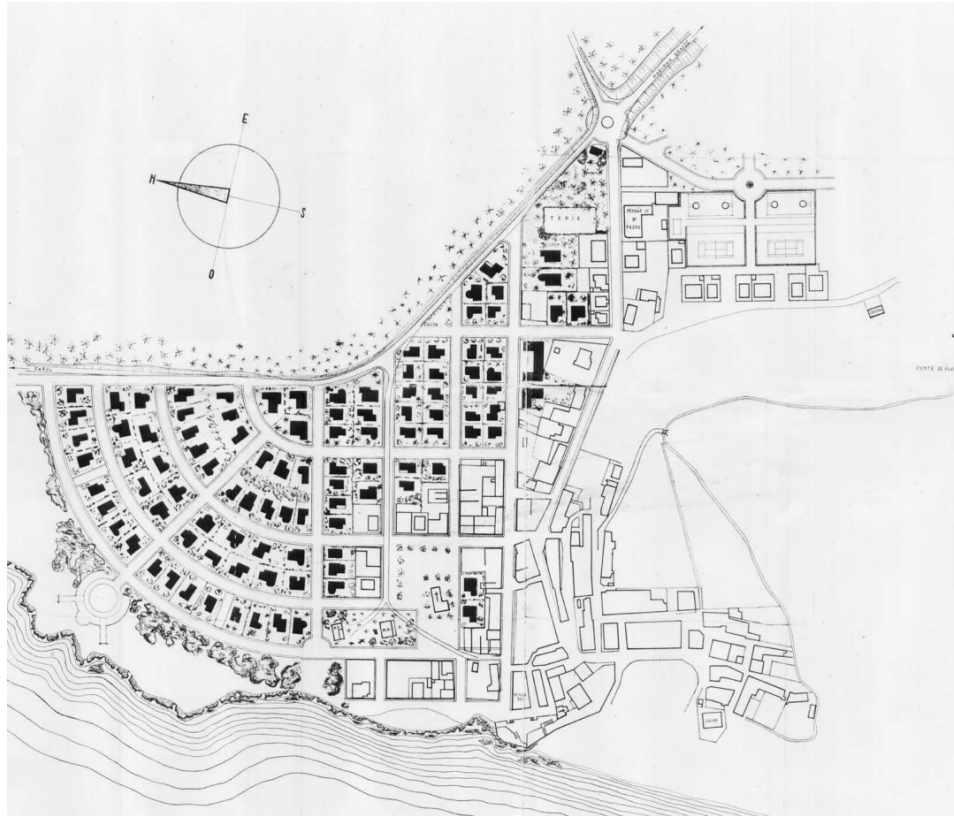


Figura 28: Plano de urbanização de Lima Franco, 1947.

Figura 29: Banhos em São Pedro de Moel anos 60.

O casamento prosperou a partir do séc. XV, quando São Pedro de Moel se tornou pólis de apoio à exploração madeireira do pinhal. Na época tutelava importantes infraestruturas, como o porto marítimo, que mais tarde seria apoiado, em 1790 — quando a Administração das Matas é cedida à inspeção da marinha — pelos armazéns junto à praia (tercenas), a fábrica de serração hidráulica e ainda outra fábrica.

No final do século XVIII a prosperidade económica instala-se como nunca, sob a responsabilidade do Ministro Martinho de Melo e Castro, que concedeu a exclusividade da exportação das matérias-primas do pinhal ao porto marítimo de São Pedro de Moel.

Vividos os tempos de glória, a natureza intervém e trava, gradualmente, este sentido de crescimento, até que o inverte. A história atribui a culpa do fecho do porto à deterioração da linha da costa e ao incêndio de 1824, no Pinhal de Leiria.

Entretanto, crescia um interesse gradual pelos ambientes balneares, mais propriamente nas águas da costa. Pessoas por todo o país procuravam destinos costeiros, guiados pelas suas crenças nas promessas curativas das águas salgadas. A prática banhar já era uma realidade, especialmente para os Marinhenses e Leirienses, que trabalhavam nas matas, na indústria vidreira e, mais tarde, nos moldes. Logo, não constitui surpresa que tenham surgido as primeiras moradias de veraneio nas imediações dos antigos armazéns.

Após a construção do eixo viário principal, de ligação ao núcleo da Marinha Grande, o centro urbano crescerá exponencialmente graças às suas novas atividades, guiado pelo plano de 1860, definido pela Circunscrição das Matas Nacionais, que já procurava regular as novas expectativas, mas era limitado para as carências e ambições do séc. XX. Com a mudança da tutela da gestão urbanística para a Câmara Municipal da Marinha Grande, em 1923, tornou-se mandatário o desenho de um novo plano de urbanização.

Como em muitos outros locais da costa portuguesa, o novo plano de urbanização de São Pedro de Moel surgiu numa época em que o Estado procurava expandir a ideia do turismo como elemento fundamental para a economia das regiões, e impunha a obrigatoriedade dos Planos Gerais de Urbanização, a partir de 1934. A resposta concluiu-se em 1947, quando foi apresentado o Antepiano de Urbanização de S. Pedro de Muel, pelo arquiteto José de Lima Franco. O modelo cidade-jardim, as residências isoladas de um a dois pisos e a permeabilidade visual entre lotes são conquistas deste plano.



Figura 30: Avenida do Farol, São Pedro de Moel, anos 70.

Figura 31: Piscinas Atlânticas Promoel, anos 70.

Apesar de o plano datar 1947, a câmara tinha vindo, durante 24 anos, a autorizar e favorecer a ascensão deste emergente lugar urbano. Até à data já existiam equipamentos de lazer em apoio das atividades balneares, como o casino (1931), espaços de diversão noturna, campos de ténis, integrados no chamado “Bairro Novo”, e um ringue de patinagem. Consequentemente, a capacidade hospedeira e de fixação aumentou, e o novo bairro a nascente, junto à estrada, estendia naturalmente o núcleo urbano nascido perto da praia. Esta expansão seguiu um traçado regular e ordenado, crescendo igualmente ao longo da colina a norte do vale do Ribeiro do “Ôlho”, e subindo até à velha capela e ao Chalé das Matas.

A aprovação do antepiano de Lima Franco só teve lugar em 1948, com os primeiros efeitos a acontecerem em 1950, com a construção de mais um novo bairro, a norte, que ficou conhecido por Bairro dos Naturais. Os lotes, paralelos à linha da costa, tinham uma posição privilegiada de proximidade com o mar, sobre a arriba. O seu nome surge da preferência dada à venda de lotes aos naturais de São Pedro de Moel, que habitavam o núcleo primitivo (LOBO, 2012, p.800). Já o coração do Plano desenvolvia uma ampla franja de desenho rádio concêntrico, preenchendo o topo do planalto e estendendo-se para norte, em direção ao Farol.

A ideia de construir a sul do vale central concretizou-se com a revisão do antepiano, também concebido por Lima Franco e datado de 1964, concluindo assim o desenho integral que marca bem a morfologia urbana do lugar.

Contudo, o equipamento mais feliz da história deste lugar terá sido, sem dúvida, o Complexo de Pisciniais da Promoel (aberto em 1972). Plantou-se no alto da arriba sul, sobre os últimos metros de praia, onde faz frente às ondas atlânticas. Para além do tanque de dimensões olímpicas e da piscina de saltos, o espaço incluía um salão de festas, restaurantes e bares.

O núcleo urbano cresceu para ser um lugar de veraneio e assim se foi condenando ao despovoamento durante a maioria do ano, em contraciclo com a procura intensa nas épocas balneares. Foi a população flutuante que contribuiu para a formação de uma das particularidades arquitetónicas tão única de São Pedro de Moel: a exploração espacial nas residências do modernismo inicial levada ao limite. Os “arquitetos” não estavam constringidos às típicas tipologias formais urbanas, e este lugar acabou por se transformar num laboratório de ensaios arquitetónico. Apesar da liberdade, não foi por



Figura 32: Bambi café, anos 70.

Figura 33: Farol do Penedo da Saudade, vista da ciclovia EuroVélo 1.

isso que a condição urbana foi perturbada, aliás, as diretrizes do plano de Lima Franco são executadas e preservadas com um rigor poucas vezes visto em Portugal, sem correr o risco de suburbanização ou dispersão da malha. Para isso muito terá contribuído a supervisão, rigorosa e restritiva, pela co-tutela exercida pela jurisdição administrativa das Matas Nacionais, que continuaram a considerar sua responsabilidade a proteção dos pinheiros e do ambiente florestal que sempre envolveu este lugar.

Enquanto o equilíbrio entre o pinhal, o mar e a urbe se manteve, São Pedro de Moel alimentou as suas potencialidades de destino balnear e ambiental, até estagnar pelo final do séc. XX. Esta centralidade, focada apenas numa única possibilidade de vivência, e sem possibilidades de crescimento imobiliário, acabou por fazer prevalecer, até aos dias de hoje, a essencialidade de São Pedro de Moel, contaminando as hipóteses de aparecimento de outras vertentes económicas.

A mudança recessiva, recentemente experimentada na economia urbana do lugar, começou a revelar-se como uma emergência quando a degradação dos serviços que alimentavam a vida deste lugar se tornou real, especialmente, com o encerramento das piscinas atlânticas e dos seus equipamentos complementares de diversão noturna, como havia acontecido antes com o encerramento do casino. Apesar de conservar competências para acomodar os dois ambientes: o de sossego e bem-estar com a natureza; e a vida noturna, de festas, convívios nas ruas e barulho; sem o apoio físico que sustentasse este segundo ambiente, o primeiro não foi suficiente para continuar a entusiasmar a presença e retorno da população mais jovem. Resultou então numa alteração de públicos.

No momento atual existe um promissor diálogo entre a procura das redes de ciclovias e o alojamento especializado que suporta e apoia o cicloturismo, que têm agradado aos ciclistas que procuram a Grande Rota Atlântica — EuroVélo 1. Paralelamente, o turismo de negócios da Marinha Grande acolhe-se em São Pedro de Moel, no que diz respeito ao pernoite dos visitantes, que na sede de concelho quase não dispõem de capacidade hoteleira instalada.



Figura 34: Vale dos Pirlamos no riacho de São Pedro de Moel.

o que lá existe

Uma casa com mais de 867 anos de vida, que ultrapassou os limites esperados, tem passado de memória em memória, e dela vive, contando os dias da espiral temporal. O estro é o ambiente envolvente, a praia tem uma energia que nos prende lentamente. Primeiro espanta, como é que um lugar tão sensível, belo e apaixonante, conserva a sua pureza num segredo que não deseja ser segredo? Como é que um meio tão pequeno nos faz sentir minúsculos e, ao mesmo tempo, da altura de uma duna gigante? A curiosidade seduz-nos, que rumo é este que me leva a casa, num sítio tão longe de onde nasci? E no fim, mesmo sem ter respostas, percebemos que já entrámos na curva centrifugadora. Aqui, o oxigénio tem algo raro, faz-nos respirar sorrisos sem dentes e olhos sorridentes. Dizem que o encanto está nas pequenas coisas, talvez na areia, nas folhas dos pinheiros ou no cheiro a sal, ou em todos. Estar e viver esta terra chega a ser uma experiência pessoal tão indelével que ao cair no centro da espiral, urge a vontade de chamar a São Pedro de Moel “meu”.

Para muitos, este fascínio não tem explicação, para outros a sensibilidade não é tão intensa, mas todos reconhecem fatores de culpa. Como o silêncio, rompido pela leve música do mar e do vento a cantar nos pinheiros. É difícil acreditar que um concelho com uma história tão ligada à indústria, aos moldes e ao vidro, tenha um cantinho aparentemente virgem à era industrial.

A aura urbana, é especialmente diferente e foi construída, em síntese, por quatro fases: a primeira no núcleo primitivo, onde outrora esteve o porto, e na periferia do vale do Ribeiro do “Ôlho”; a segunda, por interesses de reformulação do núcleo da povoação e expansão, iniciou-se a fixação do Bairro dos Naturais; a terceira fase estendeu-se durante um período maior, com a criação e execução do Antepiano de Urbanização de Lima Franco, aprovado em 1947, que consolidou a malha a Norte e Leste; a quarta e última fase resultou da ampliação do aglomerado urbano, estendendo-o para Sul.



Figura 35: Praça Afonso Lopes Vieira.

Figura 36: Rua de São Pedro de Moel, junto ao núcleo original.

Atualmente 91,5% do edificado, em São Pedro de Moel, é habitação, e 21,7% dessas casas corresponde a casas de veraneio (apenas foram consideradas habitações que são frequentadas exclusivamente durante o período balnear).

As ruas assemelham-se a outro tempo, um passado não muito velho, que se funde visualmente com o pinhal, como se este só acabasse no mar e as casas formassem dunas sofisticadas no horizonte. Os pinheiros saem dos talhões e ocupam o espaço privado com o mesmo vigor que o fazem no público, o que resulta num quadro pulverizado de copas verdes e ramos entre as janelas dos vizinhos. Os lotes têm dimensões amplas e geralmente a moradia é implementada no centro, favorecendo o jardim e as relações de vizinhança. A identidade moderna portuguesa, presente em São Pedro de Moel, foi moldada por uma elite nacional e acolhida desde o século XX. Aqui se confrontaram culturas modernas bem distintas com uma raridade de excelência na arquitetura residencial.

A singularidade própria está nas obras experimentais, executadas num período de opressão - Estado Novo - que acabou por ser a provocação ideal para excitar as capacidades criativas de arquitetos, e não arquitetos. As famílias veraneantes procuravam juntar a vida doméstica ao contexto de natureza pura, num reflexo modernista, esticando os limites da essência de uma casa-de-férias.

A viagem temporal e a riqueza verdejante são agora memórias que se vão esmaecendo. Hoje, o peso do silêncio traduz-se em ausência de vida; e que valor tem um segredo maravilhoso se ninguém o pode ouvir? Se ninguém tiver vontade de o guardar dia após dia? Tal como os segredos, São Pedro de Moel precisa de algo especial, marcante, único, para que se lhe preste atenção. Há uma beleza própria, e a estimulação sensorial que proporciona ajuda o turismo de natureza. Mas o espaço natural, que a suporta, não tem sido conservado, e sem ações de proteção, facilmente os ecossistemas morrem, ou são mortos, ficam sem voz.

Noutros tempos, outras consciências e pessoas tratavam a floresta como se do seu quintal se tratasse, preparavam-na para hospedar os convidados de verão, cuidavam-na para proporcionar sombra nos dias solarengos, e cortavam-na quando a agenda assim ditasse, para novamente replantar. Nos dias que correm falta a música dos bailes noturnos, as brincadeiras nas piscinas, os festivais de poesia e escultura, e os pingos de sal pela calçada, desde a praia até a porta. Com o fecho dos equipamentos de diversão noturna, o encerramento das piscinas Promoel, e a carência de iniciativas inovadoras e dinâmicas, nem o sol de agosto consegue impedir o decréscimo de procura de São

→→



Figura 37: Planta de Evolução Urbana de São Pedro de Moel.



Figura 38: Vista aérea norte de São Pedro de Moel.



Figura 39: Planta de Frequência de Uso de São Pedro de Moel.



Figura 40: Praia de São Pedro de Moel, Casa-Museu Afonso Lopes Vieira à direita.

Pedro de Moel como estância balnear de eleição, ou mesmo lugar de residência.

Segundo os censos INE de 2011, a população residente caiu para as 389 pessoas, em que a faixa etária dominante está entre os 25 e os 64 anos - 54,84% -, seguido do grupo de sujeitos com mais de 65 anos - 25% - traduzindo-se numa baixa percentagem de jovens e crianças. Esta condição é motivada pela falta de equipamentos, tanto sociais como de ensino, e até de prestamento de serviços de saúde. Como edifícios e espaços de serviço público, este aglomerado apenas está dotado de um posto da Guarda Nacional Republicana, uma igreja, um parque infantil, campos de ténis, um mercado esporádico, um farol e dois parques de campismo. Fora da época balnear, onde existe menor afluência, São Pedro de Moel é um deserto verde, onde os moradores vêm passar as suas noites, para na manhã seguinte voltarem às suas rotinas diárias, longe dos limites desta urbe; mesmo em horário pós-laboral quase não existem ofertas de atividades de recreio e lazer.

Outro edifício, eminentemente de interesse público, é a Casa-Museu de Afonso Lopes Vieira. Apelidada de Casa-Nau, pela sua localização e forma, foi o berço da navegação artística de uma das figuras locais mais empenhadas na consciencialização da importância do turismo, tão relevante na divulgação, conservação e dinamização do património cultural da Marinha Grande. Afonso Lopes Vieira não poderia ter desejado melhor presente de casamento, quando em 1902 o seu pai lhe legou a casa, que já estaria na família há décadas. Nela traçou a sua obra de poesias claramente terrenas, nas quais transparece a paixão do poeta pelo seu lar e por toda a região. Gerou-se à volta desta figura humana, e da residência que habitou, uma aura de excelência artística que se eternizou.

Afonso Lopes Vieira sonhava e acreditava no Estado Social, mas a fantasia de que o estado teria competências para criar, dirigir e suportar os bens culturais, orientados pelos interesses do cidadão, é um modelo fracassado. Assim, existe a necessidade de repensar os planos de dinamização cultural.

Em 1961 e 1966 organizaram-se os Festivais de São Pedro de Moel, dirigidos pelo mestre Joaquim Correia, que representou magnificamente o legado do culto pela arte estabelecido pelo poeta, filho da terra. O programa deste festival balnear incluía representações teatrais, atuações de música e dança, oficinas de escrita e de pintura, bem como a inauguração do busto de Afonso Lopes Vieira, trabalhado pelo próprio mestre Joaquim Correia, seu discípulo. As duas iniciativas ofereceram poder turístico



Figura 41: Mar a molhar as pedras da arriba.

de atração, mas aos poucos a iniciativa foi perdendo seguidores, tal como a praia. Como já foi mencionado, outros festivais tiveram lugar em São Pedro de Moel como acontecimentos pontuais, com ideologias idênticas, mas de variados nomes, sempre com alusão a este homem eclético da cultura, que muito sonhava com um futuro brilhante para a sua terra natal.

“S. Pedro de Moel está destinado a um futuro excepcional como estância de higiene, digamos espiritual; é a praia sem vento, ao abrigo das dunas mais altas da Europa (a da Agueira é até a mais alta), biombos vegetais de mais de 100m de altitude que criam junto ao mar uma atmosfera extática, perfumada de sais marinhos e resinas aromáticas, como na região celeberrima de Arcachon, aliás de dunas mais baixas. [...]”¹

Esta moradia no penhasco brindou o artista com o alento necessário para uma vida de poemas. É altura de criar mais janelas para o mar, mais laboratórios de arte, mais Afonsos Lopes Vieira.

1 NOBRE, Cristina. *Da casa de S. Pedro à CMALV*, 2013 . P.6.

ESTRATÉGIA O rizoma

A língua portuguesa é uma ferramenta bipolar, isoladas as palavras podem ter cinco ou seis intenções, aos pares podem até auferir valores antónimos, e outras tomam o significado que quem as profere muito bem entender. Diariamente é comum procurarmos comparações entre objetos visualmente parecidos, ou nomearmos algo que desconhecemos com um nome familiar, com as palavras o pensamento é idêntico.

O conceito de rizoma é original da área da botânica, e é associado a uma raiz que cresce à superfície e se dissemina horizontalmente, como um derrame. Ao contrário de uma raiz ordinária, o rizoma não é gerido por uma estrutura hierárquica, todos os seus elementos têm o mesmo valor, e todos colaboram igualmente na sobrevivência do ser coletivo. Assim, se uma das frações cessar de existir, as restantes não são afetadas. Esta ideia foi adotada filosoficamente em 1980 por Deleuze e Guattari no livro *A Thousand Plateaus*, guiada por quatro princípios: **conexão e heterogeneidade, multiplicidade, rutura, cartografia e decalcomania.**

Na arquitetura o rizoma é uma fonte de troca de conhecimento, onde os elos da rede são autossuficientes, e, no entanto, pertencem ao mesmo organismo de lugares. Tal como uma teia, porém tecida aleatoriamente entre as várias multiplicidades. Um desenho polimorfo de linhas entre conexões infinitas, influenciadas pela necessidade de crescimento, desatendendo à proximidade geográfica ou contextual. O rizoma resulta da osmose de redes planas temáticas, organizadas por camadas, sem prioridade, em que cada uma se solta da temática individual para integrar o todo.

Depois de uma análise aprimorada do território, salienta-se a carência de elos atrativos e diferenciados, sendo este um lugar que se quer reafirmar como destino turístico de

excelência e exclusividade, adotou-se uma estratégia de exposição. Com a inclusão de São Pedro de Moel em múltiplas redes atuais será possível associar o seu nome a outros afamados, à escala nacional ou até mesmo europeia e seduzir visitas curiosas e pequenas estadias, indispensáveis à revivificação ambicionada, alcançando o primeiro princípio, a **conexão e heterogeneidade**.

A exteriorização e conservação dos valores locais são duas ações importantes quando se pretende um reconhecimento a longo prazo. Para isso é iminente moldar a imagem de destino turístico e multifacetado e não apenas balnear (que corrobora a sazonalidade indesejada), criar e romper conexões, aberto a experimentações, indo ao encontro ao princípio da **multiplicidade**.

Num território com uma aliança tão forte com a natureza, seria negligente não beneficiar das riquezas do Pinhal de Leiria e por isso esta tornou-se uma das preocupações principais nos esforços da turma. A pertinência deste tema é retratada em toda a história de São Pedro de Moel, tanto na contribuição para a imagem populada de pinheiros dos postais de verão, como no fornecimento de madeira e areia, essenciais ao processo de fabrico vidreiro e da indústria dos moldes.

Um dos projetos que melhor interpreta o ambiente singular do pinhal é o projeto da aluna **Bárbara Silva** com o tema **Lugares Sensíveis**. Criando uma rede de 13 microarquitecturas disseminadas entre o lugar urbano e o pinhal, promove a redescoberta e reinvenção dos percursos já fixados – a volta dos sete e a volta dos cinco - desafiando a curiosidade do visitante com equipamentos contemporâneos e experiências de autoconhecimento harmonizadas pela união da arquitectura com a natureza.

O contacto com o ambiente nem sempre é tão óbvio, podemos desfrutar do conjunto vegetal sob o arco da curva no Centro de Serviços de apoio ao Turismo de Natureza, do aluno **André Galhardo**. Com o tema **Lugar de Encontro e Partida**, pretende ser a casa dos serviços de turismo de natureza da região e nela acomodar instalações de suporte a todas as atividades relacionadas, como passeios guiados pelo pinhal a pé, a cavalo ou de bicicleta.

Ainda dentro da temática Natureza & Cultura, que são os lugares de experiência no meio natural, surge o exercício de projeto da aluna **Mafalda Topa**, **Lugares de conhecimento**. Com um dos programas mais ávidos do grupo, pretende instituir em São Pedro de Moel o Museu Nacional da Floresta - esperado desde 2017 no concelho

com um carácter multipolar - apropriando-se de diferentes instalações e equipamentos das Matas Nacionais que se encontram abandonados e indefesos à erosão humana. O desejo antigo de valorização do património existente revoga a condição imaginária, num cenário de musealização dos valores intemporais, promovendo não só um, mas vários espaços num circuito turístico de memória.

Não só de sentidos vive o pinhal. O caminho entre a sede do concelho e a localidade estudada lembra agora um filme de terror; são cerca de 10 quilómetros de estrada serpenteada a rasgar um cemitério de pinheiros. Desde os incêndios de 2017, onde foi consumido 86% deste pulmão da floresta nacional, que poucas medidas foram tomadas para renaturalizar a área ardida. Não são apenas as grandes árvores que se perderam, o solo que alimentava este habitat ímpar está agora pobre e negro, como a biodiversidade. É esperado, por parte do governo, que a natureza se regenere naturalmente, sem serem necessárias mais ações invasivas, para além dos já plantados 2000 hectares. “O ideal é que os pinheiros do futuro sejam filhos dos pinheiros do passado” disse João Pedro Matos Fernandes, ministro do ambiente, na visita ao Pinhal do Rei em dezembro de 2020. A pensar num futuro ideal, é proposto pelo aluno Alberto Gomes o tema Lugar Produtivo, entusiasmado numa visão que celebra o empreendedorismo agro-florestal. É um conceito ambicioso, que propõe a reestruturação do uso do solo e integração de componentes agrícolas, tanto à escala do Pinhal, num sistema de faixas agroflorestais cuidado, como à escala urbana, espelhado numa zona de exploração agrícola trivial. Apesar de radical, esta proposta visa causar sequelas mais do que satisfatórias tanto no setor florestal como no setor económico, a longo prazo, possibilitando a produção de espécies lucrativas.

Indiretamente todos os projetos casam de algum modo com a paisagem, é importante lembrar que o território está vivo e em constante mutação, e a sua história pode e deve ser cuidada. A resposta mais eficaz para cativar a preservação comunitária é a instrução elucidativa do atual tesouro natural; oferecendo ao utilizador espaços de contemplação e aprendizagem capazes de se associar a memórias aprazíveis, como o exercício de projeto da aluna Inês Rosa, Lugares de Fronteira. A fronteira entre o mar e a terra é o objeto de estudo deste tema, enriquecida pela requalificação dos passadiços que percorrem as arribas litorais como fantasmas esquecidos. A ligação proposta entre a Praia de São Pedro de Moel e a Praia Velha é um complemento aos percursos estabelecidos, em sintonia com outras intervenções. Ainda por esta aluna, é sugerido um espaço de diversão noturna, a norte, brindando a praia de hoje, com memórias do passado, com uma intenção clara de seduzir uma plateia mais jovem e incitar diversidade de atividades de lazer.

São Pedro de Moel é uma praia gorda de histórias, narradas a cada esquina. Existe um edifício em particular que ainda vive na memória de muitos, até dos que só o conheceram em dias de nevoeiro cerrado. O Complexo de Piscinas Promoel transborda uma mescla de sentimentos dispares, nostalgia, saudade, alegria, mágoa... As ruínas, a sul da praia, são um cartão de visita extremamente impactante que merece um tratamento digno do seu valor. A aluna **Ana Afonso**, com o **Lugar de Saúde e Bem-Estar**, tem o intuito de reativar este polo simbólico da praia Marinha Grande, com um programa anual, dedicado à natação e às balneoterapias. Pretende-se criar novas dinâmicas, aliantes à fixação de população que procure a temática terapêutica como estilo de vida. Em paralelo, e á distancia de um passeio na marginal surge o **Lugar de Comunidade**, do aluno **João Costa**, um complexo pensado e adaptado para estimular o envelhecimento ativo, com residências coletivas e interativas.

Todas as novas histórias começam na memória... Nas folhas amareladas do arquivo na narrativa deste lugar, existe uma página dedicada aos pavilhões sobre as falésias do passado. Uma antiga pousada da juventude inaugurada em 1957, inicialmente a cargo da Mocidade Portuguesa, volta agora, escrita em folhas brancas, no tema **Lugar de Passagem Dinâmico e Convívio** da aluna **Helena Peixoto**. Este projeto vem contribuir para o combate à escassez de serviços existente, nomeadamente a falta de ofertas de hospedagem de baixo custo.

A falta de oferta de serviços, entre outros fatores, estimulou a retração demográfica, pelo que é importante criar e fixar uma oferta melhorada e completa, com programas de grande atividade, dinâmicas criativas e ativas. O **Lugar Central**, do aluno **Rogério Barroso**, é o nome do Centro Cívico projetado para São Pedro; reposicionado num quarteirão diferencial, à cota alta, assumindo uma posição de praça e lugar de reunião, em oposição ao centro histórico na cota baixa. Este espaço reserva-se a práticas de desenvolvimento industrial, com incubadoras e aceleradoras de empresas.

Instala-se assim, o início de uma rede interna, que exalta a cultura presente e entusiasma novas temáticas artístico-culturais, como é o caso da arte ecológica. São Pedro de Moel amadureceu urbanisticamente a partir do porto marítimo, expandindo-se progressivamente, e de forma bastante regrada, tendencialmente na direção do maciço arbóreo. Este crescimento mais ou menos radial, progrediu desde a Praça Afonso Lopes Vieira e contornou uma área de alto declive, o Vale do Ribeiro d'Olho; é nos braços deste espaço singular que se encontra a Casa dos Arcos, uma habitação com valor

arquitetónico acrescido, porém abandonada e em estado de degradação. O **Lugar Criativo**, da aluna **Ana Castilho**, é a proposta para ocupar este edifício, com um programa moderno, munido de todas as áreas necessárias para acomodar um Centro de Artes Criativas pensado para desenvolver oficinas de arte ecológica inovadoras.

O património cultural é matéria de peso e muito valorizado pelos residentes, tanto em valores históricos como em valores literários. No último século, a personalidade que melhor exaltou a imagem deste lugar costeiro, dá pelo nome de Afonso Lopes Vieira. O poeta que se enamorou por São Pedro de Moel e os seus encantos, deixou um património ciclópico, não só em registos escritos, como também em ações promotoras da região. A sua presença, está atualmente, representada na Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, a última residência do autor, que foi adaptada para museu, como o próprio deixou diligenciado no seu testamento. Apesar de estar a ser cumprida a vontade do proprietário, quem experiência o lugar percebe que há muito mais a fazer para dignificar o espaço. O projeto do aluno **João Viveiros, Lugar Literário**, pretende trabalhar em articulação com a Casa-Museu, afirmando-se como um equipamento cultural, focado nas artes literárias. O desafio consiste em criar um objeto arquitetónico que aja responsabilmente sobre a erosão marítima na frente costeira, e que responda á necessidade de catalogação e divulgação do legado do poeta local. Enobrecendo o antigo residente, com a promessa de um futuro rico em saber; este espaço está pensado para promover atividades educativas e de cultivo da mente.

“A arte não imita, interpreta” Carlo Dossi

As paisagens marítimas e dunares há muito que motivam pinceladas nos quadros de mestres. Por vezes esses quadros são telas, outras são meras folhas de linhas, ou até instrumentos musicais. A beleza é respirável, e compreendida no processo de expiração, e tal como com as palavras, cada artista apresenta o seu juízo na tela que mais o satisfaz. São Pedro de Moel é fértil em matéria-prima para a arte, um lugar de emoções, em que é quase visível o elã a evaporar-se da terra.

Como um bom mineiro, que escava na gruta onde viu ouro... também o arquiteto tem que interpretar as riquezas da árvore que deseja cuidar. Fisicamente homenageando a paisagem arbórea, e em articulação com a vertente cultural instala-se, no Vale do Ribeiro d’Olho, o **Lugar de Cultura em Ambiente Natural**, da aluna **Bárbara Machado**. Um anfiteatro ao ar livre em que a plateia é desenhada em harmonia com

as linhas geológicas, preparado para receber grandes espetáculos, como o Festival Afonso Lopes Vieira. Mesmo a genialidade deve ser limada pelo que, cada atuação necessita de treino e amadurecimento, assim, colmatando a falta de espaços de receção, exposição e eventos locais, surge o **Lugar para as Artes** no Bairro dos Naturais. Projetado para ser um núcleo de produção artística digital, o C.M.A.P. (Centro de Artes Multimédia e Performativas) compreende alas de ensaio e estudo na área do teatro, da música, dança, pintura, e outras artes performativas. Espera-se que a oferta de espaços livres de exploração, criação de conteúdo, e exposição do mesmo, cativem mentes criativas a visitas regulares e maior fluxo de viagens a São Pedro de Moel.

Se unirmos os pontos geográficos dos novos Lugares de São Pedro traçamos um desenho garatujo de linhas sobrepostas, um circuito. A apresentação de cada projeto criou uma história com uma ordem comandada pelo pensamento descritivo, mas poderia ter sido narrada por uma outra qualquer perspectiva, e teria outro desenho, outro circuito. No entanto, os Lugares guardam o mesmo valor, unidos ou separados; aqui representa-se os princípios da **rutura, decalcomania e cartografia**.

O pensamento rizomático move-se por todos os pontos cardeais, e faz girar o rumo por nós virgens. Alguns movimentos são óbvios, indiscutíveis; como a inter-relação dos projetos costeiros. Os passadiços marítimos nascem a norte, no farol do penedo da saudade, saúdam o Centro de Artes Multimédia e Performativas, e relaxam na praia, recostados no Lugar Literário; caminham pela frente marítima atravessando o Lugar de Saúde e Bem-Estar até ao seu vizinho, o Lugar de Comunidade; o passeio só termina no Lugar Sensível, no ponto mais a sul. O ato de caminhar é um processo apreciativo do meio circundante e dos sentidos que por ele são despontados, avançando para uma terapia não medicamentosa elegida por muitos, como o programa de eleição de uma tarde revigorante.

A renovação urbana de um aglomerado estagnado não parte forçosamente de uma reforma profunda. A introdução de temas já enraizados e maturados como pivôs é uma solução não-invasiva que procura empolgar novos públicos por meio de temas contemporâneos, como o projeto para a reforma da Casa dos Arcos, o Centro Cívico, ou a Pousada da juventude, que como o próprio nome indica está direcionada para um público mais jovem, uma faixa etária com um défice de crescimento em São Pedro. Quando falamos de projetos como o centro terapêutico ou o lugar de comunidade é reforçada a predisposição atual para se estabelecer aqui um polo de excelência para o Público mais velho.

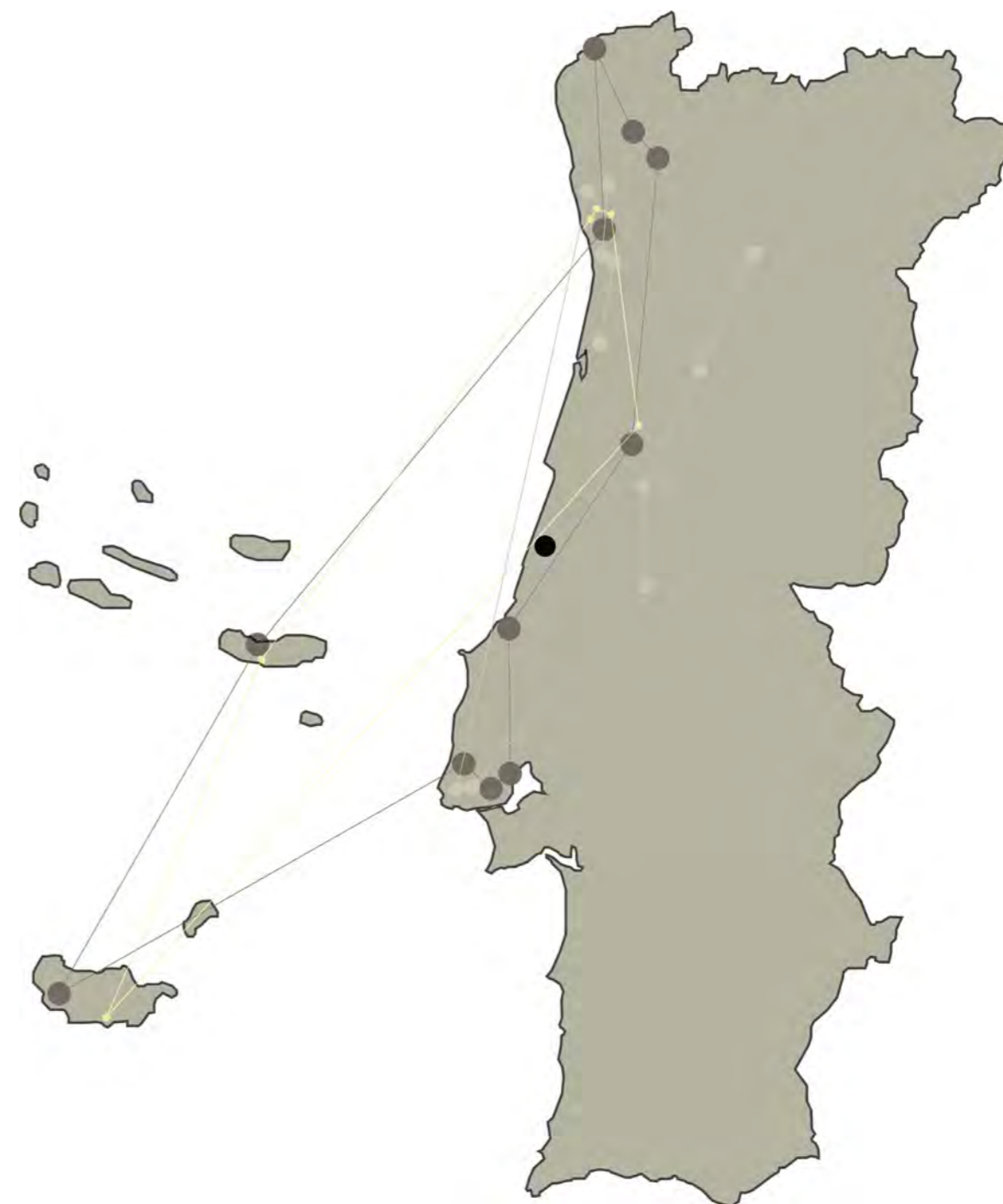


Figura 42: Rizoma nacional, Locais para a multimédia diversos.



| Farol do Penedo da Saudade |

| Lugar de Convívio |

| Lugar de Fronteira e Entretenimento |

| Lugar à Ciência Viva |
| Lugar à Interpretação Ambiental |

| Lugar de Passagem e Convívio |

| Lugar para as Artes C.A.M.P. |

| Lugar de Encontro e Partida |

| Lugar Central |

| Lugar de Fronteira e Entretenimento |

| Lugar Moderno |

| Lugar de Encontro |

| Café Bambi |

| Lugar Produtivo |

| Lugar Criativo |

| Lugar Sensível |

| Lugar de Cultura em Ambiente Natural |

| Casa-Museu Afonso Lopes Vieira |

| Lugar Literário |

| Lugar de Aventura |

| Lugar Comum |

| Campo de Tênis |

| Lugar de Saúde e Bem-estar |

| Lugar de Comunidade |

| Lugar Sensível |

São Pedro de Moel tem em si todos os elementos necessários para se tornar o epicentro de uma rede rizomática de lugares poderosos. O sonho é esmiuçar a alegoria, criando uma obra de arte que represente a ideia abstrata do que é um Rizoma.

< **Figura 43:** Programas propostos para São Pedro de Moel (legenda em anexos).

Figura 44: Vista do Farol do Penedo da Saudade para a arriba. >



A PROPOSTA

CASOS DE ESTUDO

O tema desta dissertação é dedicado ao majestoso e tímido lugar de O ciclo da vida é o único ciclo não renovável. É do senso comum que algo nasce, reproduz-se e morre. O Homem, como ser vivo, percorre esse mesmo caminho consciencializado de que o seu tempo é finito... a nossa imortalidade apenas existe na memória do impacto histórico. A arquitetura, pelo contrário, quando nasce, procura viver eternamente; para isso, ela quer ser memorável, desconcertante e encantadora. É uma fusão interessante, a mortalidade humana e a perenidade arquitetónica, o ato de, durante uma vida, o Homem tornar algo suficientemente impactante ao ponto de ele próprio se tornar eterno e exemplar.

Em qualquer exercício de criação projetual, o estímulo surge inevitavelmente de uma memória sensorial, de um momento, uma imagem, um conceito. Mesmo que involuntário, o pensamento analítico de interpretação e adaptação de obras arquitetónicas está indubitavelmente presente no momento de desenho. O ciclo de criação altera o seu filósofo, mas nunca acaba. Por isso, pretende-se analisar uma lista de obras pintadas pela relação terra&mar e enaltecidas pela simbiose entre a natureza e a arte.

Nesta dissertação são abordados três casos de estudo pelas suas características programáticas, espaciais e formais. Por conseguinte, o primeiro caso apresentado é o Centro de Artes da Calheta, Casa das Mudanças do arquiteto Paulo David na Ilha da Madeira; o segundo, Museu Chichu do arquiteto Tadao Ando em Naoshima, Japão; e por fim, a proposta de Eduardo Chillida, o Monumento à Tolerância para a montanha Tindaya em Fuerteventura, Espanha.

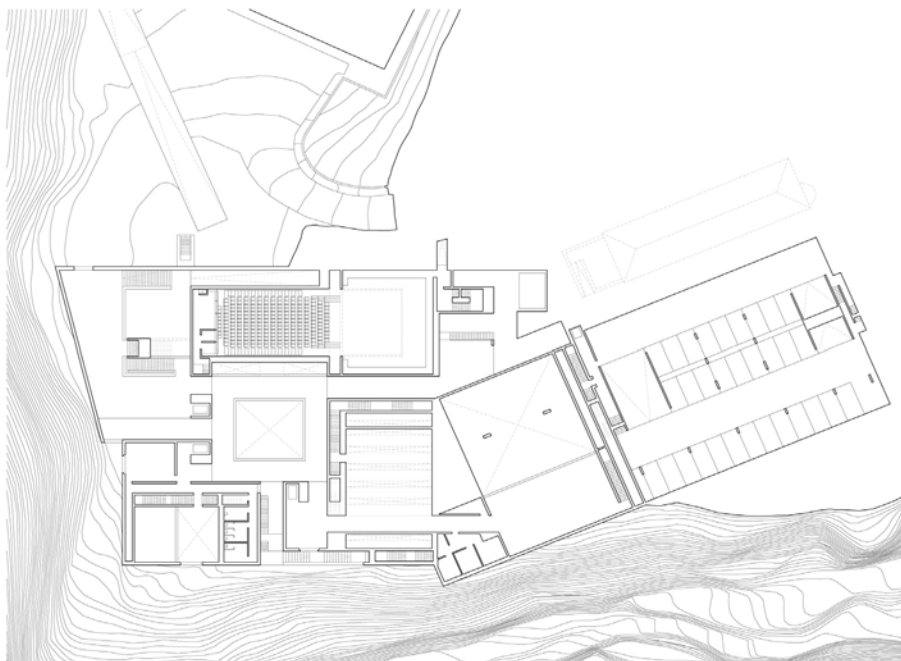


Figura 45: Centro de Artes da Calheta inscrito na arriba.

Figura 46: Planta nível -1, Centro de Artes.

Centro de Artes da Calheta, Casa das Mudanças

Paulo David, 2004

O Centro de Artes da Calheta, no Funchal, ilha da Madeira, é o clímax arquitetónico entre a natureza vulcânica e a vontade humana. Na zona mais a oeste da ilha, a linha de fecho de um monte que cessa repentinamente no embate com o oceano, é o palco de onde emerge um complexo dissolvido no ambiente rochoso. Esta obra é uma criação do arquiteto contemporâneo Paulo David, em 2013.

A ambição de implementar um projeto sustentável, capaz de dinamizar o território insular da Madeira, foi promovida pelo Vice-Presidente do Governo Regional da Madeira. O local de implantação foi estrategicamente descentralizado em relação ao centro urbano sobrecarregado de funções, bem como uma estrutura de espaços museológicos, possibilitando a criação de um espaço expositivo fora dos limites da cidade. Um espaço destinado à arte contemporânea, inexistente até ao momento. O novo Centro de Artes é traçado de raiz, agregando a atual Casa da Cultura da Calheta, e recebe um programa hodierno, bastante rico em temas contemporâneos do núcleo artístico e de representação.

O conceito fundamental é a de “redesenhar a massa montanhosa”, moldando-se aos limites topográficos e os seus recortes. Como uma peça esculpida no topo da arriba, este monumento à serra é distinguível pelos traços geométricos e fendas de miradouros, a sua presença marca a chegada, por águas oceânicas, a esta porção de terra rodeada de água.

“Aproximamo-nos do novo edifício sem dar conta dele. A falésia aparece ao fundo e atrás dela o horizonte, é mais uma prolongação do penhasco, mas mais ordenada. A intuição leva-nos a descer, mas não vemos o caminho. Giramos sobre os nossos pés e há



Figura 47: Salas de Exposições, separadas em dois pisos.

Figura 48: Auditório, boca de cena.

Figura 49: Varanda coberta, vista para o Oceano Atlântico.

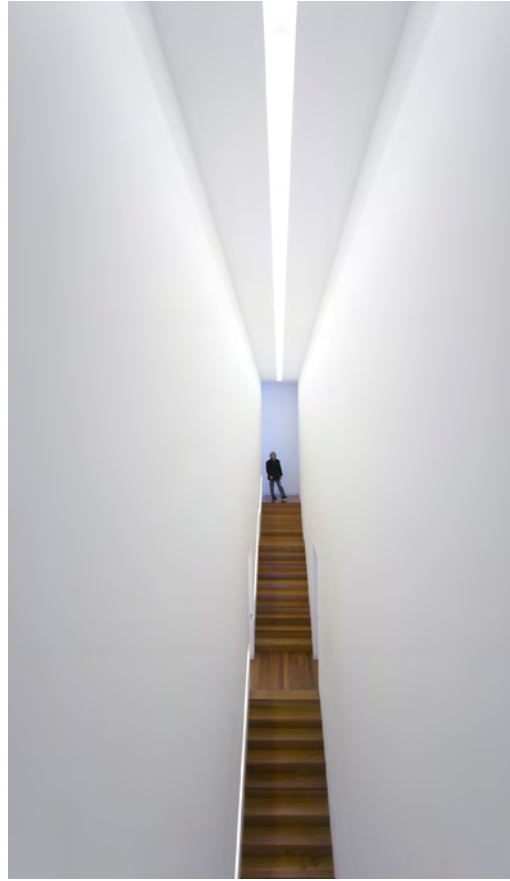
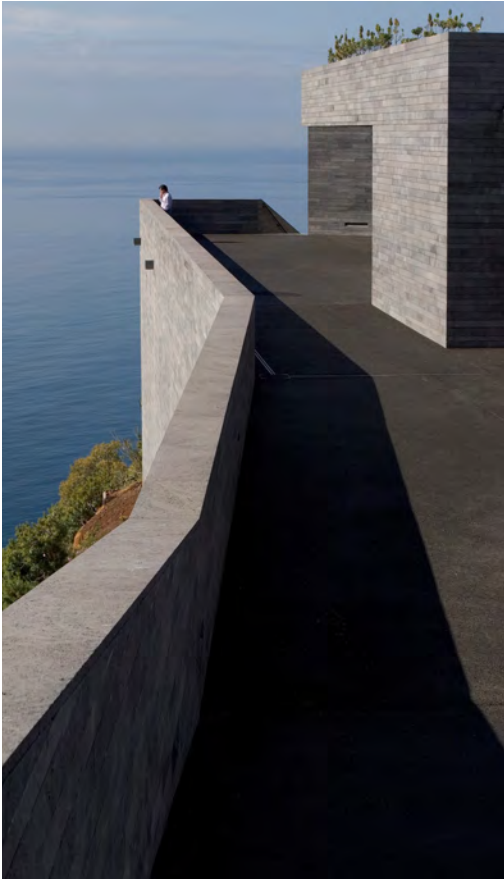


Figura 50: Circulação exterior.

Figura 51: Caixa de escadas no interior do edifício.

Figura 52: Átrio de distribuição exterior.

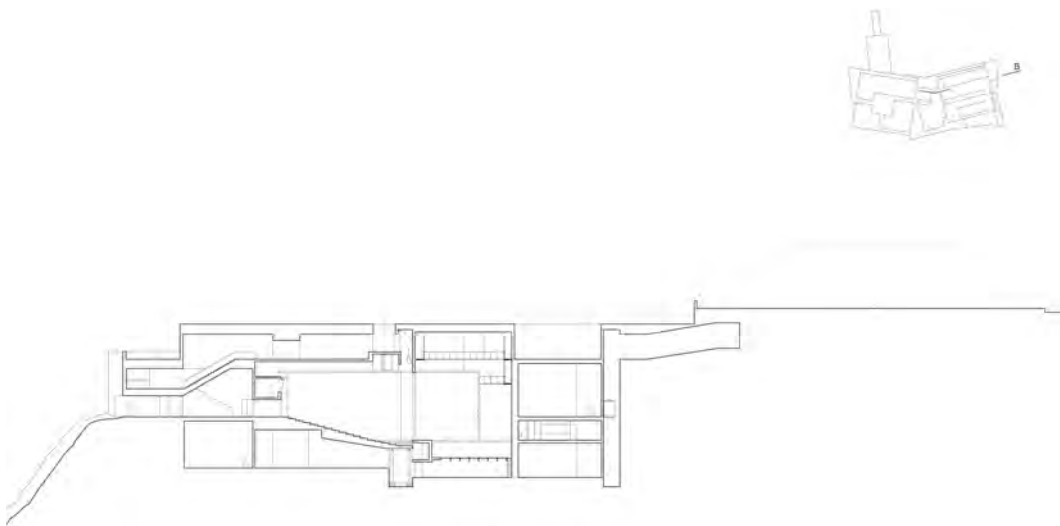


Figura 53: Corte Longitudinal, Casa das Artes Calheta.

Figura 54: Cobertura, Casa das Artes Calheta.

uma rampa que se estende à nossa frente, descemos suavemente através dela”. Excerto retirado de um texto fornecido ao *website* Archdaily, pelo arquiteto da obra Paulo David, que descreve os caminhos do complexo como uma dança de emoções... esta é também uma das visões que se pretende para o futuro Centro de Artes Multimédia e Performativas em São Pedro de Moel.

Na sua forma, a escavação é a técnica predileta para a criação de espaço, mesmo o volume exterior é subtraído pelos limites de cada área interior, propondo uma experiência subterrânea. O acesso principal é feito pela cota superior, sobre o olhar das coberturas do lugar, por uma rampa que nos leva até ao pátio principal quadrado, de onde se distribuem as funções do programa autonomamente em seu redor - salas de exposição, auditório, biblioteca, serviços educativos, loja, cafetaria, restaurante e espaços administrativos. A independência programática favorece os módulos do complexo, e permite uma maior flexibilidade no desenho dos percursos que cortam e interligam as áreas distintas, correndo para o ambiente em alguns momentos, contra a montanha e abraçando o horizonte marinho.

É impreterível destacar o auditório, também ele como uma black box, com lotação de 238 lugares, apto para diversos usos, concertos, projeções de filmes, bailados, teatros; conta também com salas de camarins. Para além do espaço retangular de plateia e palco diretamente confrontados existe uma ligação sob o auditório para uma sala de apoio, que serve as atuações e as exposições.

O complexo é um ótimo exemplo arquitetónico, enfrenta certas problemáticas idênticas à situação da área de estudo, São Pedro de Moel, tais como o isolamento demográfico (apesar de a morfologia ser ligeiramente diferente), a escassez de equipamentos dedicados à arte moderna, a estratégia programática de descentralizar o edifício, e implantá-lo num ambiente rural. É importante reter do projeto, noções de espaço e de forma, especificamente os seus miradouros, as opções de orientação de desenho, materiais, assim como demais ensinamentos estruturais.



Figura 55: Chichu Art Museum vista aérea.



Figura 56: Processo de construção do museu, 2002.

Chichu Art Museum

Tadao Ando, 2004

Naoshima, Teshima e Okayama são os três vértices do triângulo dinâmico que recentemente foi nomeado Benesse Art Site Naoshima, um conjunto de obras e atividades de diferentes tamanhos, tipologias e intenções, relacionadas com arte e arquitetura nas ilhas japonesas do Mar Interior de Seto reconhecidas como parque nacional do Japão. O lema é o de criar espaços significativos artisticamente, em sintonia com a essência intocada do mar, com tanto de cultura histórica bem como de beleza. O foco principal não são as intervenções por si singularmente, mas sim cada ilha e as pessoas que nela vivem. Pode-se dizer que aqui está idealizado e executado um rizoma complexo bem conseguido. Não só tornou o arquipélago um polo de interesse turístico, como entusiasmou a população, maioritariamente envelhecida, a participar nas atividades e a promover a sua cultura histórica, trazendo o passado para um presente ativo.

O segundo caso de estudo é novamente uma construção subterrânea, desta vez, do lado oposto do globo em Naoshima, o Chichu Art Museum. O museu é erigido em 2004 para o subsolo, onde repensa a relação entre o Homem e a Natureza, enaltecendo a vista marítima na colina.

Como mestre da luz que é, Tadao Ando, desenha o alinhamento perfeito da planta, que melhor favorece a iluminação interna para o seu labirinto cavernoso. O objetivo do arquiteto é o de gerar um modelo que permitisse entender como o espaço é criado por meio da luz e como se altera com ela, mesmo num desafio acrescido, a escavação. Cada sala tem um ecossistema próprio e tira partido dos diferentes horários do dia e das variações de luz solar e lunar, assim estas perturbam a simulação estática, dando diferentes personalidades aos espaços ao longo das estações. A magia deste templo à ilha

- 1 ENTRANCE LOBBY/SHOP
- 2 INFORMATION
- 3 OFFICE
- 4 VOID
- 5 LOBBY
- 6 WC
- 7 MECHANICAL
- 8 DIRECTOR'S ROOM
- 9 ENTRANCE COURT (SQUARE COURT)
- 10 JAMES TURRELL SPACE
- 11 CLAUDE MONET SPACE
- 12 CAFE
- 13 TRIANGULAR COURT
- 14 FOYER
- 15 WALTER DE MARIA SPACE

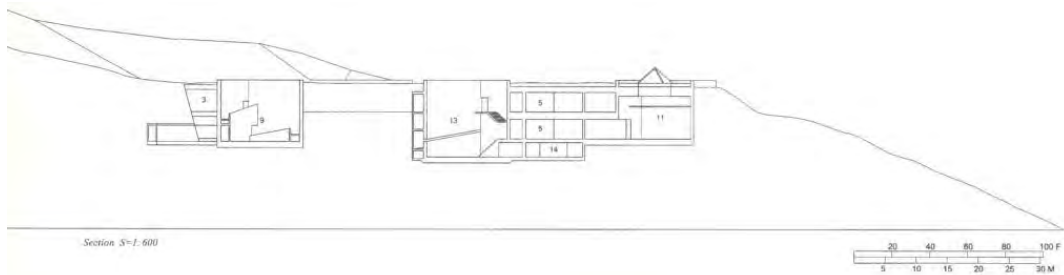
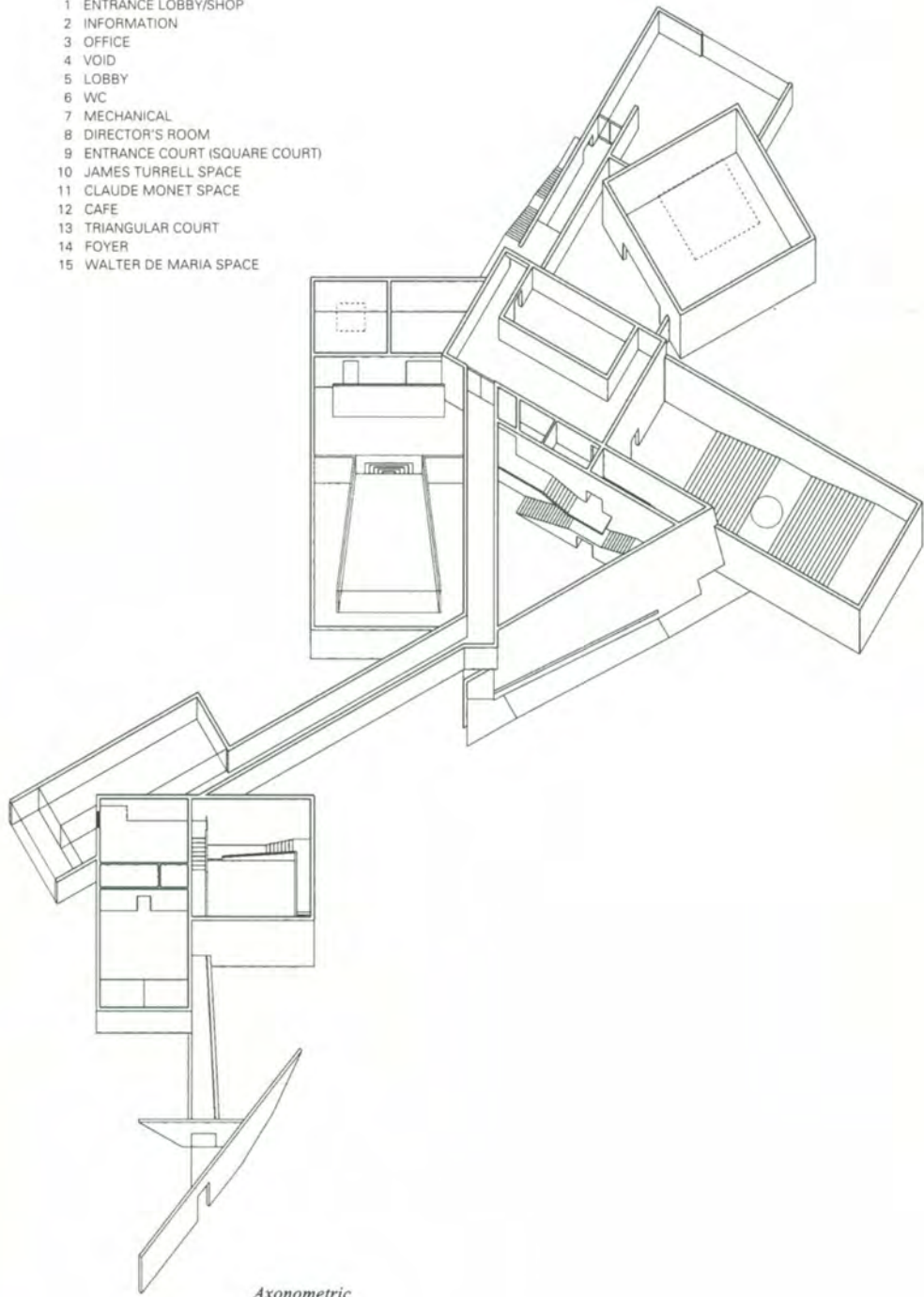


Figura 57: Axonometria, Chichu Art Museum.

Figura 58: Corte longitudinal pelos pátios.

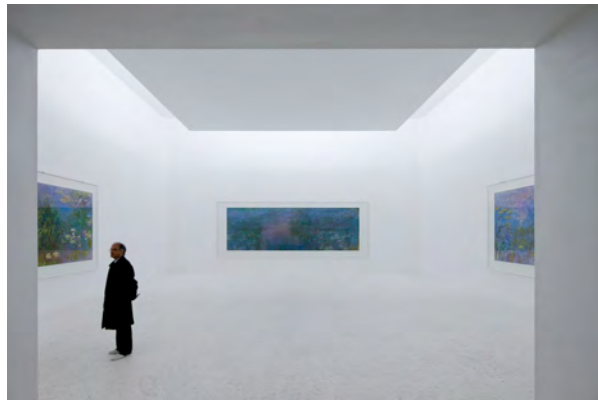


Figura 59: Sala de Walter de Maria.

Figura 60: Sala de James Turrel.

Figura 61: Sala de Claude Monet.

Figura 62: Sala pátio de contemplação.



Figura 63: Corredor circundante do pátio triangular.

Figura 64: Pátio de escadarias quadrado.

Figura 65: Entrada no centro.

é, sem dúvida, a metamorfose, cada momento é único e novo cada vez que o visitamos.

Tadao Ando projetou a planta como uma narrativa, escrita na encosta, ditada por formas simples, geometricamente perfeitas. Uma história de leitura de norte a sul, com percursos espontâneos, quebrando a monotonia linear de comuns trajetos retos. As condições morfológicas do terreno somadas à decisão de construção atópica, resultam numa liberdade de desenho extrema, por não existir um eixo imposto, ou direção dada; estão reunidas todas as condições para a criação de uma experiência sensorial de um novo universo controlado, rico em surpresas e ficção. Entrando no Museu, a simplicidade das paredes, mergulhada na mistura monocromática de sombras, guia o percurso ao visitante, desviando a atenção do mesmo para os elementos naturais, estrategicamente posicionados nos átrios como um escape à claustrofobia dos tuneis. Pensando na oportunidade de enriquecer a experiência do usuário, o arquiteto procura exclusividade em todos os espaços que acomodem as obras de arte de cada um dos três artistas com quem trabalhou (Claude Monet, James Turrell e Walter de Maria), atendendo às dimensões exigidas para a exposição de cada uma delas.

Quando visto de cima parece um cartaz de design gráfico, estendido sobre um terreno irregular. O seu desenho planimétrico aparenta uma distribuição mais ou menos aleatória de formas geométricas, que apesar de estarem enterradas, procuram a luz, emergindo à cobertura, por vezes abrindo grandes poços, como os pátios, o triangular e o quadrangular, bem como corredores retangulares que os relacionam. Os restantes relevos escalados e moldados pelo terreno denunciam as restantes salas de exposição, a recepção, e a cafeteria.

Sente-se a presença do brutalismo, acariciada pelo uso minimalista de materiais vigoroso, com predominância do betão, enriquecido pelo aço e vidro. O ambiente é traçado por linhas perfeitas, que ocultam todas as instalações técnicas, contribuindo para a aparência limpa e simples das superfícies. Apesar de o betão ser conhecido como um material pesado e sólido, as paredes são vibrantes e leves visualmente, com um acabamento de baixo brilho que cria um efeito radiante e arejado, quando paralelas ao céu azul, traz paz ao lugar e proporciona um estado de puro zen, característico das obras de Tadao Ando.

A questão conceptual atópica, conquistada para este museu, acompanha a originalidade de todas as outras intervenções pertencentes ao movimento Benesse Art Site Naoshima; porém é inevitável questionar os efeitos ambientais de todo o processo de construção, que implicam a destruição massiva e muito agressiva da terra, enquanto a intenção primária é a de “encaixar” o edifício na paisagem, respeitando o local existente.

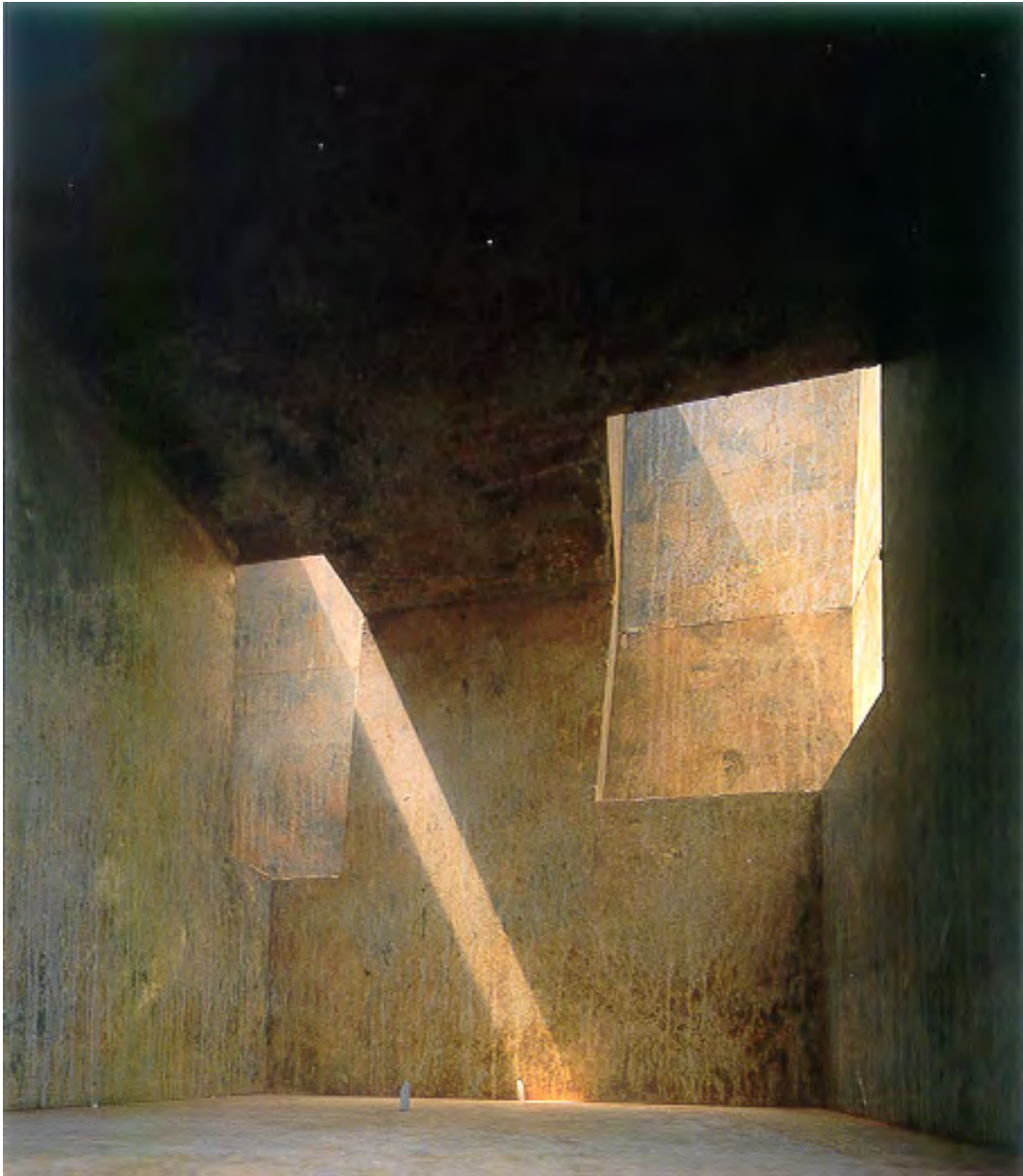


Figura 66: Desenho de Eduardo Chillida.

Projeto Tindaya Mountain, Monumento à Tolerância

Eduardo Chillida, 1996

“Como se nos sentíssemos menores do que pensamos ser e mais tolerantes uns com os outros!”

Eduardo Chillida, 1997

No cenário de paisagem plana e árida de Fuerteventura, Espanha, levanta-se por 400 metros de altura a montanha solitária que maravilhou o escultor Eduardo Chillida, Tindaya Mountain. Depois de anos em busca do local perfeito para a sua visão escultória, o artista apaixonou-se à primeira vista por esta beleza sagrada da natureza.

Tindaya nas Ilhas Canárias é a parte interna de um vulcão agora erodido, com mais de 20 milhões de anos. Com o passar do tempo, surgiram novas diversidades funcionais, motivadas por descobridores, ativistas, empresários e visionários; para uns era um local arqueológico de grande valor, para outros um ambiente protegido e de conservação, um recurso de mineração, e ainda o estímulo para uma obra monumental. A problemática da duplicidade da montanha como um ambiente protegido e um recurso de mineração, começou a ser considerada seriamente pelo governo, quando alguns ativistas questionaram a competência institucional que permitia legalmente a extração de rochas de uma área supostamente protegida. A degradação progressiva do ambiente e do património cultural obrigou a que em 1993 fosse encomendado um Plano de Proteção Especial. A intenção seria a de motivar o encerramento da exploração mineira, rejeitando a opção de compra total dos direitos minerários, pois seria extremamente dispendiosa. A solução encontrada envolveria o aproveitamento do estado atual das pedreiras para a realização de uma intervenção artística.

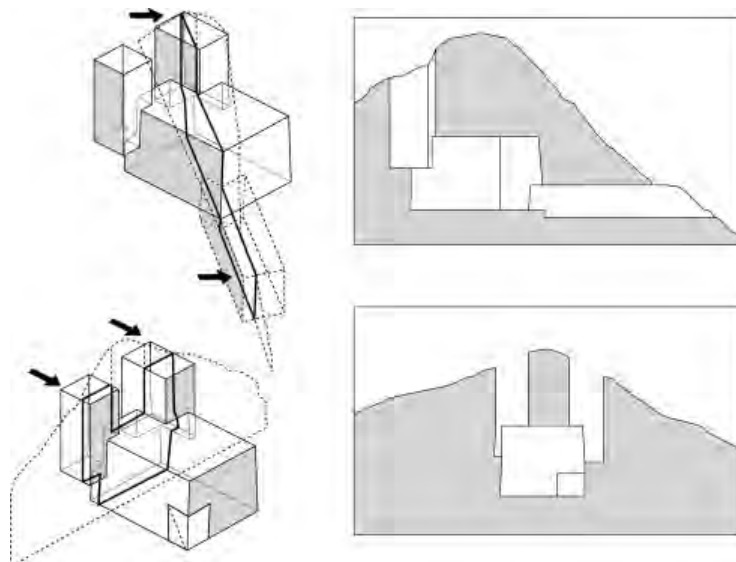


Figura 67: Simulação virtual do projeto de Eduardo Chillida, pela VirtuVius.

Figura 68: Esquemas de inserção de projeto na montanha.

Chillida foi o escultor que participou nesta resposta governamental, porém, a sua proposta radical para o lugar abandonava completamente a ideia inicial: pretendia “escavar” um impressionante cubo no coração da montanha, produzindo um grande vazio cavernoso, maior que o Panteão de Roma.

Chillida idealizava a criação de uma escultura subterrânea fundamentada em conceitos de espaço, escala e luz, sem a presença visual de qualquer forma, num espaço para toda a humanidade. A ideia do artista seria a de construir um lugar para pensar e meditar a paisagem a partir de dentro, comunicando com o exterior em três pontos a lua, o sol e o mar.

A Arup, uma empresa multinacional que fornece serviços profissionais de engenharia, e demais áreas de consultoria de construção, foi encarregue de realizar os estudos necessários para avaliar a viabilidade da proposta. O projeto técnico implica a extração de 125 mil metros cúbicos de pedra para a abertura de uma sala cubica de 50 metros de largura, 65 metros de comprimento e 45 metros de altura, iluminada por dois longos túneis retangulares que intercetam o vazio principal. A ciclo de luz do sol e da lua flutuará com diferentes intensidades através das duas claraboias gerando um espetáculo de luzes humilde e eficazmente grandioso. Para chegar a esta câmara o visitante terá de percorrer um túnel de cerca de 80 metros de comprimento e 18 metros de altura, que se inicia a um nível inferior ao da sala principal, o que lhe permite isolamento visual entre os dois momentos. O contraste de escalas entre o percurso e a meta amplia a monumentalidade espacial do seu interior e cria uma carga dramática face à escala entre o homem e o mundo.

O que começou por ser uma visão simples para travar a erosão humana, acabou por se tornar num caminho para a utopia sonhada por Eduardo Chillida e uma proposta bastante sedutora para os políticos. Tanto que declararam o projeto de “interesse regional”, iniciaram estudos de viabilidade e realizaram esforços para a compra dos direitos mineiros. Importa mencionar o estado do país na década de 90: com a entrada de Espanha na Comunidade Económica Europeia em 1986, o estado promoveu um período de modernização extrema, principalmente na construção de grandes infraestruturas e o Monumento à Tolerância de Eduardo Chillida seria a oportunidade de Tindaya participar nesta nova era e capaz de romper com o passado.

Porém, este impulso visionário que seduziu os políticos da região, provocou ativistas

ambientais que argumentavam que o Estado estaria deslumbrado por uma visão que destruiria o verdadeiro monumento, a montanha. Esta oposição ao projeto de Eduardo Chillida foi tão inquietante que culminou em protestos no centro da aldeia, ações legais contra o Governo e muitas palestras e debates.

A promessa de uma intervenção que revolucionaria a maneira como olhamos a montanha nasceu há mais de 28 anos, e apesar de não ser construída, também não foi abandonada; os desafios legais e as dificuldades de financiamento impediram até hoje a sua finalização, mas isso não significa que o “Monumento” não exista.

Este caso de estudo foi escolhido pela controvérsia de opiniões que criou, pelo sonho poético de escavar um lugar que simbolizaria um despertar de consciências. Uma obra que utilizaria o vazio como gerador de pensamento retrospectivo. Mesmo impugnável, certamente transformar-se-ia num ícone de arquitetura e uma experiência sensorial inesquecível... e por isso a ideia não morre, a memória e a história devem ser honradas e preservadas, mas a chave está em saber quando e como o futuro pode coexistir o passado, no presente.

*Um país nada pequeno,
com terras nada pequenas,
de paisagens escondidas,
capazes de surpreender os mais céticos,
estes lugares esquecidos, estão à espera que um olhar inovador
se interesse por eles.*

São Pedro de Moel também está à espera...

*Só os aventureiros procuram as vertigens ao caminhar nas arribas,
mas quem não respira fundo
quando olha para o mar?
Quem não se lembra de canções perdidas?*

*São Pedro de Moel inspira mar,
inspira pinheiros e inspira arte!*

*E que banco seria mais confortável
do que aquele que nos faz inspirar natureza,
e expirar música?
As arribas do bairro dos naturais têm essa beleza.*

*A ideia deste projeto é uma caixa preta,
que pode não ser preta,
pode ser de uma cor qualquer
Mas tem que ser o palco de um homem,
ou o bailado de uma mulher.*

*E para conservar a essência
deste bairro tão naturalmente pequeno,
pode ser escavado no seu terreno.*

*Temos então a caixa preta
no centro de uma descida entre a ruína
e a praia adormecida.*

*Um novo lugar para as artes em São Pedro de Moel,
responde a uma vontade local de abraçar a cultura,
e que esta esteja sempre ao alcance de quem a procura.*

*Aqui há espaço para o teatro,
a dança,
a música,
e até a pintura, todos na mesma partitura.*

E tu? Qual é o teu verso?

filosofia do lugar

A arquitetura é uma ferramenta de alegoria entre a realização humana e a arte espacial. A experiência corpórea da arquitetura liberta a interpretação individual, o entendimento do ambiente construído, que influencia indubitavelmente a forma como vivemos. Ainda assim, é exorbitante como esse julgamento se acomoda vulgarmente numa espécie de condição de indiferença, desmotivadora de criação e promotora de inércia temporal.

O caso de São Pedro de Moel é insólito; a estagnação é alcançada por uma limitação física de expansão associada à categorização de local de veraneio que adveio das tipologias; enquanto a consciência social beneficia a preservação de todo o património construído a um nível superior ao habitual. Aqui o julgamento não é de resignação, existe uma grande perceção por parte dos residentes e visitantes da condição existente, dos aspetos favoráveis, e mais importante, dos fatores prejudiciais e impedidores de desenvolvimento. Foi precisamente a visão coletiva da necessidade urgente de mudança que motivou ao desafio de reinventar São Pedro de Moel.

Desde os primeiros esforços de regar e controlar o crescimento urbano, com o plano de Lima Franco em 1947, que se distingue uma atitude de intervenção cuidada e contida para o aglomerado. A preocupação foi, e é, a de minimizar movimentos de massa e intervenções invasivas, bem como a de preservar a singularidade histórica de um dos únicos lugares costeiros que permaneceu fiel ao plano ditado na época do Estado Novo. Se por um lado o trabalho de proteção do espaço público se tem mostrado atento e válido, o investimento e interesse no progresso de São Pedro de Moel, pelas entidades responsáveis, é insatisfatório. A proteção costeira, o apoio com estruturas de serviços acessíveis, a reinserção de polos dinamizadores de atividades de recreio e lazer e os programas de cuidados florestais são algumas visões ensaiadas no exercício de turma, que vêm dar resposta às pretensões iniciais.



Figura 69: A habitação em ruína no lote da proposta.

O objeto de trabalho desta dissertação enquadra-se na temática dos equipamentos públicos em carência grave. O C.M.A.P. é pensado como um agitador de águas, salgadas ou doces, municipais, nacionais e mundiais, gerador de exposição, exterior à comunidade local ou vice-versa. Propõe-se a ser um canal vanguardista que dialogue constantemente com as evoluções geracionais e que as reflita na sua estrutura e meios, para um público multicultural. Com a devida divulgação, o projeto deve atrair os dois integrantes basilares de um evento artístico, a plateia e o palestrante, em caráter educativo, profissional ou de lazer. A liberdade cultural, não restritiva, possibilitará que um roteiro de uma simples caminhada marítima se converta numa sessão de ensaio vocal, em que o presumível espetador sobe ao palco e se atreve a sentir o prazer de estar fora das plateias. **A ideia acompanha a forma, fala por ela e com ela;** como o edifício quer acomodar uma dualidade ou multiplicidade de funções, as linhas espaciais refletem a versatilidade essencial para a adaptação de um conceito díspar ao ambiente da falésia.

O lugar para as artes não é só um edifício, é também uma aliança entre as artes performativas e a era digital, projetando os programas que são criados e vivem dentro dos limites físicos do centro, para os principais polos de movimento social de São Pedro de Moel e da Marinha Grande. Na prática a tarefa aparenta ser complexa, mas na verdade, o que permite a simplificação são os avanços científicos e os meios tecnológicos que há umas décadas seriam quiméricos. Hoje, a possibilidade de revolucionar os meios de apresentação e comunicação está a uma distância encurtada e facilmente alcançável, com os devidos investimentos; a mudança já existe em algumas instituições, e tem comprovado a sua empregabilidade favorável. Imagine-se um panorama em que o espectador pode escolher o seu assento na exibição de um espetáculo... nesta escolha está um cenário completamente diferente e longínquo, que não a plateia de um auditório, mas por exemplo, a toalha que o banhista esticou na areia, sob a sombra de um pequeno chapéu de sol.

Numa simbiose ambiciosa, o projeto desenvolve não só um edifício físico, mas também a ideia de uma rede de plataformas digitais, que se pretende que cresça fisicamente, com a colocação de ecrãs em locais estratégicos no centro e periferia de São Pedro de Moel, bem como Marinha Grande. Assim, alguém que se encontre em um tratamento terapêutico nas piscinas marítimas, a sul, pode acompanhar e interagir com o espetáculo de violoncelos, (ou outra atuação) que esteja a decorrer no C.M.A.P., a norte do lugar.



Figura 70: Vista aérea da área de Faixa Costeira interveniente.

De repente, surgem novas dinâmicas entre o artista e a audiência, num conceito atual e contemporâneo.

Apesar de o considerar um edifício modernista, o Centro é uma quimera do futuro, que só teria esperança de vida no passado portugalense. A intenção de responder às lacunas territoriais é, neste caso, refletida num espaço de dinâmica cultural permanente, que se propõe a trazer vitalidade a uma comunidade residente e eventualmente estimular o seu reforço quantitativo. Um programa com este carácter e dimensão exige um recinto com áreas consideravelmente grandes, excedentes ao lote de implantação, e liberdade de criação projetual; é também por este motivo que foi adotada a estratégia de **escavação**. Embora a sua implantação, à cota da rua, se insira inteiramente nos limites urbanos predefinidos, a proposta para os pisos subterrâneos requer áreas variáveis que se estendem para zonas não urbanizáveis, nomeadamente a faixa costeira. A proposta funciona como uma nova frente marítima que protege a arriba e a estabiliza, combatendo a tendencia de recuo.

Com o início do século vinte e um, as preocupações ambientais e de controlo rigoroso do estado decorrente na costa portuguesa agravaram-se. Desde a criação do POOC (Plano de Ordenamento da Orla Costeira), agora revogado pelo POC (Programa da Orla Costeira) em 2000, a legislação em vigor obsta qualquer construção de novos edifícios em Faixas de Salvaguarda em Litoral de Arriba, o que neste caso inclui toda a superfície desde as traseiras do edifício até à crista da arriba, para oeste. Os POC são desenvolvidos pela APA (Associação Portuguesa do Ambiente) associada ao ICNB (Instituto para a Conservação da Natureza) e assumem um perfil estratégico e fornecem normas, referentes à administração e gestão de solos costeiros, atendendo com maior cuidado, aos riscos ambientais e à necessidade de proteção dos sistemas bio diversos. Após a aprovação do POC - OMG (Programa da Orla Costeira de Ovar e da Marinha Grande), este é incorporado no atual PDM (Plano Diretor Municipal) da Marinha Grande, consoante a sua aplicabilidade em cada localização geográfica, restituindo o domínio urbanístico às Câmaras. Desde a última alteração, em 2018, que a zona norte do limite terra&oceano do aglomerado urbano de São Pedro de Moel está estabelecida em modelo territorial como Faixa de Salvaguarda em Litoral de Arriba para Terra Nível I. Avaliadas como “(...) Faixas de território paralelas à linha de costa, que apresentam maior nível de sensibilidade à dinâmica erosiva junto à crista da arriba e destinadas à salvaguarda e mitigação dos impactos decorrentes da instabilidade e eventos de recuo em arribas ou de outras vertentes (...)”. Em termos de aplicabilidade significa que, imediatamente após os limites urbanos do Bairro dos Naturais, são expressamente

proibidas novas construções, a ampliação e reconstrução de existente, exceto em poucos casos, como fixação de estacionamento e acessos a instalações amovíveis ou fixas.

Existe o pensamento extremamente consciencializado da dimensão utópica desta proposta, pela legislação em vigor em Portugal bem como a sensibilidade ambiental que é despoletada. Não é, de modo algum, um tipo de intervenção pacífica, como as exceções permitidas; porém, emerge algumas questões pertinentes, como é que é permitida uma intervenção de uma extensão de quilómetros, como é o caso dos passadiços de madeira, cada vez mais presentes nos passeios marítimos, sem serem agravados argumentos de impacto ambiental, de frequência de uso, manutenção, longevidade... será esta ação justificável aos olhos dos outros impedimentos? Quando pensamos no futuro, terão estes trilhos mais vida do que o habitat de um artista? O C.A.M.P. está tecido para ser uma das pedras-de-toque na definição do lugar urbano; contribuir para a consolidação e preservação da arriba, atendendo à sua própria estrutura e organização volumétrica; e possibilitar, a todos os utilizadores, a inquietação dos sentimentos nascidos entre a imensidão do oceano, a força da arquitetura, o prazer da arte e a justiça da Natureza.

A resistência legal contra a generalidade das intervenções neste território, é a resposta à leitura da condição patrimonial e natural, que está aqui exacerbada, à mercê de décadas de negligência, camuflada, sob uma sequência de tábuas de madeira salgadas.



Figura 71: PROPOSTA - Planta de cobertura/implantação com percursos de acesso e circulação (legenda em anexo).

implantação

O Bairro dos Naturais é criado no final da década de 40 do século passado, em paralelo com a inserção do modelo de cidade jardim radiocêntrica e é desenhado tangente ao núcleo original. Ocupa agora o vazio sobranceiro à arriba norte, numa área de “clareira aberta ao pinhal, voltada ao mar”. É neste plácido esconderijo que a quietude de São Pedro de Moel será convenientemente perturbada.

Foi no Penedo da Saudade, junto ao farol, que a Duquesa de Caminha colheu a flor da terra, com o sentimento mais português do dicionário materno, **saudade**, chorando o seu esposo. O que não deixa de ser uma lenda, é também o relato de uma imagem floral que cobre, com um manto, os planos no topo das falésias com tons rosa e lilás. Numa faixa costeira entre o espelho oceânico e as intervenções do Homem, passível de se tornar um trilho de contemplação e terapia, onde qualquer passo é digno de paragem, mas a meta, no jardim do Centro de Artes, vale a corrida.

A uma cota inferior, visto das gélidas águas atlânticas, as arribas de São Pedro de Moel são como uma planície em angulo reto com o horizonte, repleta de riquezas geológicas e biosistemas raros. É nesta parede rochosa recostada ao oceano, que a brisa marítima ganha uma força violenta e molda o tipo de fauna e flora gerando mesmo endemismos, como a flor-da-saudade (*Armeria welwitschii*) e Limonium (*Limonium sp.*) e ainda o funcho-marítimo (*Cristmum maritimum*) e a erva-traqueia (*Silene sp.*), constituindo o Habitat natural 1240 Arribas com vegetação das costas mediterrânicas com *Lionium spp.* endémicas.

Toda a linha da costa da povoação está repleta de vida e afloramentos rochosos que se estendem sobre o mar. Albergam recifes de grande valor paisagístico e biológico. Como pode ser visto pelos próprios banhistas, a natureza interage entre si, para criar cenários



Figura 72: Vista aérea do lote de implantação da proposta.

Figura 73: Traseiras do edifício da Guarda Nacional Republicana, vista para o local proposto para o jardim do C.M.A.P.

dos limites entre os diferentes habitats, permitindo aos seres vivos apropriarem-se do ambiente, por muito que este esteja dominado pelo Homem, como a *Sallaria alveolata* que constrói tubos de areia nas rochas. Os caminhantes destes miradouros terapêuticos, dispõem de uma extensa lista de oportunidades para explorar a comunidade animal, principalmente no que se refere a mariscos, como os perceber (*Pollicipes pollicipes*), muito apreciado na gastronomia ibérica.

A legislação em vigor para o troço entre as Piscinas da Promoel e a Praia Velha, POC (Programa da Orla Costeira) é definido como uma zona de risco, pelo histórico de impactos ambientais e assim integra indiscutivelmente o conjunto de habitats essenciais na defesa dos comportamentos do mar e proteção de todo o aglomerado populacional.

O meio molda-se aos eventos numa batalha diária entre a mudança e a resiliência. É claro, e visível, que a linha costeira tem-se alterado e recuado ao longo dos anos, apesar dos esforços para manter a zona balnear capaz de responder à procura veraneante. Mas se a sul é importante manter o solo igual, por conveniência turística, a norte a erosão avança sem que seja contrariada. As ondas lambem a encosta num ritmo lento de subtração, salpicando até o pescador, sentado no topo do penedo, e dando de beber aos mexilhões, aos percebes e às lapas, polindo-as até brilharem.

A localização é uma intenção ostensiva que descentraliza os equipamentos, introduzindo-os estrategicamente entre a maior força tipológica do lugar, as habitações. Visa assim, estimular o reconhecimento e integração natural dos valores da condição híbrida, típica de territórios contemporâneos. O espaço eleito para a implantação do projeto inclui-se nos 2,2% de lotes em ruínas deste aglomerado urbano harmónico, tal como a grande maioria dos espaços-alvo dos exercícios de turma, que preferem frequentemente zonas e temas esquecido.

O desenho de arquiteturas delicadas pensado para São Pedro de Moel pode muito bem passar pela interpretação de um edifício público como uma “casa comunitária”, e uma rua dominada pela presença de habitações, é o lugar ideal para que aqui se instale a casa de todos os amantes de arte. A área objetiva a ser apropriada tem 20,25 metros de largura por cerca de 25 metros de profundidade; uma antiga segunda residência unifamiliar de 1 piso na frente de rua, que cresce para 2 pisos nas traseiras, onde a discrepância de cêrceas da rua é mais notória.

Para o Bairro dos Naturais é importante que o desenvolvimento chegue, sereno, e que

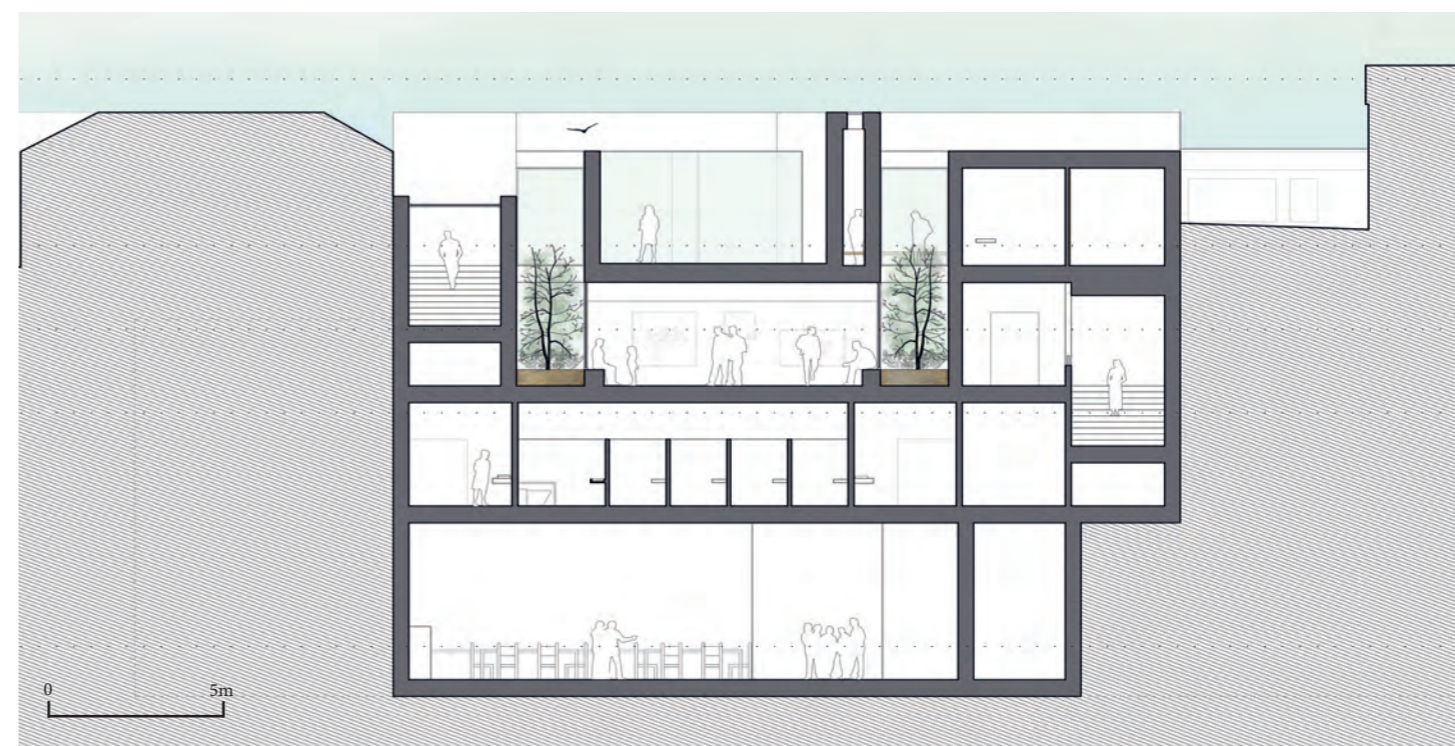
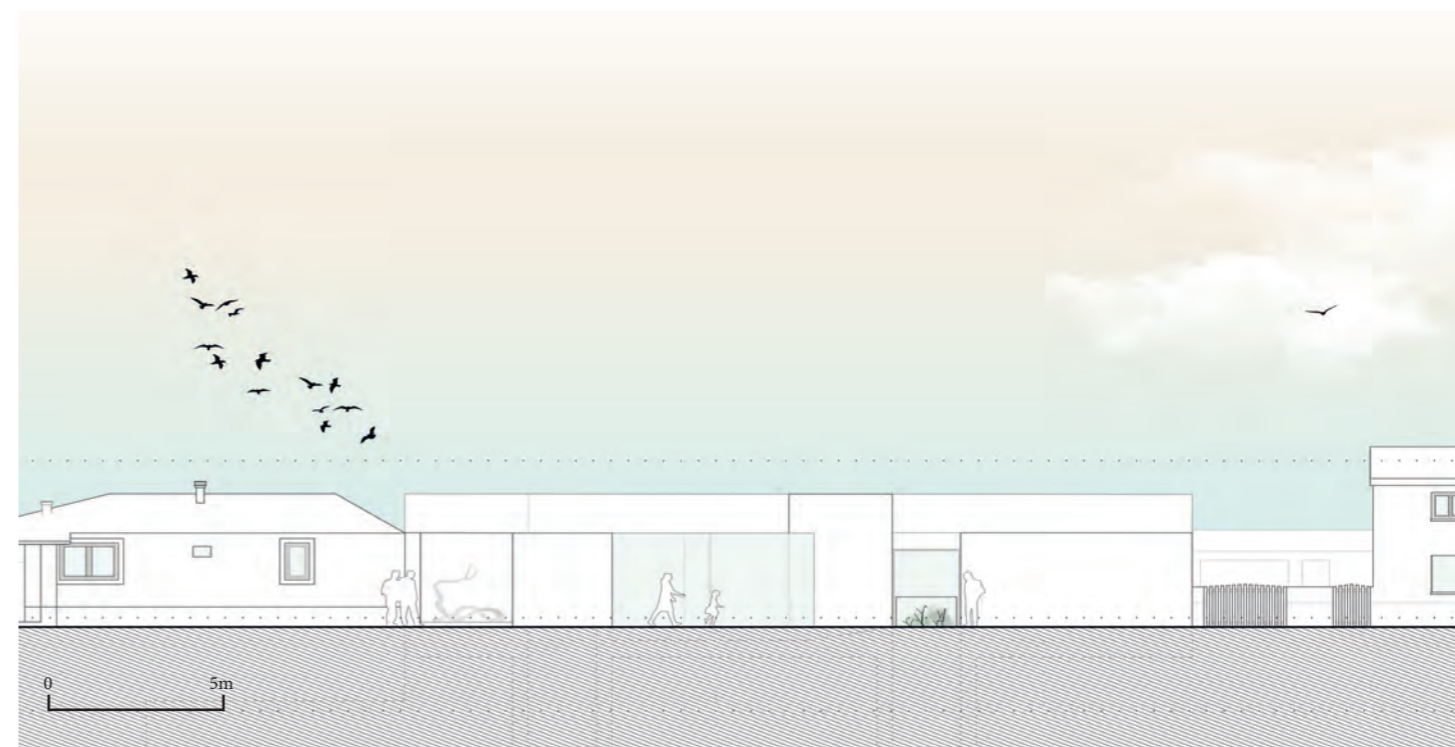


Figura 74: PROPOSTA - Cortes Transversais A -Alçado Este- (cima) e B - Galeria de exposições(baixo) (legenda em anexo).



confronte levemente o meio onde se fixa, é essencial que a história não seja desrespeitada ou ofendida, mas sim entusiasmada. Esta vontade transparece na leitura do contraste entre a face de rua, e a face oceânica.

O caranguejo, que olha para cima, a partir da areia molhada, talvez pense que a terra finalmente começou a engolir o mar, mas na verdade ela prepara-se para ficar exatamente onde está, com um novo esqueleto, visível apenas quando emerge do solo, à procura da luz. Se for curioso e escalar a arriba, verá um corredor estendido sobre a paisagem, mesmo no culminar da subida, onde as cabeças humanas movimentam-se de um lado para o outro, para cima e para baixo; verá também vultos mascarados por detrás de um grande vidro, alguns a apontar para ele. Mas o que provavelmente será mais comum de observar, serão os movimentos respiratórios dos visitantes na gruta mais baixa, a encher os pulmões de maresia, e a libertar stress acumulado.

A proposta procura ser um elemento reconhecido, e ao mesmo tempo relacionado com o meio. Este edifício é com um iceberg arquitetónico, à superfície só deixa ver o vértice, neste caso o seu volume exterior, o jardim e as rampas, mas nas profundezas é que testemunhamos a sua grandeza.

Todo o edifício é uma descida a praia, desde a cota da Rua dos Naturais (cota 25) até à varanda salgada, onde as ondas rebentam sem pedir permissão (cota 9). Pelo caminho existem inúmeros momentos em que os espaços se estendem e encontram escapatórias visuais para o oceano. Aqui não acontece o ordinário em que a realidade é interrompida ocasionalmente pelo mundo imaginário e sonhador; o C.M.A.P. é a própria fantasia, salpicada de fugas para a realidade.

A edificação existente encontra-se em avançado estado de degradação e abandono, o que outrora seria a primeira habitação do quarteirão, é agora a flor murcha da linha urbana. Por esse motivo e pela alteração de programa, seria impensável alguma operação de restauro para este propósito, para além de que o novo espaço poderá rever questões de ação abrasiva das marés e alterações climáticas, solucionando-as.

Replicando a calma aparente do dia a dia dos moradores, todos os níveis, à exceção do piso térreo, desenvolvem-se longe do olhar do pedestre. A base do sistema é simples,

◀ **Figura 75:** Vista da arriba, Praia da Descida da Areia.

as plataformas, recortadas pelo relevo, sobrepõem-se umas às outras, desenvolvendo-se em torno do elemento principal, a *black-box*. Como um livro, cada capítulo tem a sua temática, aqui, cada piso representa uma valência. Começando pela introdução no piso 0 à cota da Rua dos Naturais, com o hall; a contextualização e apresentação no piso -1, com a galeria de exposições; o pré-desenvolvimento no piso -2, onde existe a porta para o elemento principal da narração, apresentado pelo *foyer* e plateia superior da zona de espetáculos; o desenvolvimento no piso -3, sendo o piso mais movimentado em tempo de permanência, tem as salas de ensaio, acesso às salas de gravação, bar, camarins e ainda o palco da *black-box*; e finalizando com a conclusão no piso -4, o menor de todos, com a varanda de contemplação, e espaço moral.

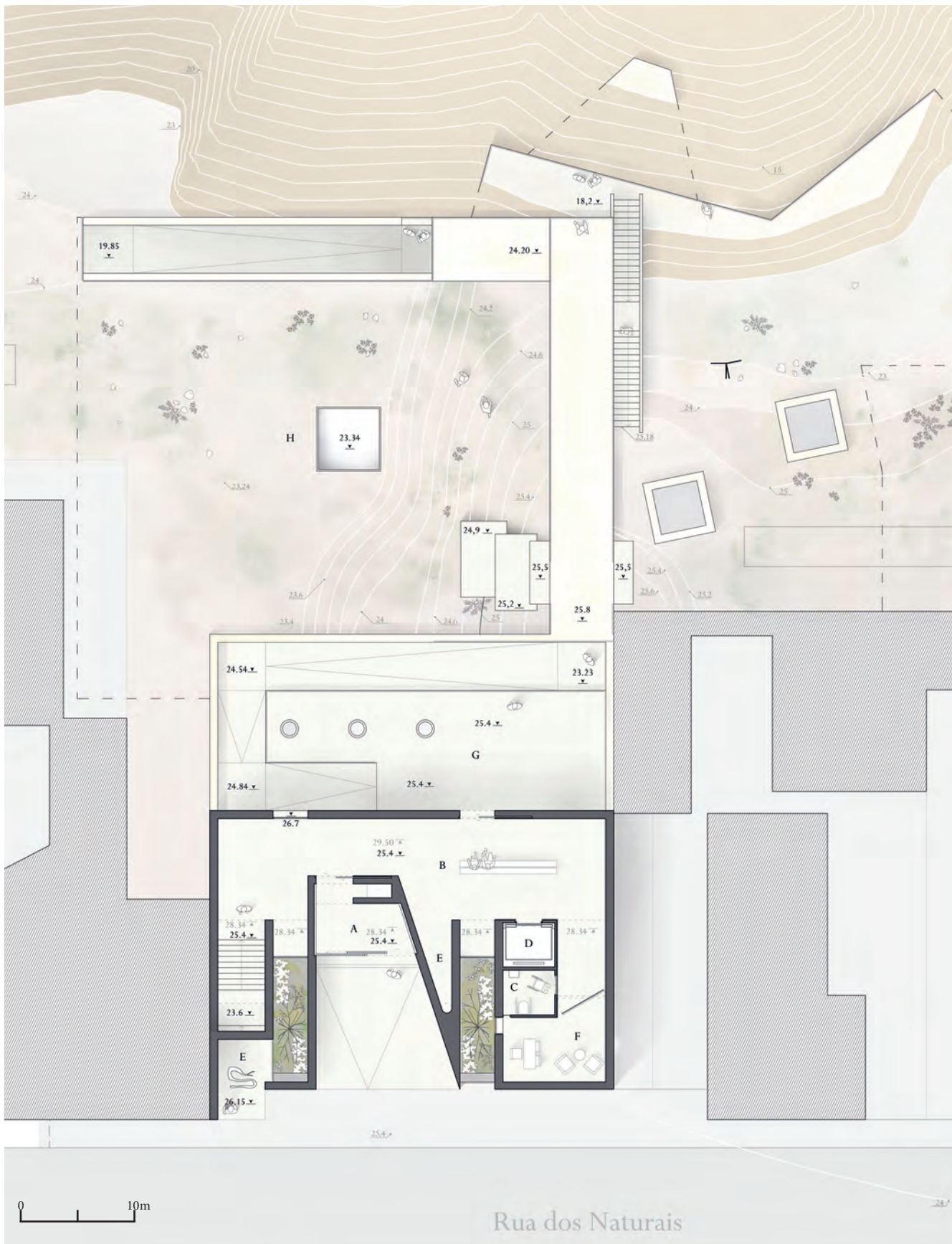


Figura 76: PROPOSTA - Planta de piso 1, nível 26 (legenda em anexo).

forma e mobilidade

São Pedro de Moel sente-se como um refúgio, um destino para evasão do quotidiano intenso do meio urbano citadino. Basta um passeio serpenteado entre as ruas do núcleo histórico e a frente marítima para sermos invadidos pela tranquilidade sonora e visual.

O número 22 da Rua dos Naturais será a porta de entrada e saída para um mundo cavernoso completamente novo e excitante. O volume aparente resulta da desconstrução em altura de um elemento paralelo à via. Como uma loggia contemporânea, o acesso ao edifício é feito pelo atravessamento perpendicular deste espaço; nas laterais da rampa de aproximação expressam-se dois corpos ligeiramente mais baixos que o principal, à direita, linhas sólidas e definidas contornam a zona administrativa, e à esquerda, após uma abertura visual para o poço de vegetação, o espaço cria o seu próprio nicho e protege a cobertura das escadas interiores. O átrio é o lugar de onde partem todos os caminhos e sobretudo, é aqui que existe a oportunidade de escolha de direção e ou deambulação: em frente, pelo circuito de rampas, pela esquerda, descendo a escadaria iluminada, ou pela direita, o elevador. Os momentos de paragem são estimulados pela curiosidade face a extensão triangular, junto à entrada principal, iluminada por uma claraboia circular, ideal para eternizar a visita numa imagem, ou a deslocação à secretaria.

A decisão entre os dois caminhos é deliberada e tomada apenas pelo viajante, segundo as suas necessidades e preferências, nenhuma opção é finita ou limitadora, cada um tem o seu próprio ritmo. Se pretendemos um percurso lento, de admiração, a descida rampeada é o meio que melhor se adequa a essa vontade, a escadaria será mais indicada para quem pretende uma descida rápida e com menos distrações. Apesar de permitir uma circulação dupla, as rampas são desenhadas com intuito de experiência individual, o trajeto inicia-se no exterior, assistido pelas traseiras dos edifícios vizinhos e rasga o

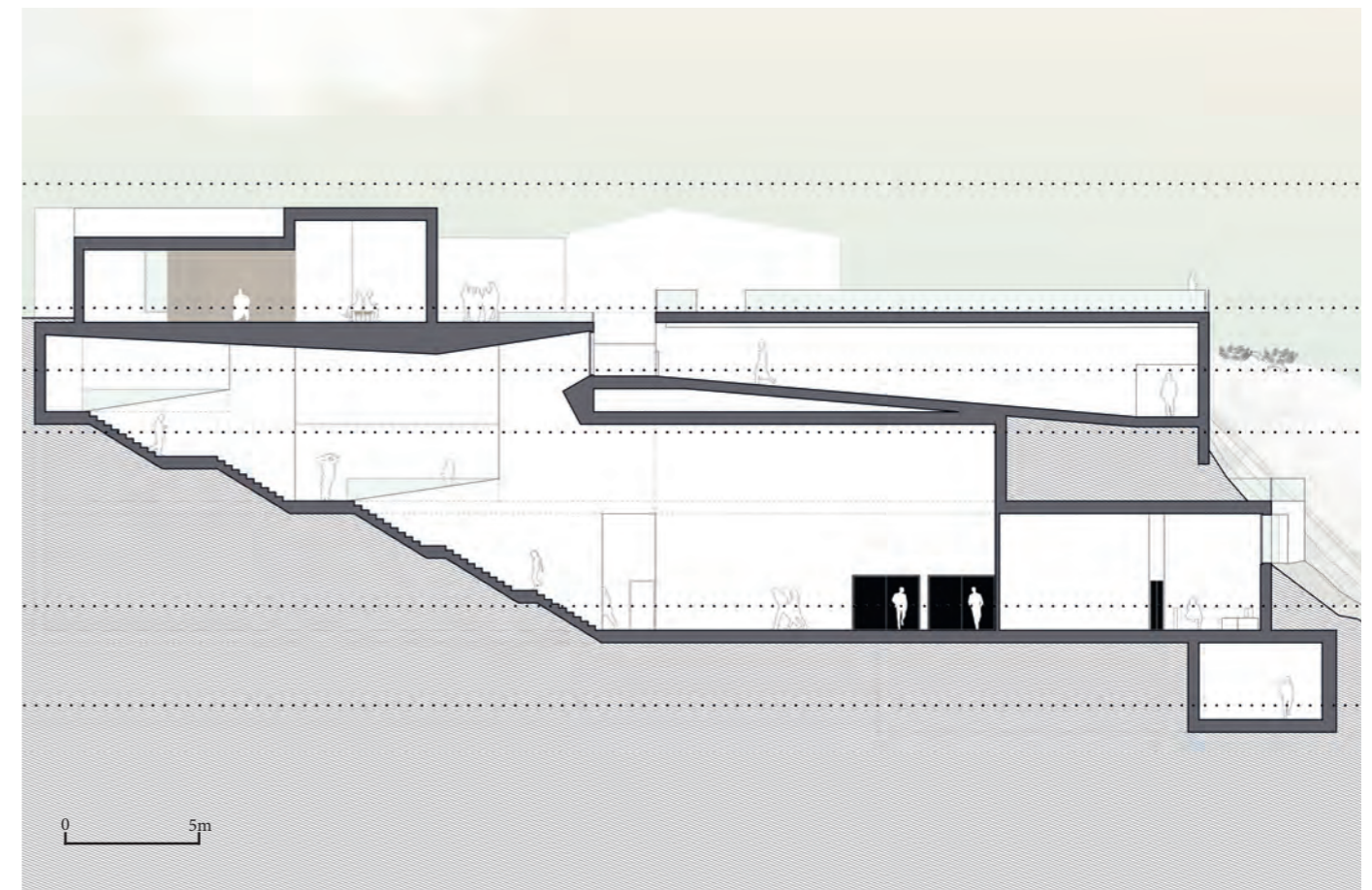


Figura 77: PROPOSTA - Corte longitudinal E - escadaria norte e rampa exterior (legenda em anexo)

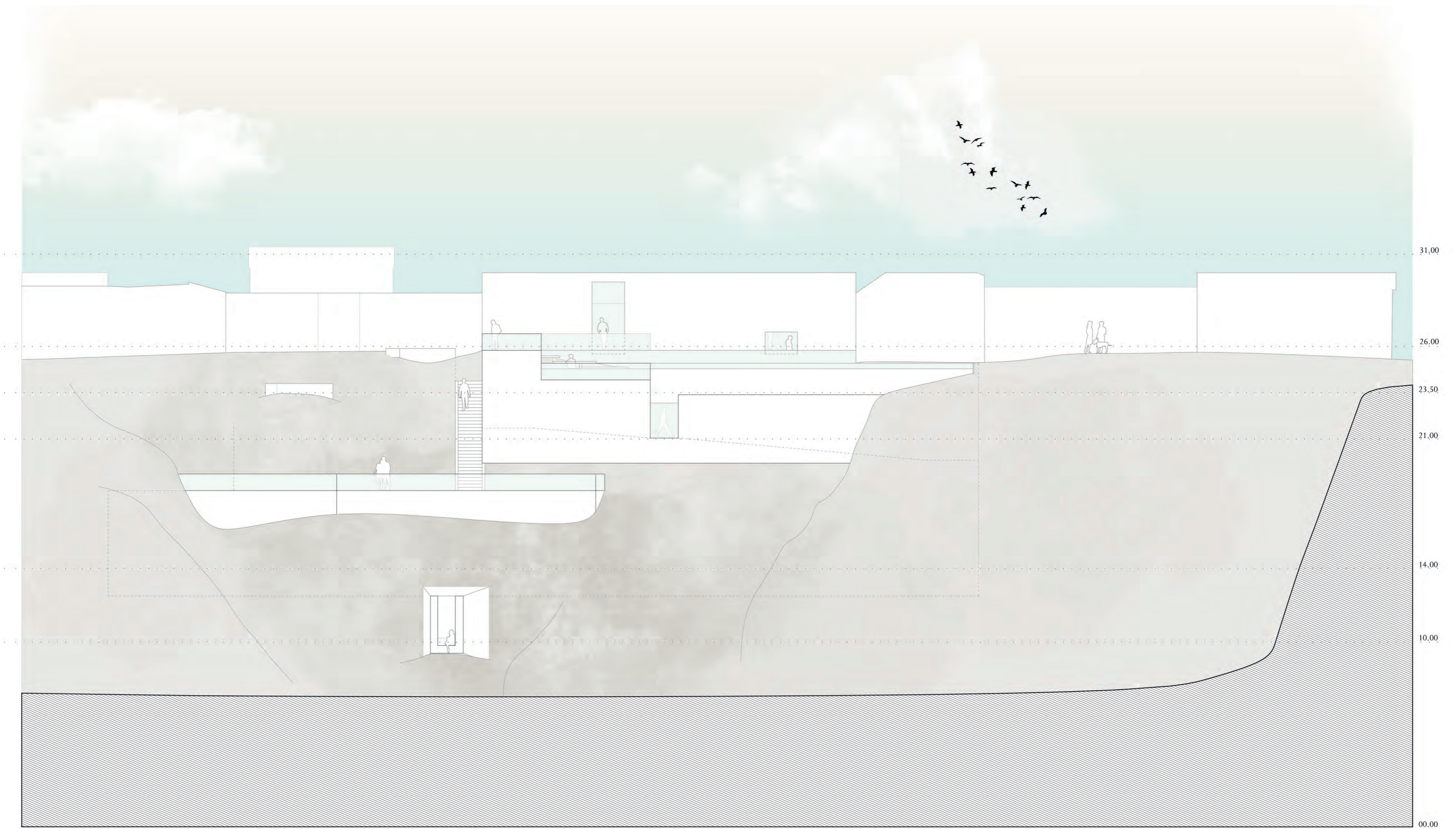


Figura 78: PROPOSTA - Corte transversal D - Alçado oeste (legenda em anexo). Escala 1.200

solo até à crista da arriba. O traçado delimita o pátio exterior de um lado e o jardim público do outro, desenhando dois retângulos, este último é independente do centro e serve a comunidade como miradouro e espaço de lazer. Na verdade, o espaço vegetal situa-se precisamente sobre a laje reforçada do teto da sala de espetáculos, e assume a sua forma pelos limites visuais dos tuneis subterrâneos que, à superfície, são humanamente apropriáveis e percorriéis em algumas coberturas. O declive é ligeiramente artificializado criando inclinação, para que a água escorrente dos degraus do jardim, desça serena para sul. Deste ponto, lê-se um caixote branco pousado entre dois edifícios virados para a rua, a Este, uma simples abertura diáfana e um percurso delimitado por guardas de vidro, de onde chegam os estranhos que perdem altura ao contornar o terreno.

Para bem entender as linhas diretoras definidas para as rampas, é essencial elucidar não só o sentido de circulação do edifício, mas também a sua ideologia volumétrica. O elemento-chave deste equipamento é a caixa preta -a sala de espetáculos técnica-, é nela que vive a ação principal da narração, e por esse motivo, todos os espaços secundários são moldados em derredor deste cubo imperfeito. Em consequência das suas dimensões (21,25 metros de comprimento, 18,3 metros de largura, e 10,73 metros de altura, 4172 m²) e mesmo em regime livre de escavação, o volume insere-se no terreno a um nível bastante inferior (cota 13, menos 12 metros que a cota da rua), e distancia-se da frente do lote em 24 metros, de maneira que fique parcialmente oculto e não invada fronteiras urbanas vizinhas. Para interligar estas alturas seriam necessários 200 metros de extensão em rampas, o que seria inconveniente, assim, foi criado um patamar intermédio, à cota 18, que desce 7 metros, e apenas necessita de 116 metros de comprimento. A técnica adotada, de fundir os tuneis com a estrutura reforçada da *black-box* e contornar as suas laterais, oferece não só a distância requerida, como também apoia a suspensão dos mesmos para lá da arriba. O programa excedente ou é complementar às atividades de espetáculo e exposição, ou incorpora o percurso medieval das escadarias. Sendo um acesso vertical menos exigente e mais curto, inclui-se na área de implantação, e cruza-se com o outro itinerário, após uma pausa para apreciação na sala de exposições, à cota 24. O *foyer* principal é o ponto de interceção das divergências, e espaço obrigatório de passagem, a partir dele acedemos à plateia superior da sala de espetáculos, e no piso inferior (cota 13), à zona da cafetaria, à escadaria que conduz às salas de ensaios, camarins e estúdio de gravação. É no piso -3 que se situa o palco da *black-box*, o seu acesso a este nível, é feito novamente por duas portas pretas, mesmo em frente à cafetaria. Seguindo para norte existem três direções que podem ser tomadas ao chegar à ultima caixa de escadas. Para a esquerda, contornando a parede divisória acedemos aos

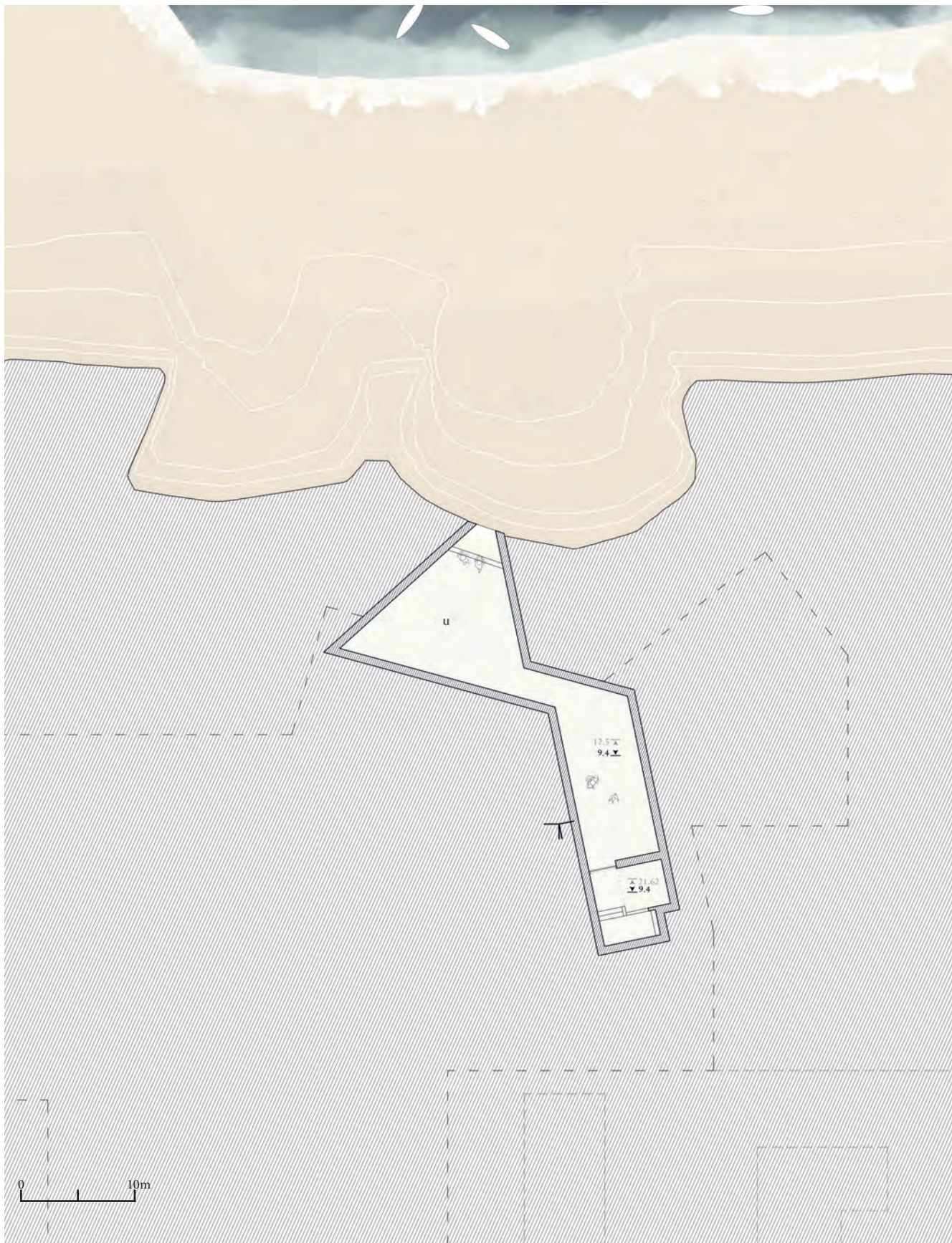
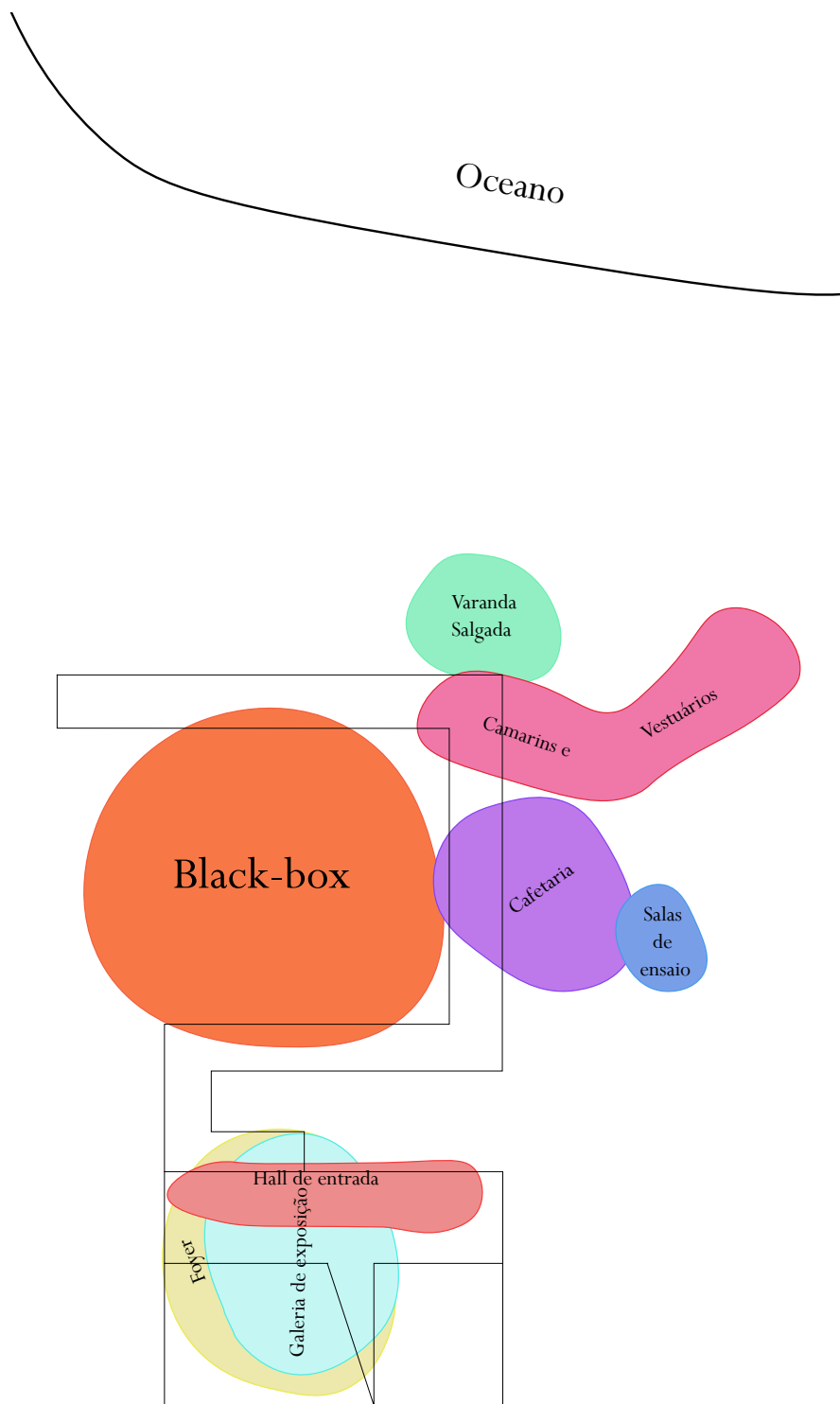


Figura 79: PROPOSTA - Planta de piso -4, nível 10 (legenda em anexo).

camarins, (privados e gerais), à sala multimédia e à entrada do *backstage* da *black-box*. Para cima, subindo as escadas que contornam a luz zenital encontramos as duas salas de ensaio que se sobrepõe à cozinha, a primeira à cota 16,6 e a segunda á cota 19,56.

Como término a última descida leva-nos para uma varanda, como o *rooftop* de um prédio hoteleiro, no sentido reverso. A passagem para o piso -4 está claramente sinalizada, mesmo em frente ao corredor que protege conversas com o mar, e por baixo de 2 poços geométricos de luz zenital, que apontam para a escadaria contida numa forma quadrangular. A chegada à cota 9 é recebida por um corredor linear que se molda em “z” á descoberta do melhor ângulo para ver o oceano, e para que ele nos veja a nós.

O edifício é construído em betão pela exigência estrutural e pela intenção de projeto definida no início do projeto, porém não assume a robustez do material, no seu exterior o betão ganha um aspeto liso e branco em todas as superfícies, incluindo a cobertura, tal como nas salas interiores, á excepção da *black-box*, que como o nome indica é coberta por um véu negro.



Bairro dos Naturais

Figura 80: PROPOSTA - Diagrama de funções do C.M.A.P.

programa

O programa do novo polo artístico procura dar resposta às carências limitadoras de crescimento turístico e urbano em São Pedro de Moel. Toma-se como ponto de viragem essencial a introdução de um equipamento diretamente focado na temática do espetáculo, que seja versátil e arrojado. Na perspetiva de potenciar o uso e vivência por parte da população, entende-se que a sua ocupação seja feita a partir do programa com maior público: a Sala de Espetáculos. A sua posição estratégica no mediano do percurso, permite uma aproximação cuidada e controlada, através da distribuição de espaços de contemplação diversificados, no intervalo entre a atuação dos artistas e a chegada ao edifício. É essencial que este primeiro momento tenha uma apresentação cativante e que contribua para o crescendo sensorial de um percurso subterrâneo inédito.

A divisão programática é feita por altura, numa narração de cima para baixo, que altera de mote a cada pausa. Nos três primeiros pisos, os espaços são amplos e de leitura visual acessível, a intenção é a de contrariar as descidas delgadas e estreitas com espaços largos sequentes, trespassados por formas raiadas pelo exterior. A luz natural é o elemento predileto na ligação entre o vazio habitável e o terreno arenoso. O espaço em si é uma ilusão do contemporâneo em ambiente cavernoso, e é a presença de claridade que penetrando no solo, atravessa lajes e coberturas, e luta a escuridão de um lugar enterrado. O fator luz contribuiu em parte para a organização de espaços em planta, cada sala tem a sua aura e expressividade e guia-se pela função, que por sua vez, vai ditar as necessidades de cada uma. As zonas que o requerem, favorecem da proximidade ao limite da linha da costa e adaptam-se ao desenho da arriba, para facilitar janelas para o pôr do sol, como a zona de refeições, cafetaria. Ambientes necessariamente mais controlados, de um brio técnico, beneficiam do isolamento espacial, como a zona de gravação e a zona de ensaios e treino.

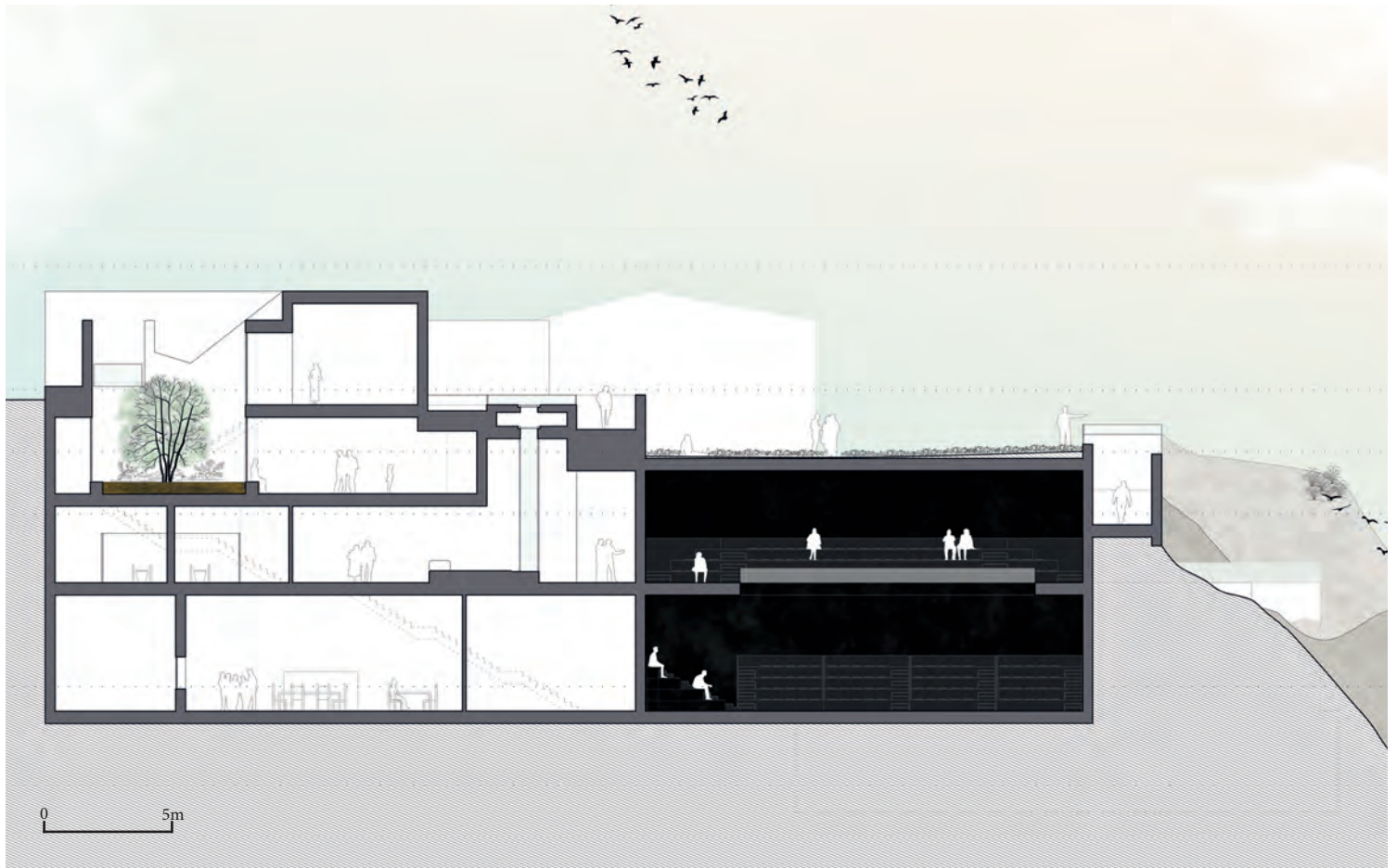


Figura 81: PROPOSTA - Corte G (legenda em anexo)

O primeiro nível (piso 1) é dedicado á recepção e distribuição de percursos, com passagens entre o interior e o exterior, nomeadamente o jardim. O segundo nível (piso -1) contém uma galeria de exposições, sob o volume exterior . O terceiro nível (piso -2) faz a recepção aos espetadores das atuações a decorrer na *blackbox*, e ainda tem uma das salas de ensaio apesar de não comunicarem fisicamente. A partir do quarto nível (piso -3, inclusive) o espaço é dedicado aos criadores de conteúdo, ou seja, todas as áreas de trabalho e produção criativa (camarins, salas de ensaio, estúdio de gravação e sala de *coworking*) estão distribuídas a longo deste nível, e apesar de não serem condicionadas a nenhum utilizador, têm um público alvo particular. Qualquer visitante do C.MA.P. pode assistir a uma gravação musical no estúdio de gravação, sentar-se na sala de *coworking* a ler um livro, ou tomar o pequeno-almoço na cafetaria enquanto os bailarinos ensaiam uma peça musical a uma parede de distância. O centro é acessível a qualquer pessoa que o frequente, e por isso não é apenas um lugar de atuação ou de exposição, mas também um lugar de permanência e de passeio.

O nível mais próximo do mar entende-se como uma escapatória cavernosa, que termina numa janela para o vizinho azul rabugento.

Foyer cota 18.2, piso -2

O *foyer* é idealizado para ser um espaço de sensações, com mudanças de alturas, passagens incorporadas nas faces das paredes, saídas sombrias, entradas arcaicas e raios de luz verticais. Como já foi referido, existem três maneiras para chegar ao átrio de receção principal, duas a norte -o elevador e as escadarias- e a remanescente a sul, junto ao vértice esquerdo -o percurso rampeado. A geometria quadrangular da planta permite que as instalações sanitárias se estabeleçam diante das portas para as bancadas nobres, nas laterais sobrantes do polígono geral. É neste alargamento que é feita a receção, mais formal, aos convidados antes de cada espetáculo. Enquanto aguardam, podem deixar os seus pertences no roupeiro, vaguear em frente ao grande mural, ou sentarem-se junto aos raios refletidos pelo sol da tarde.

Os três cilindros, no centro do *foyer*, transparentes e ocos, simbolizam sabres de luz que rasgaram a terra; estão aqui colocados como pilares vigilantes e testemunham a alteração de pé direito. Com iluminação própria no interior, simulam a energia interior de uma estrela terrestre, sobem até á cobertura, no arrancar do percurso rampeado.

A espera em cada hiato pode-se alongar mais do que desejado, nestas pausas, os utilizadores podem relaxar num espaço leve, sem conflitos visuais, aqui não existe a sobrecarga visual de um espaço clássico, típico deste género, com todos os ornamentos e decorações associadas; o propósito das linhas geométricas, perfeitamente ortogonais, encontra a exceção nos ornamentos nas formas circulares de exceção.

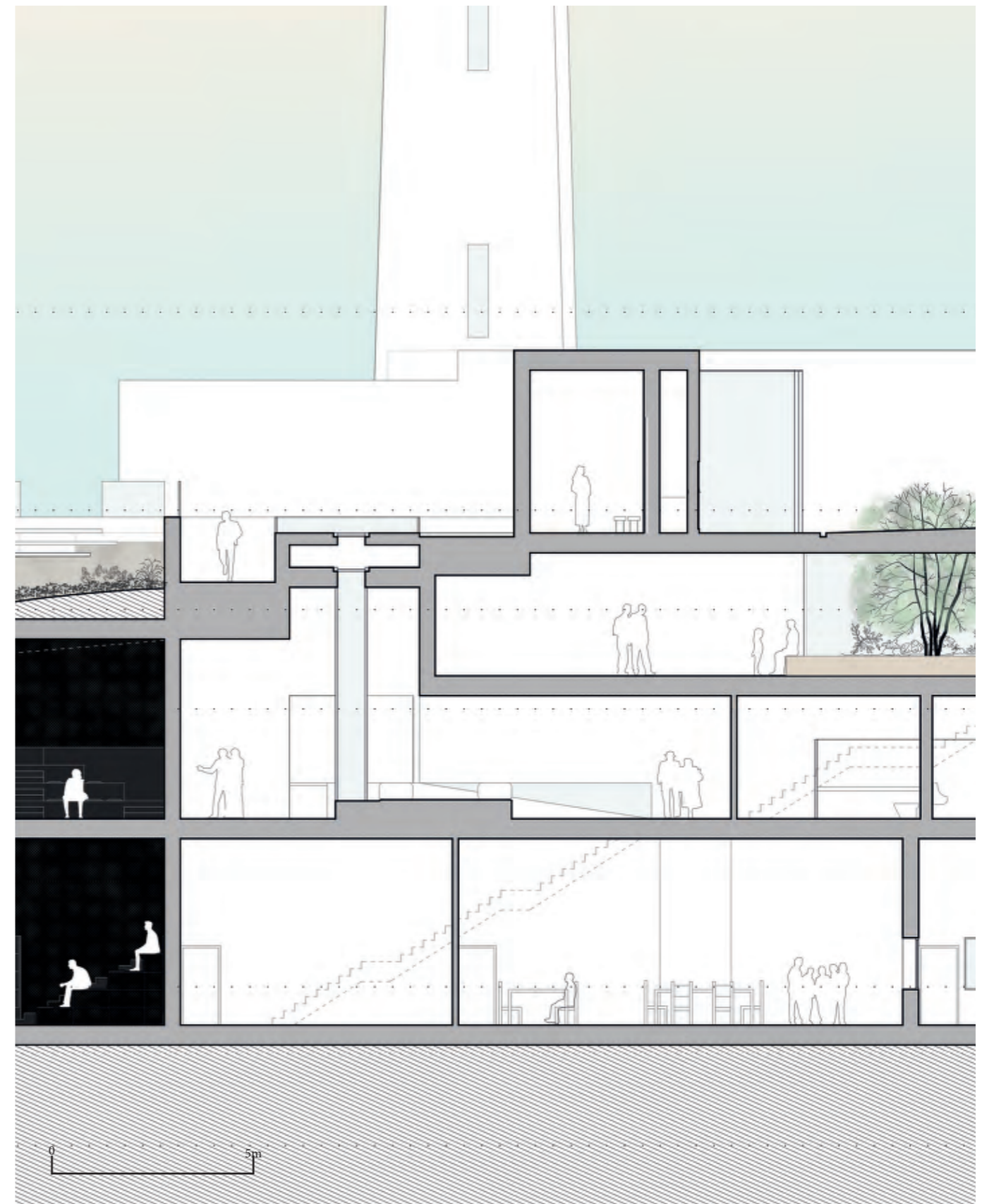


Figura 83: PROPOSTA - Corte longitudinal F- *Foyer* (legenda em anexo).

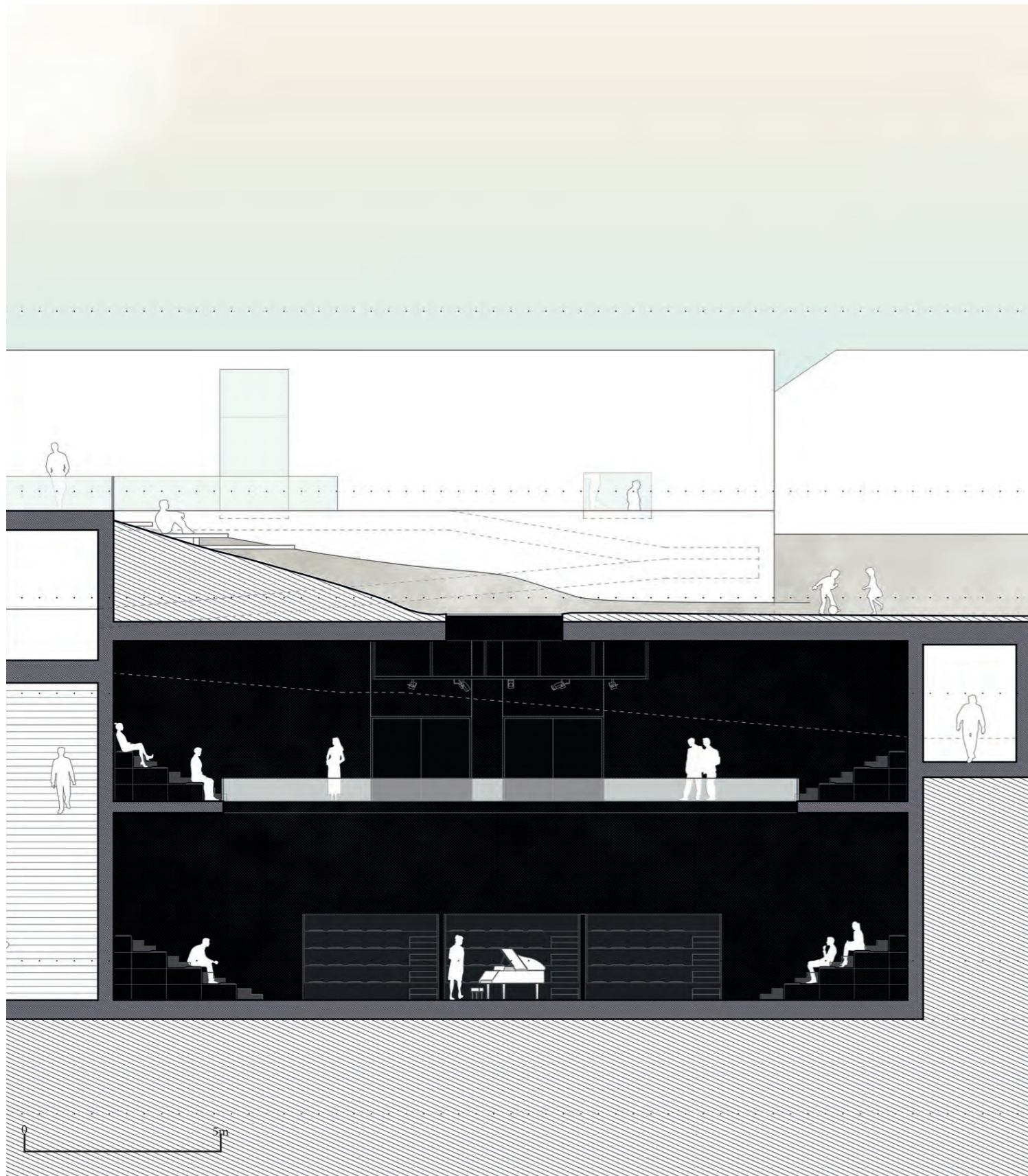


Figura 84: PROPOSTA - Corte transversal C - *Black-box* (legenda em anexo).



Figura 85: PROPOSTA - Planta de piso -3, nível 14 (legenda em anexo).

A caixa preta pretende ser um vazio promissor, dentro de um espaço material. Esse vazio expressa-se na escassez de discurso arquitetónico nos extremos do lugar, como as galerias, lustres ou decoração. Mas será que esta ausência física reflete uma despersonalização teatral excessiva ou é uma oportunidade de reformular o auditório e abarcar a modernidade? Retirar o excesso de significado atribuído às características físicas? O conceito é simples, uma sala descaracterizada, vestida de preto, ampla e generosamente elementar, onde o palco é o próprio piso, e a sua forma pode ser desenhada de infinitas maneiras. É um espaço de origem, onde nada existe, para poder sonhar e nascer arte genuína, sem forma premeditada, sem influências exteriores.

Este volume encastrado na arriba tem a sua cobertura apenas a 2 metros da cota da via, porém só descendo cerca de 6 metros é que existe o primeiro acesso. Tem uma dimensão interior de 20,45m x 17,70m por 9,73m de altura e comanda a gestão dos outros espaços descentralizados, agrega também em si outros que satisfazem as suas necessidades primárias, de circulação, de iluminação e complementaridade.

A grande separação entre o palco e a audiência não é feita horizontalmente como num auditório clássico, mas sim verticalmente ou simplesmente não existe, assim este paralelepípedo gere-se em 2 pisos comunicantes. O piso superior está à cota 18,2 e dista cerca de 5 metros acima do piso do palco, funciona como uma galeria circundante que contorna a *black-box* e permite ao espectador escolher o melhor lugar para assistir à atuação nas bancadas em escadaria. Estas bancadas laterais são os únicos assentos fixos, e têm uma capacidade para aproximadamente 142 pessoas. Os dois pisos apenas comunicam visualmente, o que implica que para acedermos ao piso inferior tenhamos de realizar o percurso exterior pelo *foyer*.

O piso do palco encontra-se à cota 13 e tem duas entradas, uma pela zona de refeições,

para os espectadores que irão ocupar as bancadas amovíveis, e outra, no vértice a norte, recuada em relação à parede interior, permitindo uma entrada subtil de intervenientes, sem roubar as atenções no decorrer de uma atuação. No total 11 existem bancadas amovíveis que podem ser desmontadas na sua totalidade ou parcialmente por módulos, dependendo da utilização que lhes for dada, estas podem mesmo integrar o cenário teatral. A zona de palco está estipulada como sendo o negativo interior do piso da cota 18,2, por motivos óbvios de visibilidade, no entanto, consoante as necessidades o audiente pode ceder parte do seu lugar para o decorrer do espetáculo, bem como o inverso. Neste piso as bancadas podem sentar cerca de 220 pessoas.

O controlo de luz e a procura pelo escuro são levados ao extremo aqui, esta sala de espetáculos para além de ter uma estrutura de iluminação artificial espalhada pelo seu esqueleto, é inundada por luz filtrada no alto. Em diálogo com o espaço exterior de miradouro marítimo, este elo de comunicação permite a entrada de claridade.

A acompanhar este candeeiro de sol estão painéis extensíveis, suspensos de um suporte superior. O piso da cota 18 é mais direcionado para atuações aéreas ou projeções de filmes, quanto que o piso inferior será mais interessante numa peça de teatro ou concerto.

Existe ainda um acesso para uma sala de arrumos diversos no oposto à entrada do *backstage*.

A ausência de cor representa-se em branco, a concentração de todas as cores representa-se em preto. Para um controlo extremo de luz estes dois opostos são explorados da seguinte forma, uma delas fixa e a outra oscila. O interior da *black-box* é coberto por um véu negro na cor e materialidade e é violado pela cor branca emanante das luzes artificiais, de várias intensidades que ao lambem as superfícies escuras revelam-lhe um leque de amarelos, castanhos e sépia que aduz conforto visual, ou um leque frio de azuis e violetas que inquieta e perturba. É exatamente esse misto de sentimentos que se procura proporcionar num ambiente austero arquitetonicamente rompendo fronteiras entre o ator e o espetador, interior e exterior. A palavra-chave é inclusão, tudo está contido no mesmo espaço para dentro das portas pesadas de acesso, e tudo se sente integrado no mesmo meio.

Figura 86: Praia de São Pedro de Moel >



**CONSIDERAÇÕES
FINAIS**

O Homem de hoje está habituado a viver e habitar a superfície, e aceita essa ideia irrefutavelmente como o único recurso urbanístico saudável. É agora, nos dias que correm, instintivo crescer e florescer à superfície, como soberanos na cadeia alimentar, cada vez mais célebres e confiantes da sua posição. Esta certeza de domínio e de primazia raiou quando a superfície foi controlada pelo Homem, e os perigos da natureza evitados pelos avanços tecnológicos. Ao contrário dos exemplos de primogénitos de “casa” enquanto caverna, abrigo ou refúgio, esta vontade de ocupar o subsolo lembra mistérios antigos da Terra, enigmas de sobrevivência e acima de tudo, medo. Medo do poder da terra, medo da artificialização do ar e luz, medo do isolamento, e da perturbação do ambiente natural.

Mesmo com tanta inquietação, o espaço subterrâneo produz um maravilhoso e intrigante jogo de sentimentos e emoções que provoca a nossa perceção sensorial, o submundo sublime não se define com precisão, é ao mesmo tempo repulsivo e sedutor, ambíguo e enigmático; faz-nos ficar mais atentos aos pormenores do espaço físico, aos vazios, à luz, aos cheiros. E mostra-nos a liberdade de um novo/velho mundo de cavernas, que questiona regras ambientais, leis de urbanização e exceções com interesses específicos. Para muitos a transição assusta, para outros a perfeição já foi alcançada, leis escritas por Homens do século passado são mandamentos incontestáveis e a natureza sobrevivente à erosão humana, deve continuar intocada e conservada num envoltório de vidro, onde só possa ser admirada de longe.

Resta ainda um grupo de resistentes, pensadores corajosos que não receiam a mudança e entusiasmam o “novo” como um modo de enaltecer a cultura e a história existentes, atribuindo-lhe valores contemporâneos que protejam os do passado. Como Tadao Ando, que construiu um centro de exposições absolutamente entusiasmante nas profundezas

da colina, ou como Paulo David, que com um programa idêntico, abraçou a arriba sobre o mar, provando ser possível e justificável uma construção atópica num lugar complexo e invulgar, marcando pela raridade, diferença e pela poesia arquitetónica.

Nesta obra de prosa, um pouco insípida para os amantes de ação, a personalidade principal é o lugar de São Pedro de Moel e a sua história, era, mas sempre quis voltar a ser uma aventura romântica viva, repleta de cenários enérgicos e declarações entusiasmantes à arte e à cultura, um exemplo de diversidade dinâmica no urbanismo moderno. O enredo quer ser os elos do rizoma geral, traçado sobre a paisagem única, que serve como terapia para a alma, indo beber da sabedoria pré-história escrita em tempos empreendedores e sedutores, quando São Pedro de Moel era uma concha repleta de vida humana e alegria cultural. A demanda surge num momento em que a ideia de um futuro ruinoso se torna intelectualmente insuportável, a sensibilidade ambiental é reconhecida, e é questionada a falha de gestão municipal nomeadamente na criação de infraestruturas básicas e espaços públicos dignificantes, bem como um leque de equipamentos capazes de promover a regeneração criativa e inovadora do território são ameaçados por um futuro pobre preocupante.

O epílogo é o de estabelecer novos lugares identitários, onde o sonho não deve ser uma utopia. A proposta e projeto para o novo Centro de Artes Multimédia e Performativas, foi pensado para revitalizar o território e recordar ao Homem o sentimento de humildade, aparentemente esquecido, da nossa insignificância e pequenez, comparado com a natureza, a mãe da Terra. O método de escavação e aproveitamento da arriba tem intensões filosóficas como toda a arquitetura icónica quer ter, mas também se justifica pela falta de área loteada para um programa de grandes dimensões como este, respeitando a visão de continuidade costeira e protegendo a biodiversidade e geodiversidade existente.

O centro está preparado para servir toda a comunidade marinhense bem como a nacional, promovendo a fixação de população e renovação combatendo a sazonalidade e estagnação. Ocupa um lote degradado de localização privilegiada com o mar e a terra, consolidando a malha urbana. A ligação entre a cota baixa da água e a cota alta da rua é favorecida interiormente, possibilitando a descida e o pensamento retrospectivo no percurso, nos momentos de paragem, e até nos momentos de lazer que serão o movimento deste espaço para as artes.

Em conclusão, a necessidade imediata de uma ação em São Pedro de Moel é indubitável, o território é uma mina de pedras valiosas ignoradas até então. A estratégia de turma é uma das soluções alcançáveis para revigorar todas as suas potencialidades, desde as intervenções de microarquitecturas, aos programas literários, às visões do futuro traçadas pela memória, como a discoteca, até às rotas pedestres, altamente contemporâneas.

Uma terra encantada, um porto seguro, livre de falhas e deficiências urbanas ou arquitectónicas é sim uma utopia, mas o sonho fascina e motiva o homem, e é para ele e por ele, que a arquitectura vive. No início, a gruta era a tela de todos os artistas, onde eram contadas histórias, e onde o legado hoje é lido por curiosos... pois que a tela volte a descer para a sombra da terra por cima das nossas cabeças, e que se ilumine pelo reflexo do mar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Ana Luísa Alves. *Reinventar as Piscinas Atlânticas: Complexo de Saúde e Bem-Estar em São Pedro de Moel*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2021.

ANTUNES, Marco José Santos. *Arquitetura Escavada. Materialidade da Luz e do Espaço como protagonistas na arquitetura*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2012.

AZAMBUJA, J. *Cidade da Marinha Grande, subsídios para a sua história. Pinhal do Rei*. - documentos concelhios. Câmara Municipal da Marinha Grande. 1998.

BAROSA, Joaquim. *Memórias da Marinha Grande*. 3ª ed. Marinha Grande. Câmara Municipal da Marinha Grande, 1993.

BARROS, Artur Neto de. *Subsídios para uma monografia de S. Pedro de Moel*. 2ª ed. Marinha Grande: A.N. de Barros, 1989.

CORNER, James. *Recovering Landscape: Essays in Contemporary Landscape Theory*. Princeton Architectural Press, 1999.

CORNER, James. *The Landscape imagination: Collected Essays of James Corner 1990-2010*. Princeton Architectural Press, 2014.

DELEUZE, Gilles; **GUATTARI**, Félix. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. University of Minnesota Press, 1987.

DENT, J. M. *Towards A New Theatre By Edward Gordon Craig*. Ballantyne, Hanson & Co. Ballantyne Press, Edinbur, 1913.

DOMUNGUES, José. *Arquitetura essencial: Luz, Gravidade, Ideia*. Congresso Internacional Comunicação e Luz, Braga, 2016.

EDARQ. *Joelho, n. 4 Ensinar pelo Projecto*. Revista de Cultura Arquitetónica. Coimbra, 2013

FRANCO, Lima. *Urbanização de S. Pedro de Moel: antepiano: regulamento das construções*. Câmara Municipal da Marinha Grande, 1947.

GAMBOIAS, Hugo Filipe Duarte. *Arquitetura com sentido(s). Os sentidos como modo de viver a arquitectura*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2013.

GOMES, Andre Rafael Lestre. *Arquiteturas do mar. Contributo arquitetónico para o problema da subida da água do Oceano. Um estudo para Lisboa*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Evora - Escola de Artes, Evora, Portugal, 2020.

GRILO, Patrícia Alexandra Balbino. *Imagens do século XX do concelho da Marinha Grande*. Câmara Municipal da Marinha Grande, 2001.

HANNA, Dorita, *(Im) Mater (Ality) and the Black-Box Theatre as an 'Empty Space' of Re-production*. New Zealand, 2005.

INOCO, Alfredo; **CUSTÓDIO**, Jorge, *Alto forno de Pedreanes. Marinha Grande. 1ª ed. Lisboa*. APAI-Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, 1997.

LOBO, Susana Luísa Mexia. *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos. As Cenografias do Lazer na Costa Portuguesa, da 1ª Republica à Democracia. Parte III*. Dissertação de Doutoramento na área científica de Arquitectura, especialidade de Teoria e História, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2012.

MARTINS, Mónica Cristina. *Ecosistemas Psamófilos das Praias e Dunas de Portugal Continental. (Padrões Fitogeográficos, Dinâmicas e Prioridades de Conservação)*. Dissertação

de Doutoramento na área científica de Geografia, especialidade em Geografia Física, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, 2016.

McHARG, Ian. *Design With Nature*. Charles Waldheim Editor, 1969.

MENDES, José Maria Amado. *História da Marinha Grande: introdução e perspectivas. Marinha Grande : Divisão de Acção Social e Cultural* . Câmara Municipal da Marinha Grande, 1993.

NOBRE, Cristina. *Alvorecer do turismo cultural na primeira metade do séc. XX: Afonso Lopes Vieira e a valorização do património da região de Leiria. Congresso Turismo Cultural, Territorios e Identidades*. Lisboa, 2006.

NOBRE, Cristina. *Da casa de S. Pedro à CMALV, Leiria*, 2013 .

PALLAMIN, Vera. *Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea. Paralaxe*, v.3, nº2, 2015.

QUINTA, Emmanuela Silva da. *São Pedro de Moel. Um Refúgio Moderno*. V1. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2010.

SILVA, Bárbara Alexandra Costa. *Sensores de Paisagem. Descodificar a paisagem, em São Pedro de Moel, através da experiência dos lugares*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2020.

SOARES, Daniel Filipe Silva. *Underground. Considerações sobre a Arquitectura subterrânea / escavada*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra. Portugal, 2008.

SOARES, Raquel Alexandra Pequeno Sores. *Análise de risco de instabilidade de arribas em São Pedro de Moel*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa. Portugal, 2013.

VIEIRA, Álvaro Siza. *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000.

Instrumentos de ordenamento do território

Câmara Municipal da Marinha Grande. Carta Estratégia de Desenvolvimento para o concelho da Marinha Grande de Desenvolvimento Urbano 2015.

Câmara Municipal da Marinha Grande. Guia Turístico , Marinha Grande, 2014.

Câmara Municipal da Marinha Grande. Plano Diretor Municipal da Marinha. 1995

Carta Estratégia de Desenvolvimento para o concelho da Marinha Grande, dezembro, 2015. Trabalho desenvolvido com a consultoria e assistência técnica da Sociedade de Consultores Augusto Mateus & Associados.

Instituto de Conservação da Natureza e da Biologia. Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Habitats naturais 1240, Arribas com vegetação das costas mediterrânicas com *Limonium* spp. endémicas 2010.

Instituto Nacional de Estatística (Statistics Portugal). Censos 2007

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1: Imagem aérea editada do farol do Penedo da Saudade, São Pedro de Moel. Edição: Autora própria.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=209879880935130&set=pcb.209881510934967>

Figura 2: São Pedro de Moel, visto da Praia da Concha.

Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10159084592131798&set=gm.35059_30982839600

Figura 3: Praia de São Pedro de Moel em época balnear.

Fonte: <https://www.impulsiveaddiction.com/sao-pedro-de-moel-o-que-visitar/>

Figura 4: Arriba do Bairro dos Naturais, esquiço interpretativo.

Fonte: Autoria Própria.

Figura 5: Formações rochosas na Praia de São Pedro de Moel.

Fonte: traveler.es/natureza/galerias/las-50-mejores-playas-de-portugal/235

Figura 6: (Re-)Pensar São Pedro de Moel 2020, no Auditório da Resinagem, Marinha Grande.

Fonte: https://www.cm-mgrande.pt/pages/350?news_id=1763

Figura 7: Turma de Atelier de Projeto, ‘Repensar São Pedro de Moel 2020’.

Fonte: Galeria partilhada por Bárbara Silva.

Figura 8: Exterior da Casa João Franco WFrazão, 16 de outubro de 2019.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=121499499260993&set=a.118790766198533>

Figura 9: Casa-Museu de Afonso Lopes Vieira, interior.

Fonte: Autoria própria, 16 de outubro de 2019.

Figura 10: Análise de plantas e esboços no interior da Casa João Simões, 16 de outubro de 2019.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=121499432594333&set=a.118790766198533>

Figura 11: Exterior da Casa João Franco Frazão. Fonte: Autoria própria, 16 de outubro de 2019.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=121499459260997&set=a.118790766198533>

Figura 12: Posto de vigia - Ponto Novo.

Fonte: Galeria partilhada por Bárbara Silva.

Figura 13: Tertúlia realizada no Bambi café, 16 de Outubro de 2019.

Fonte: Galeria partilhada por Bárbara Silva.

Figura 14: Visita de campo pelo Pinhal de Leiria.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=121501335927476&set=a.121160415961568>

Figura 15: Trabalhos de pesquisa e análise, turma de Atelier de Projeto, novembro de 2019.

Fonte: <https://www.facebook.com/RSPM2020/photos/pb.100062982471978.2207520000./130305645047045/?type=3>

Figura 16: Arquiteto João Paulo Cardielos e Arquiteto Gonçalo Byrne.

Fonte: Galeria partilhada por Bárbara Machado.

Figura 17: Exposição Visões Urbanas I, no parque no Bambi.

Fonte: <https://www.facebook.com/RSPM2020/photos/pb.100062982471978.2207520000./280766323334309/?type=3>

Figura 18: Maqueta final de Atelier de Projeto à escala 1/2000.

Fonte: <https://www.facebook.com/RSPM2020/photos/pb.100062982471978.-2207520000./160774335333509/?type=3>

Figura 19: Incêndio de 2017 no Pinhal de Leiria.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3458733204164308&set=gm.3328058190626881>

Figura 20: Festival Pinhal das Artes 2011.

Fonte: Pinhal das artes – Paulo Lameiro . <https://musicalmente.pt>

Figura 21: Cartaz publicitário Festival Afonso Lopes Vieira 2021.

Fonte: <https://www.regiaodeleiria.pt/2021/08/festival-afonso-lopes-vieira-leva-poesia-concertos-e-pintura-a-sao-pedro-demoel/>

Figura 22: Cartaz publicitário Festival da Juventude em São Pedro de Moel.

Fonte: <https://litoralcentro-comunicacaoimagem.pt/category/cultura/musica/festivais-de-musica/>

Figura 23: Porto de São Pedro de Moel em 1853, é possível ver os armazéns de madeira.

Fonte: Desenho de Miguel Joaquim de Carvalho, 1853. <https://opinhaldoirei.blogspot.com>.

Figura 24: Transporte de mato na plantação de pinheiros nos cordões dunares, 1905.

Fonte: <http://opinhaldoirei.blogspot.com/2016/03/fixacao-e-arborizacao-das-dunas-do.html>.

Figura 25: Rapaz derrubando lenha no cimo do pinheiro, 1941.

Fonte: <http://opinhaldoirei.blogspot.com/2012/09/o-derrube-de-lenha.html>

Figura 26: Pescadores nas rochas da arriba de São Pedro de Moel, 1958.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/117409711691761/media>

Figura 27: Praia de São Pedro de Moel com banhistas, 1958.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/117409711691761/media>

Figura 28: Plano de urbanização de Lima Franco, 1947

Fonte: Quinta, 2010. p. 42.

Figura 29: Banhos em São Pedro de Moel. anos 60.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/117409711691761/media>

Figura 30: Avenida do Farol, São Pedro de Moel, anos 70.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2606380729419758&set=oa.2332591883506855>

Figura 31: Piscinas Atlânticas Promoel, anos 70.

Fonte: <https://www.facebook.com/fotosdemarinhagrand/photos/pb.100064661470652.-2207520000./934211186615740/?type=3>

Figura 32: Bambi café, anos 70.

Fonte: <https://www.facebook.com/fotosdemarinhagrand/photos/a.934210739949118/934211249949067/>

Figura 33: Farol do Penedo da Saudade, vista da ciclovia EuroVélo 1.

Fonte: <https://www.infatima.pt/pt/conhecer-a-regiao/sol-mar/praias-oceanicas/sao-pedro-de-moel#gallery-7>

Figura 34: Vale dos Pirlampos no riacho de São Pedro de Moel.

Fonte: <http://opinhaldorei.blogspot.com/2013/07/o-vale-dos-pirilampos.html>

Figura 35: Praça Afonso Lopes Vieira.

Fonte: <https://www.impulsiveaddiction.com/sao-pedro-de-moel-o-que-visitar/>

Figura 36: Rua de São Pedro de Moel, junto ao núcleo original.

Fonte: <https://www.impulsiveaddiction.com/sao-pedro-de-moel-o-que-visitar/>

Figura 37: Planta de Evolução Urbana de São Pedro de Moel.

Fonte: Atelier de Projeto II

Figura 38: Vista aérea norte de São Pedro de Moel.

Fonte: Suporte multimédia de filmagens em drone facultados pela câmara municipal da Marinha Grande.

Figura 39: Planta de Frequência de Uso de São Pedro de Moel.

Fonte: Atelier de Projeto II

Figura 40: Praia de São Pedro de Moel, Casa-Museu Afonso Lopes Vieira à direita.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3241918019179162&set=gm.3117569961675706>

Figura 41: Mar a molhas as pedras da arriba.

Fonte: Autoria própria, Maio 2022.

Figura 42: Rizoma nacional, Locais de arte multimédia.

Fonte: Autoria própria.

Figura 43: Programas propostos para São Pedro de Moel.

Fonte: Autoria própria.

Figura 44: Vista do Farol do Penedo da Saudade para a arriba.

Fonte: Galeria partilhada por Bárbara Silva.

Figura 45: Centro de Artes da Calheta inscrito na arriba.

Fonte: <https://portuguesearchitectures.files.wordpress.com/2014/05/pedrokok-casasmudas-3040600x600.jpg?w=1400&h=&crop=1>

Figura 46: Planta nível -1, Centro de Artes.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7874?next_project=no

Figura 47: Salas de Exposições, separadas em dois pisos.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/mudas2_109Figura

Figura 48: Auditório, boca de cena.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7817?next_project=no

Figura 49: Varanda coberta, vista para o Oceano Atlântico.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7824?next_project=no

Figura 50: Circulação exterior.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/cm_114

Figura 51: Caixa de escadas no interior do edifício.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7874?next_project=no

Figura 52: Átrio de distribuição exterior.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7826?next_project=no

Figura 53: Corte Longitudinal, Casa das Artes Calheta.

Fonte: [archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7870?next_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7870?next_project=no)

Figura 54: Cobertura, Casa das Artes Calheta.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david/7783_7834?next_project=no

Figura 55: Chichu Art Museum vista aérea.

Fonte: <https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a3439-chichu-art-museum-by-tadao-ando-art-museum-in-the-earth/>

Figura 56: Processo de construção do museu, 2002.

Fonte: <https://benesse-artsite.jp/story/20211207-2198.html>

Figura 57: Axonometria do Chichu Art Museum.

Fonte: https://bbs.zhulong.com/101010_group_201808/detail10013436/

Figura 58: Corte longitudinal pelos pátios, Chichu Art Museum.

Fonte: https://bbs.zhulong.com/101010_group_201808/detail10013436/

Figura 59: Sala de Walter de Maria.

Fonte: <https://yinjinspace.com/article/Tadao-Ando-Chichu-Art-Museum.html>

Figura 60: Sala de James Turrel.

Fonte: <https://yinjinspace.com/article/Tadao-Ando-Chichu-Art-Museum.html>

Figura 61: Sala de Claude Monet.

Fonte: <https://yinjinspace.com/article/Tadao-Ando-Chichu-Art-Museum.html>

Figura 62: Sala pátio de contemplação.

Fonte: <https://yinjinspace.com/article/Tadao-Ando-Chichu-Art-Museum.html>

Figura 63: Corredor circundante do pátio triangular.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/swych/5188812021/in/photostream/>

Figura 64: Pátio de escadarias quadrado.

Fonte: <https://benesse-artsite.jp/story/20211207-2198.html>

Figura 65: Entrada no centro.

Fonte: <https://yinjinspace.com/article/Tadao-Ando-Chichu-Art-Museum.html>

Figura 66: Desenho de Eduardo Chillida.

Fonte: <https://daydreamtourist.files.wordpress.com/2012/12/sin-tc3adtulo-10.jpg>

Figura 67: Simulação virtual do projeto de Eduardo Chillida, pela VirtuVius.

Fonte: <https://espacodearquitectura.com/projetos/tindaya-de-eduardo-chillida-visualizacao-3d/>

Figura 68: Esquemas de inserção de projeto na montanha.

Fonte: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0886779812000703>

Figura 69: A habitação em ruína no lote da proposta.

Fonte: Galeria partilhada por Bárbara Silva.

Figura 70: Vista aérea da área de Faixa Costeira interveniente.

Fonte: Suporte multimédia de filmagens em drone facultados pela câmara municipal da Marinha Grande.

Figura 71: PROPOSTA - Planta de cobertura/implantação com percursos de acesso

Fonte: Autoria própria.

Figura 72: Vista aérea do lote de implantação da proposta.

Fonte: Suporte multimédia de filmagens em drone facultados pela câmara municipal da Marinha Grande.

Figura 73: Traseiras do edifício da Guarda Nacional Republicana, vista para o local proposto para o jardim do C.M.A.P.

Fonte: Galeria partilhada por João Beltrão.

Figura 74: PROPOSTA - Cortes Transversais A -Alçado Este- (cima) e B - Galeria de exposições(baixo) (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 75: Vista da arriba, Praia da Descida da Areia.

Fonte: Suporte multimédia de filmagens em drone facultados pela câmara municipal da Marinha Grande.

Figura 76: PROPOSTA - Planta de piso 1, nível 26 (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 77: PROPOSTA - Corte longitudinal E - escadaria norte e rampa exterior (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 78: PROPOSTA - Corte transversal D - Alçado oeste(legenda em anexo). escala 1.200.

Fonte: Autoria própria.

Figura 79: PROPOSTA - Planta de piso -4, nível 10 (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 80: Diagrama de Funções do C.M.A.P

Fonte: Autoria própria.

Figura 81: Corte G (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 82: PROPOSTA - Planta de piso -2, nível 21 (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 83: PROPOSTA - Corte longitudinal F- *Foyer* (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 84: PROPOSTA - Corte transversal C - *Black-box* (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 85: PROPOSTA - Planta de piso -3, nível 14 (legenda em anexo).

Fonte: Autoria própria.

Figura 86: Praia de São Pedro de Moel.

Fonte: Autoria própria.

ANEXOS

Renders de simulação 3D.

Maqueta 1/200.

Painéis de análise de São Pedro de Moel, realizada em Atelier de Projeto II.

Painéis de apresentação de projeto individuais.

Outras imagens.

Processo criativo em modelo 3D.

Desenhos Rigorosos.















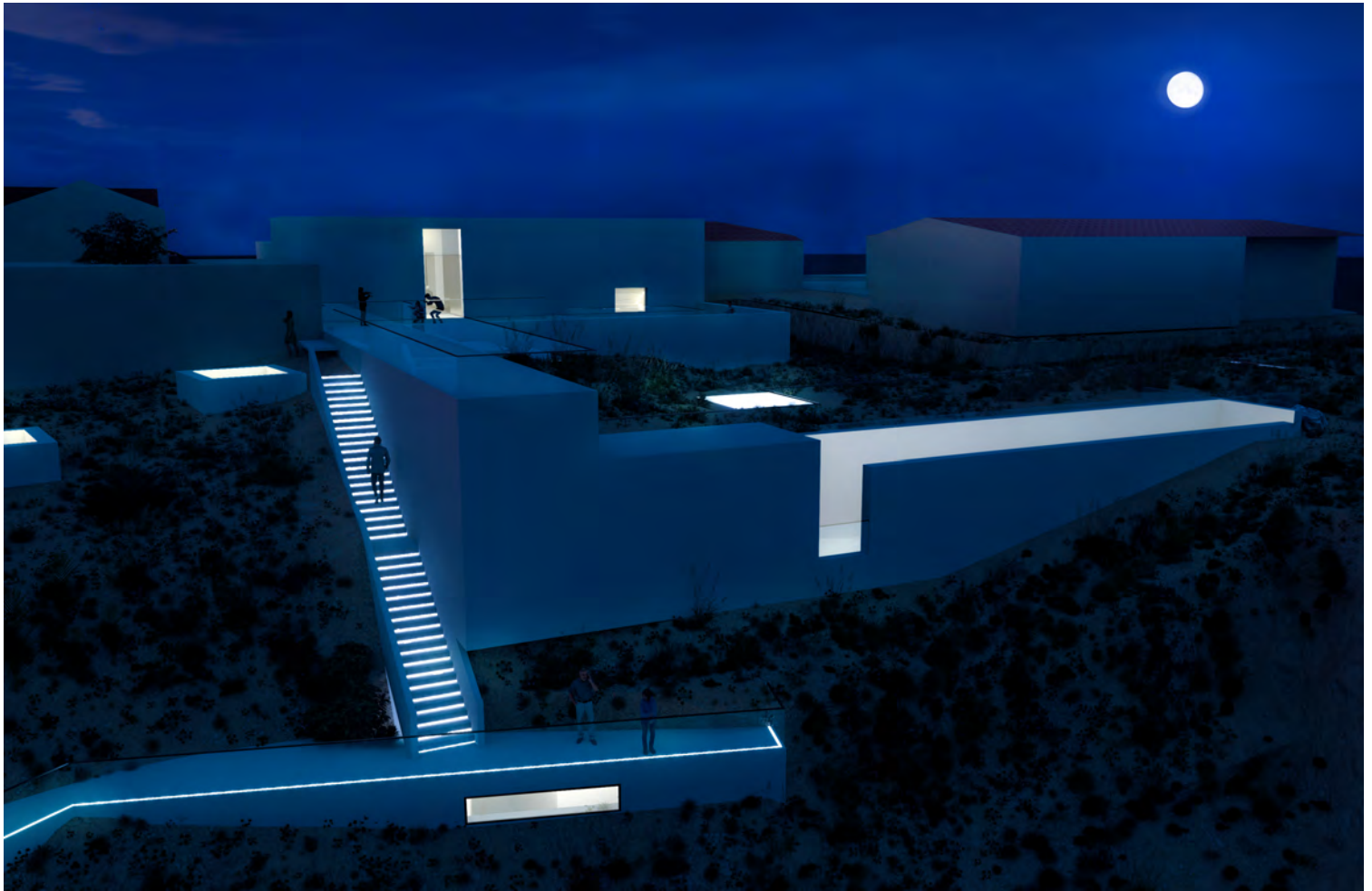




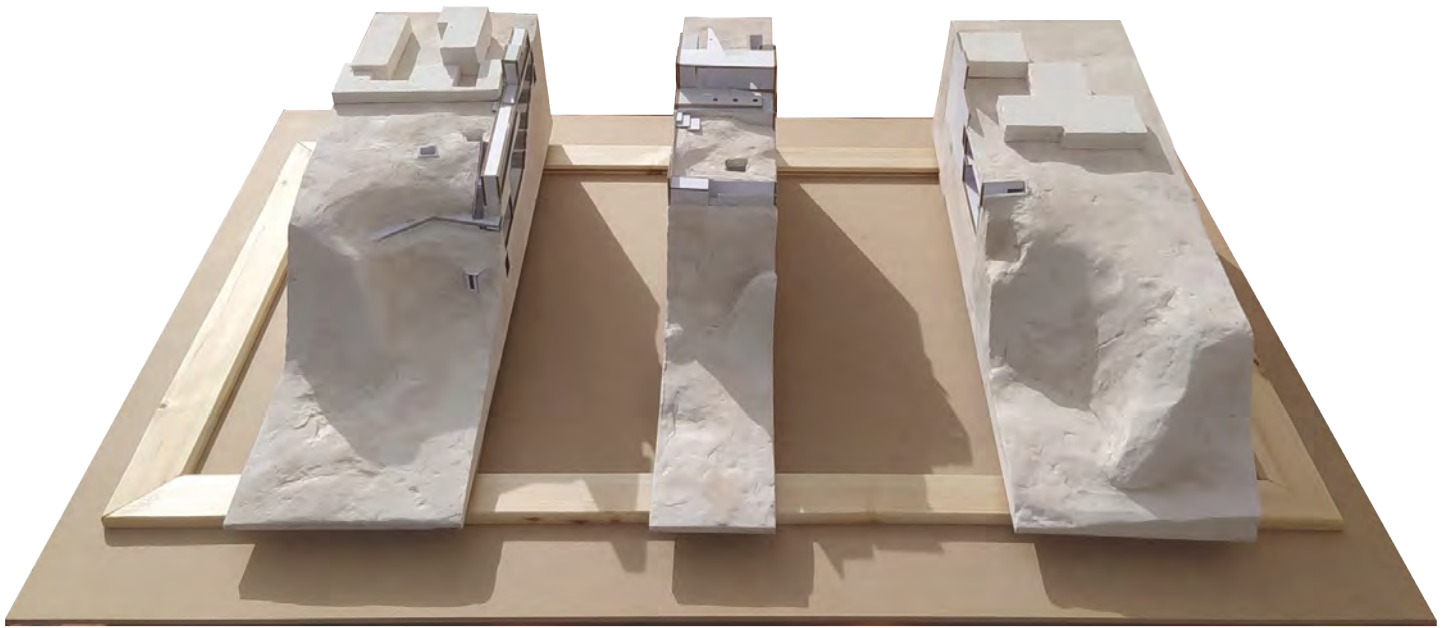










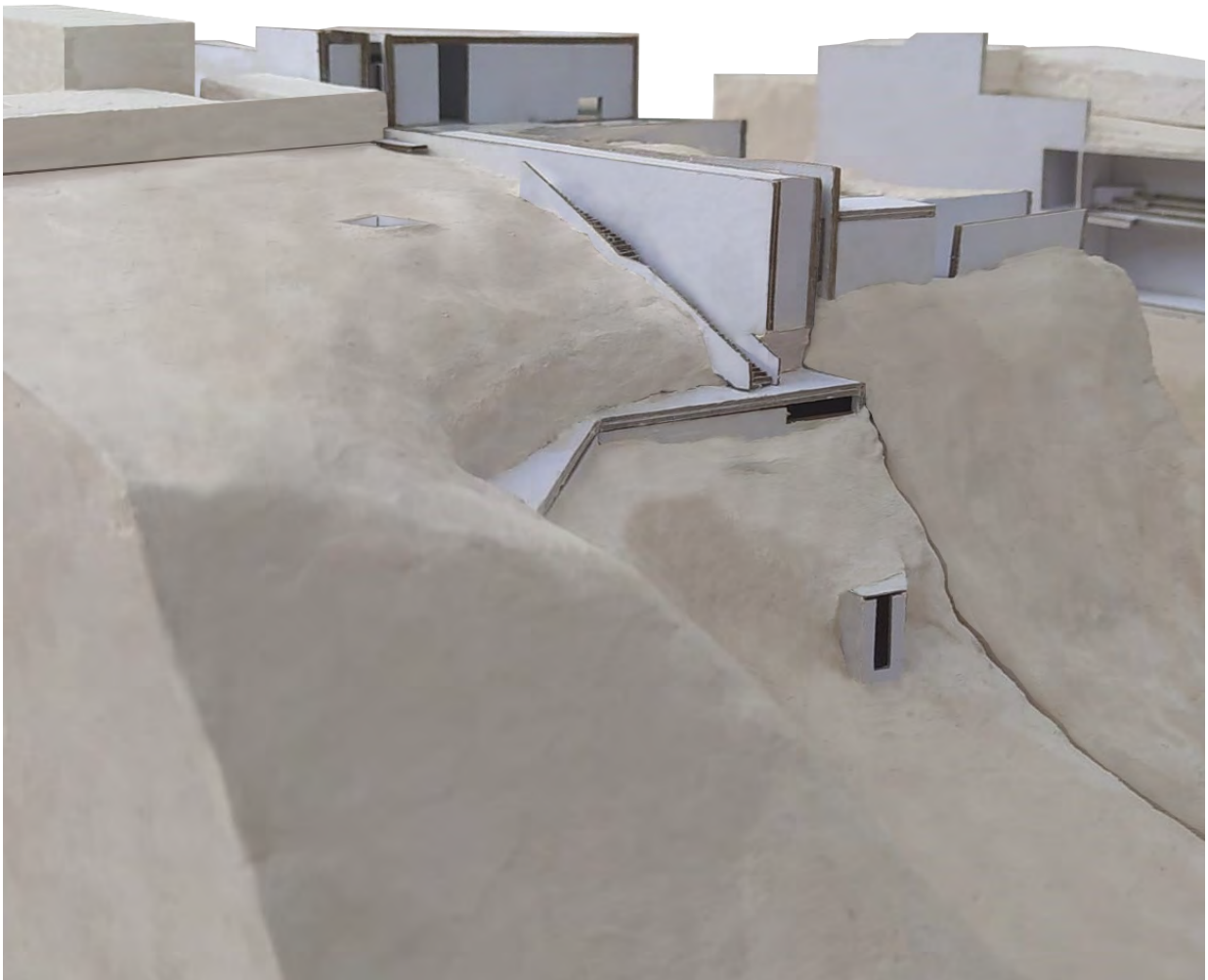












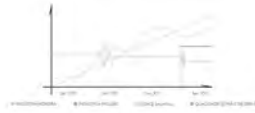
RECURSOS HUMANOS E HISTÓRICOS



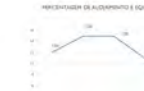
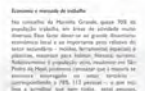
População de São Paulo de Olivença

1. Início do povoamento em 1900, com a chegada de migrantes vindos do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros.
2. Início do povoamento em 1940, com a chegada de migrantes vindos do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros.
3. Povoamento em 1980, com a chegada de migrantes vindos do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros.
4. Início do povoamento em 2020, com a chegada de migrantes vindos do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros.

A Planície Grande constitui-se de uma única unidade de relevo, com uma topografia plana e baixa, com altitudes variando entre 100 e 150 metros. O relevo é caracterizado por uma superfície plana e baixa, com altitudes variando entre 100 e 150 metros.



O Lago de São Paulo de Olivença é um corpo d'água formado em 1970, com uma área de 100 hectares. O lago é formado por águas pluviais e de rios locais, sendo utilizado para recreação e pesca.



PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO RELEVANTE

O Lago de São Paulo de Olivença é um corpo d'água formado em 1970, com uma área de 100 hectares. O lago é formado por águas pluviais e de rios locais, sendo utilizado para recreação e pesca.

Em São Paulo de Olivença, há um patrimônio histórico relevante, formado por edifícios e estruturas que representam a história da cidade. Este patrimônio é formado por edifícios e estruturas que representam a história da cidade.

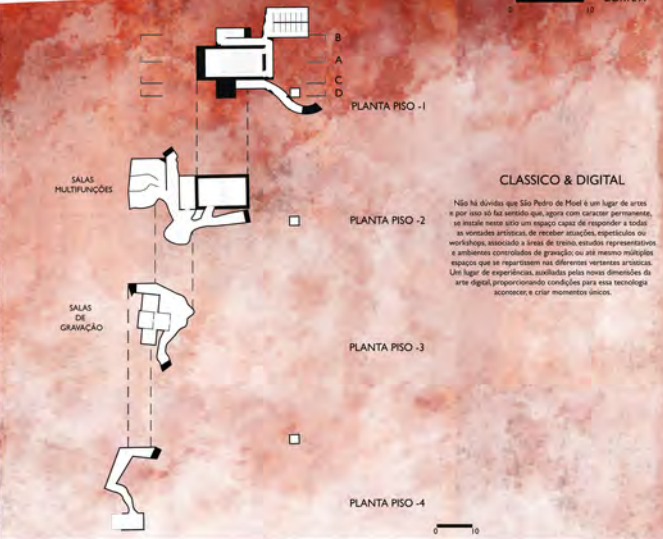
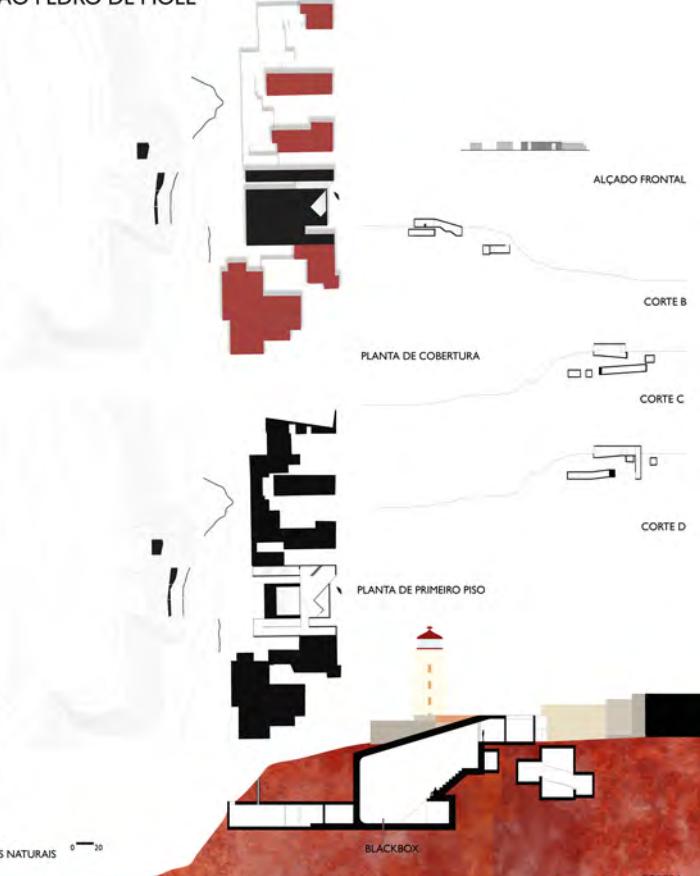
Um segundo lugar, muito de interesse para o patrimônio histórico, é o antigo edifício da Prefeitura Municipal, que foi construído em 1970. Este edifício é um exemplo de arquitetura moderna e é considerado um patrimônio histórico relevante.

Finalmente, não são menos relevantes, a existência da infraestrutura, formada pela combinação entre os edifícios modernos e as estruturas históricas. Esta infraestrutura é formada pela combinação entre os edifícios modernos e as estruturas históricas.



Atelier de Projeto II-C Tema: Território e Paisagem Docente: João Paulo Cardielos

UM LUGAR PARA AS ARTES EM SÃO PEDRO DE MOEL



Lugar das ARTES

SENTIR



Black Box, espaço de atuação e de eventos

SABER



Salas de ensaio, salas de gravação, salas de cinema, salas de trabalho

ADMIRAR



Espaços de : contemplação no percurso subterrâneo, contacto entre a arriba, o mar, e a luz



Arribas de São Pedro de Moel
Local de intervenção



Comboio das Matas em 1956

André Galhardo

Inês Veríssimo & Inês Cordero

Rogério Barroso

Ana Margarida Cunha

Ana Cistilho

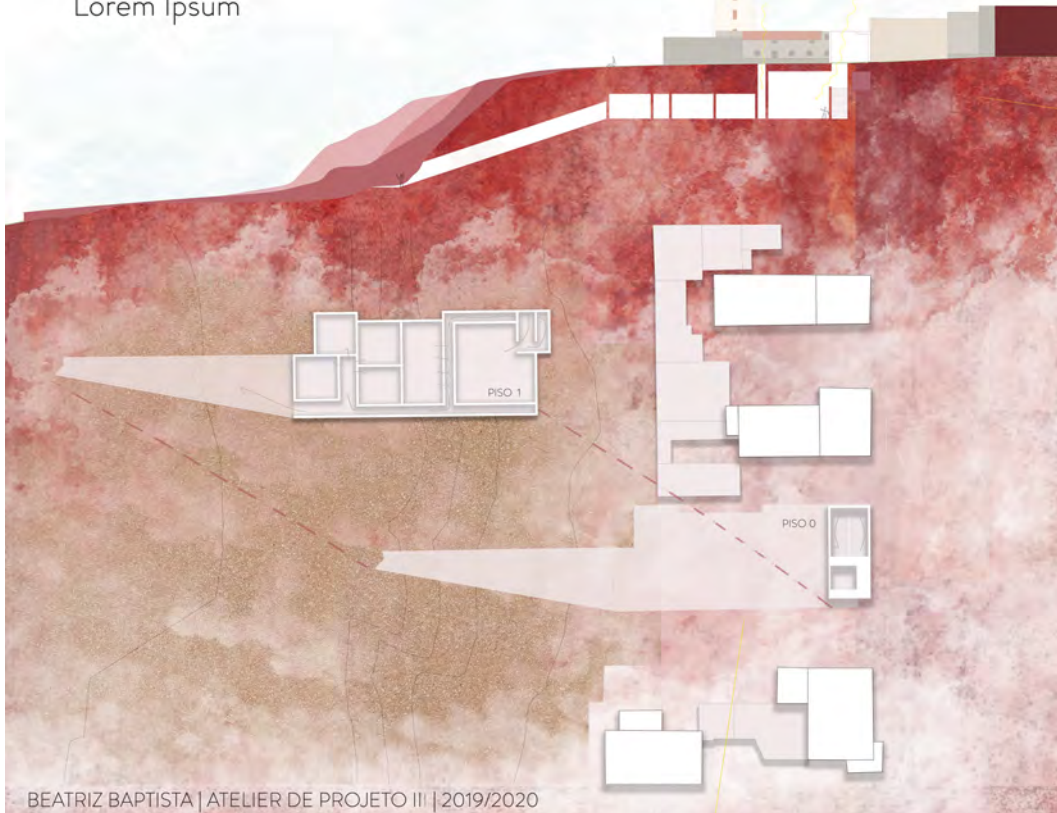
Lorem Ipsum

Lorem Ipsum

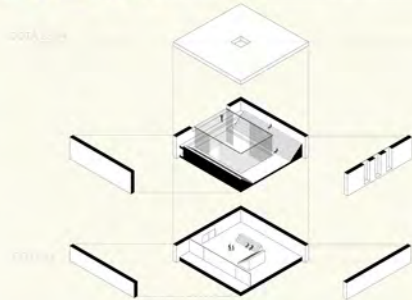
Lorem Ipsum

Planta Geral de São Pedro de Moel
localização de outros espaços de intervenção da turma

Lorem Ipsum



BEATRIZ BAPTISTA | ATELIER DE PROJETO III | 2019/2020



São João nada pequeno, com terra nada pequena, de paisagem monumental, capaz de surpreender os mais atentos. Estes lugares requerem estar à espera que um olhar atencioso se interesse por eles.

São Pedro de Moel também está à espera...

Só os acontecimentos procuram a vertigem ao combater nos arcos, mas quem não respira fundo quando olha para o mar? Quem não se lembra de crianças perdidas?

São Pedro de Moel sempre nos inspira profundos e inspira arte. E que há um certo mistério de que aquilo que nos faz inspirar natureza, e captar música? As areias do bairro dos nativos têm essa beleza.

A ideia deste projeto é uma CASA PRETA, que pode não ser preta, pode ser de uma cor qualquer. Mas tem que ser o lugar de um homem, ou o habitat de uma mulher.

E para conservar a memória deste bairro tão naturalmente pequeno, pode ser encenado no seu terreno.

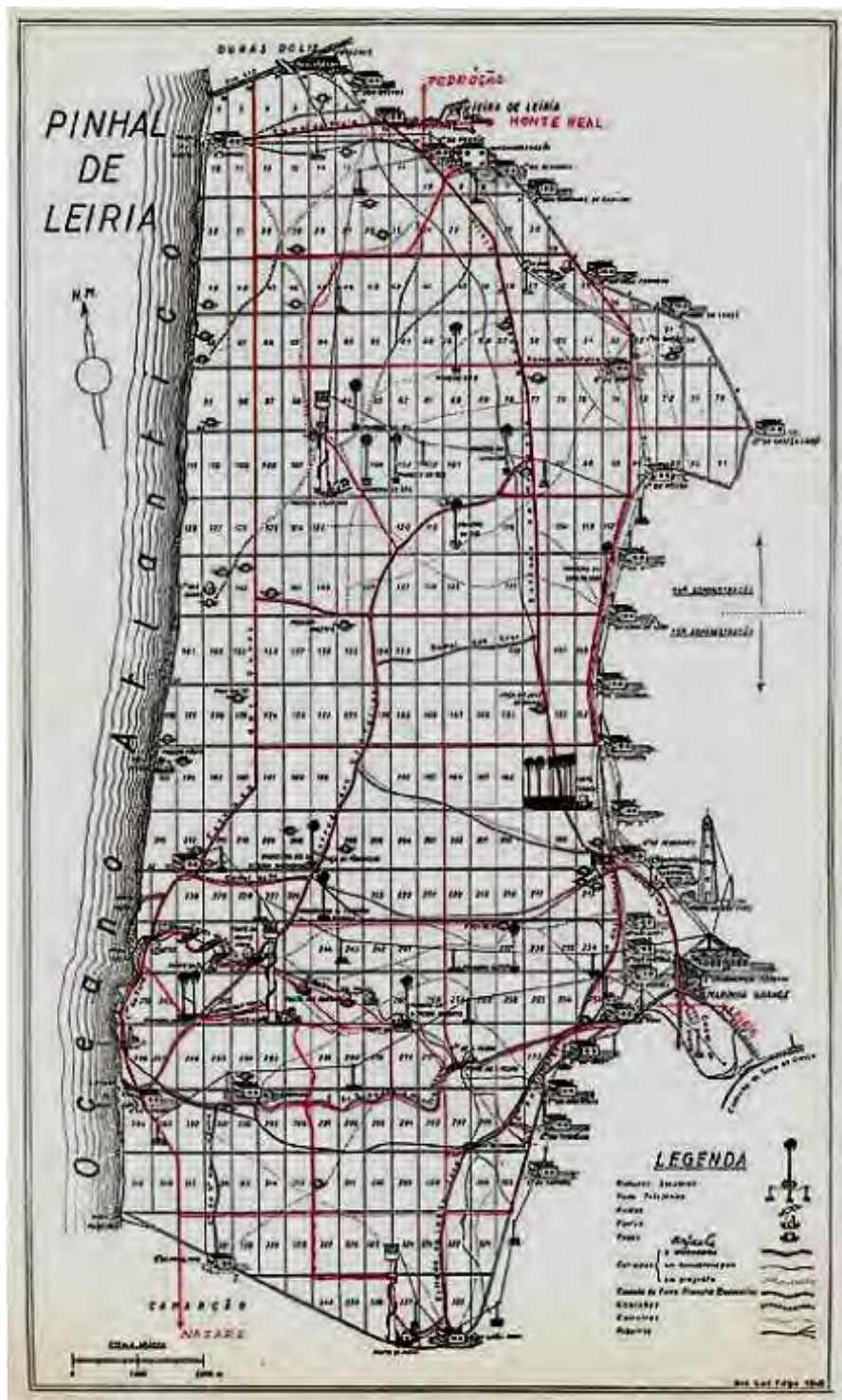
Temos então a casa preta no centro de uma cidade, entre a praia e a praia adormecida.

Um novo lugar para as artes em São Pedro de Moel, responde a uma vontade local de albergar a cultura, e que está sempre ao alcance de quem a procura.

Aqui há espaço para o teatro, a dança, a música, e até a pintura, todos no mesmo ponto.

E daí? Qual é o seu nome?











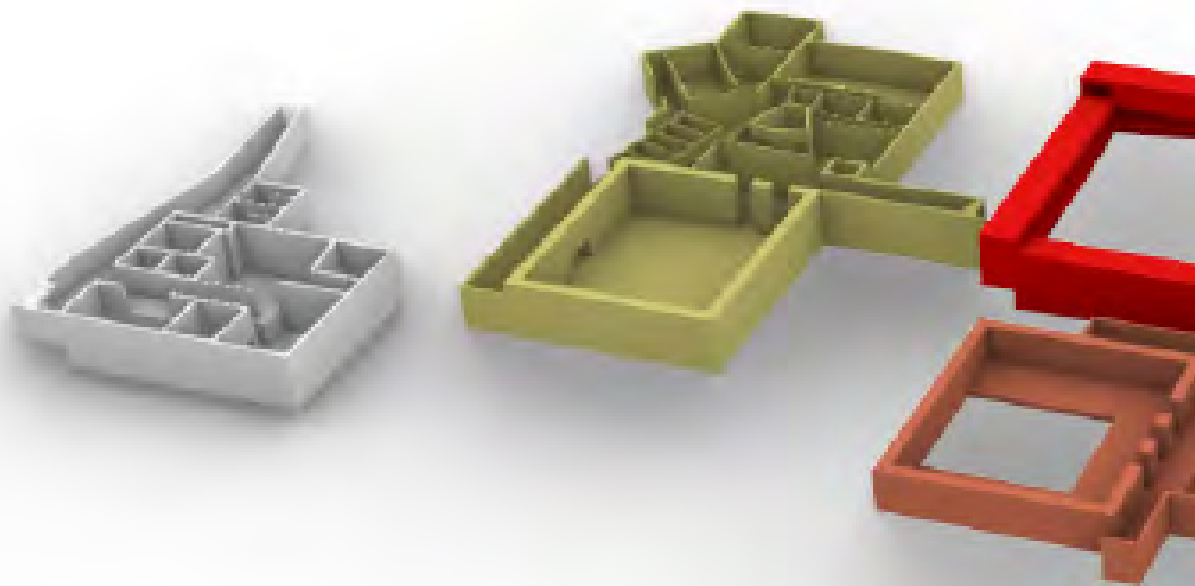
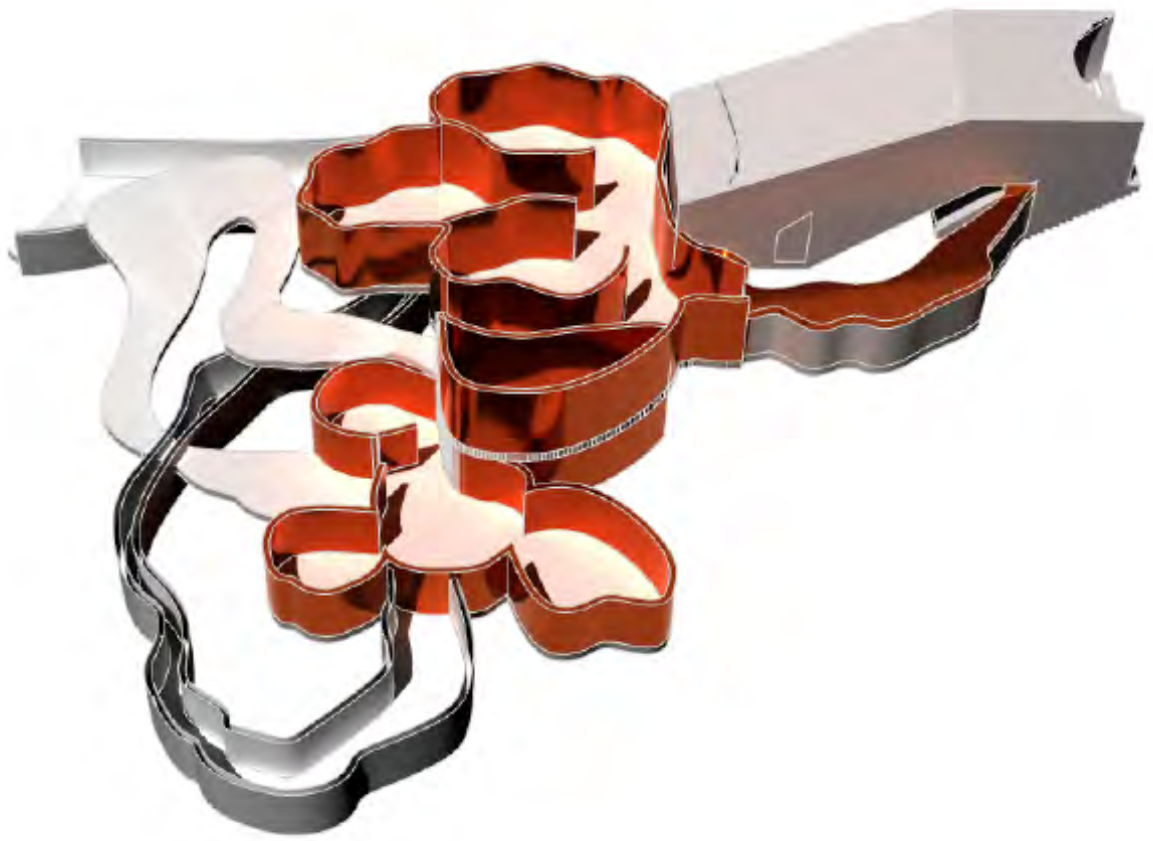


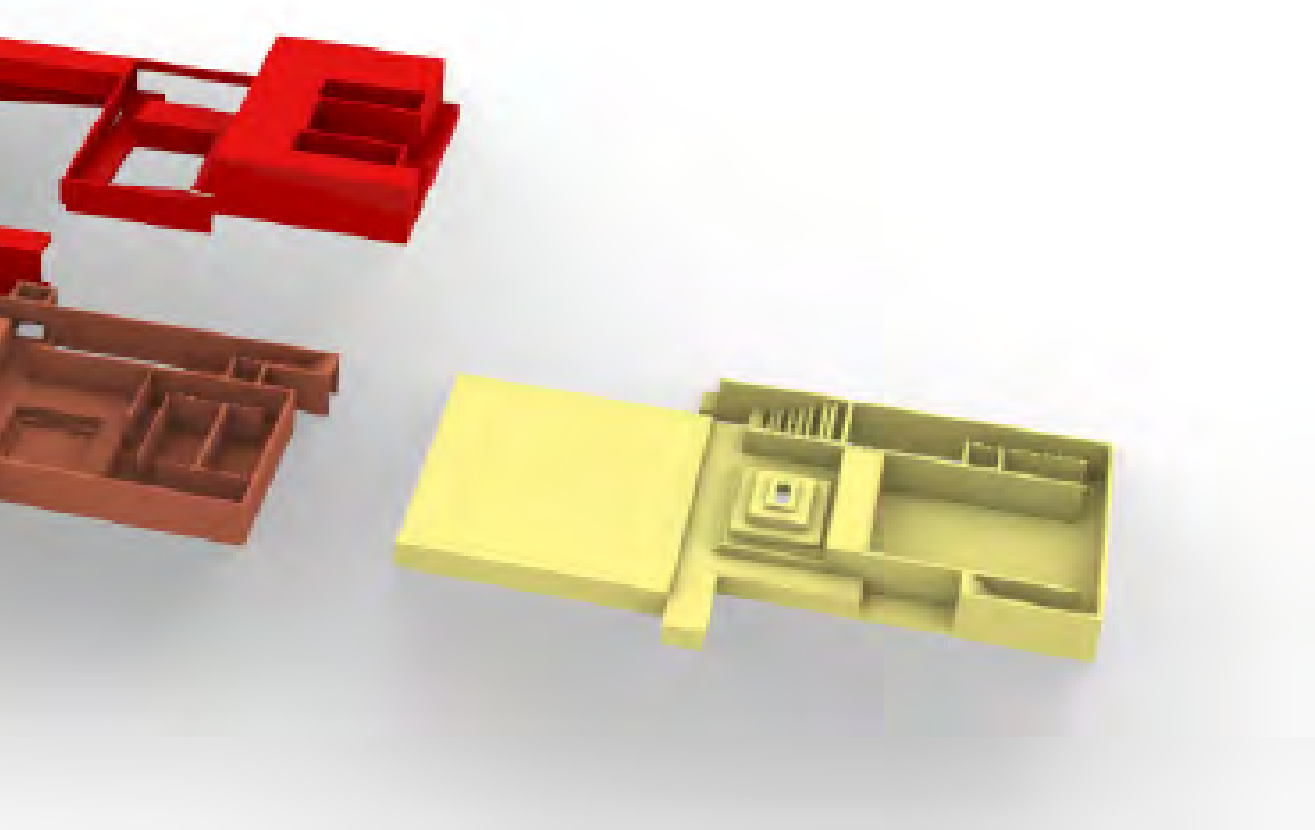
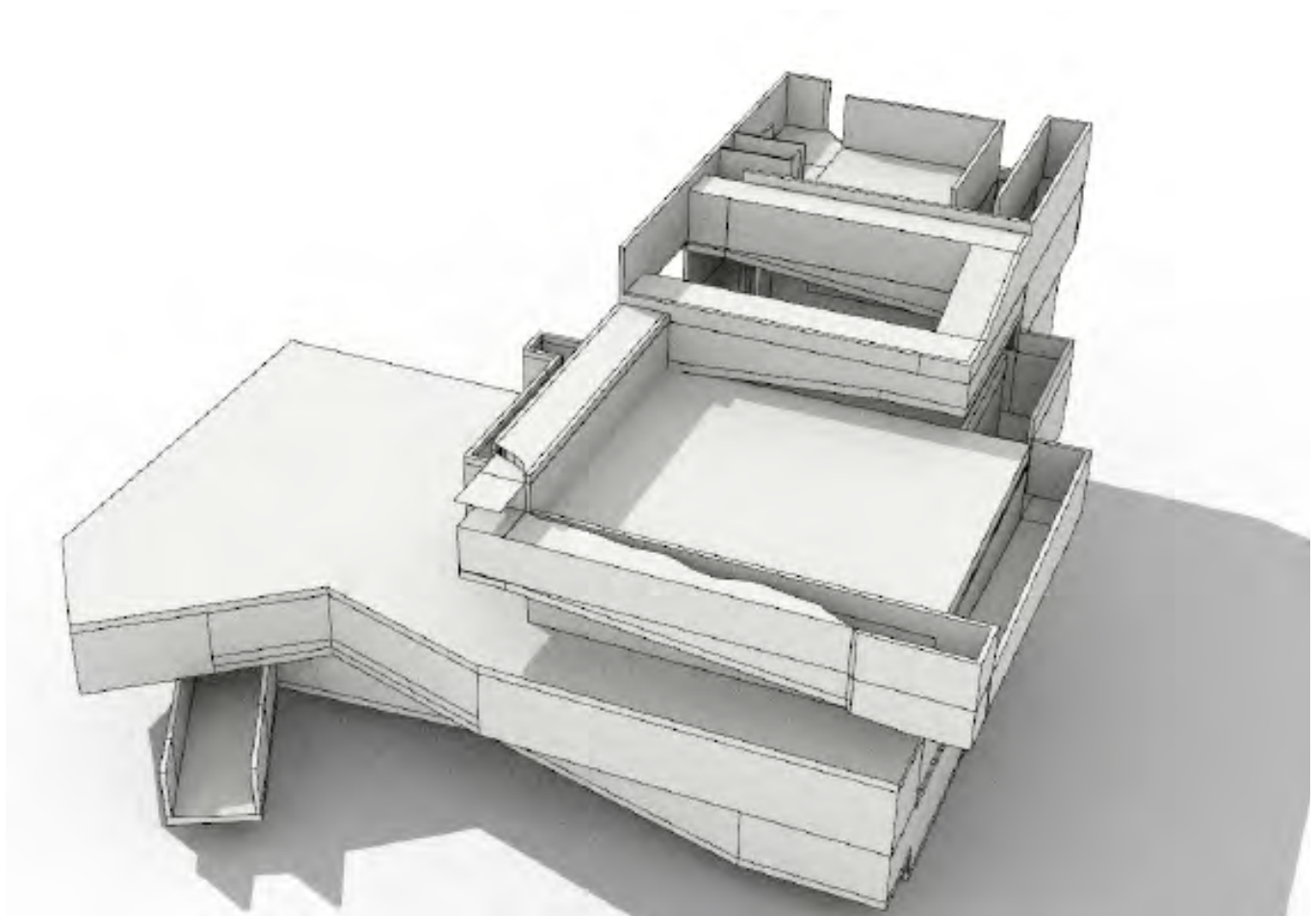


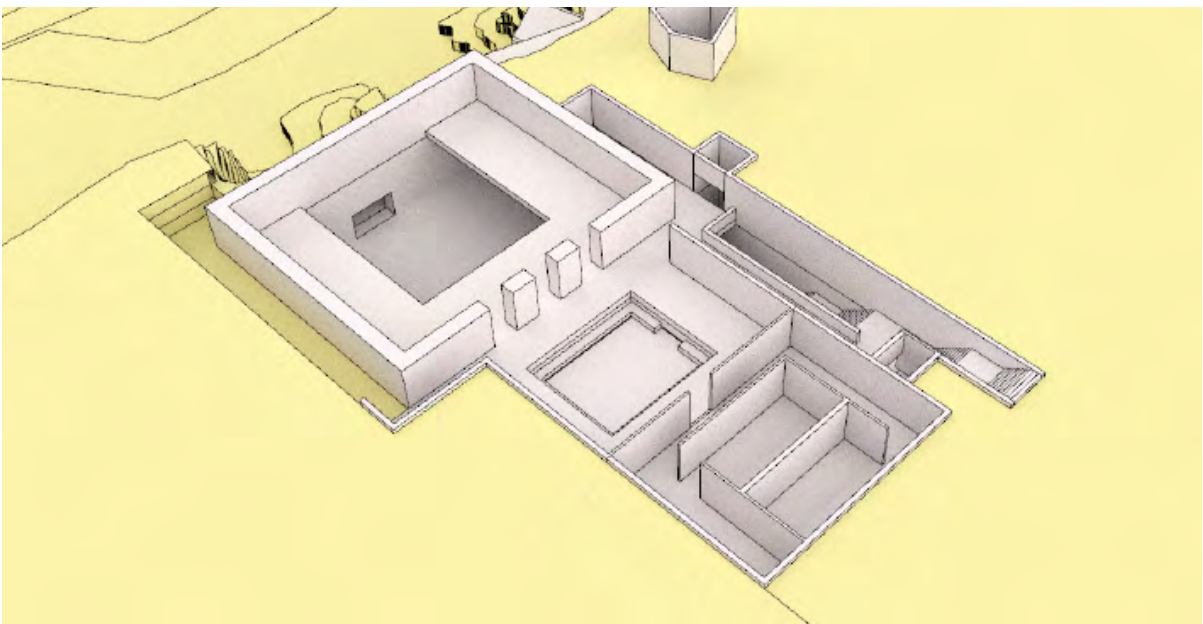
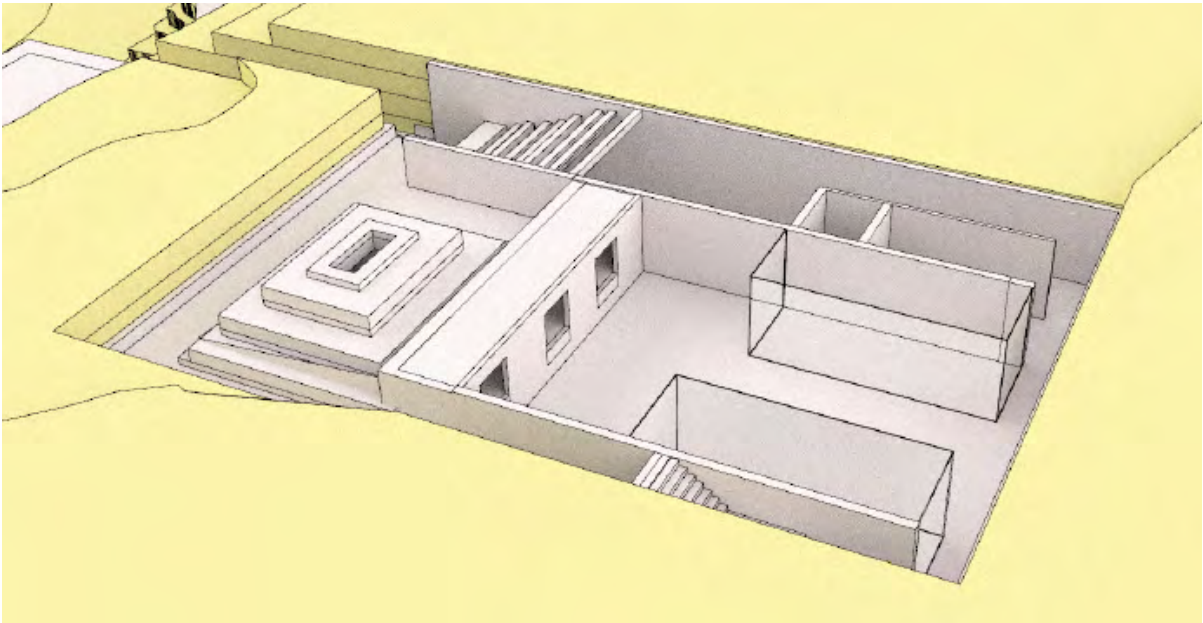
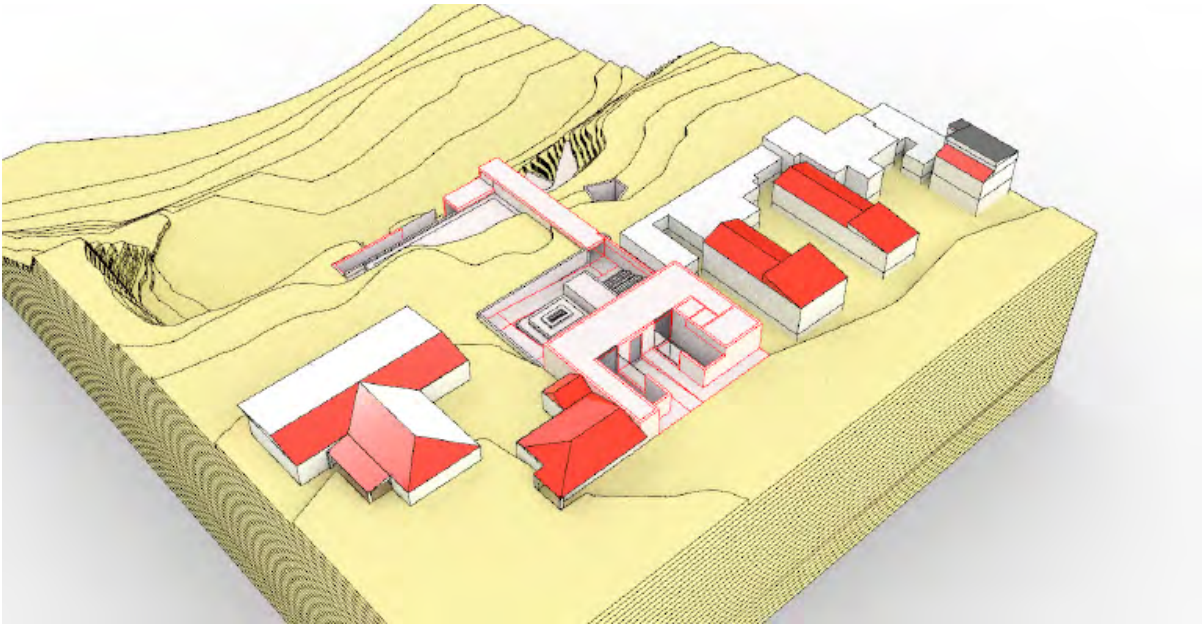


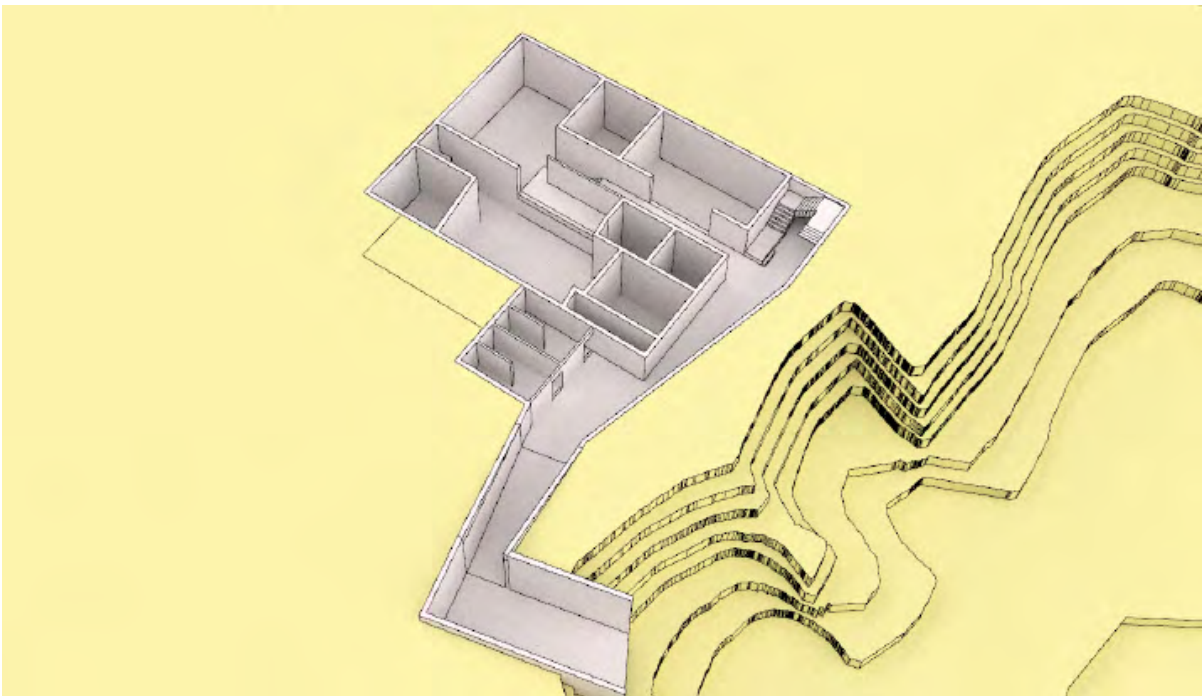
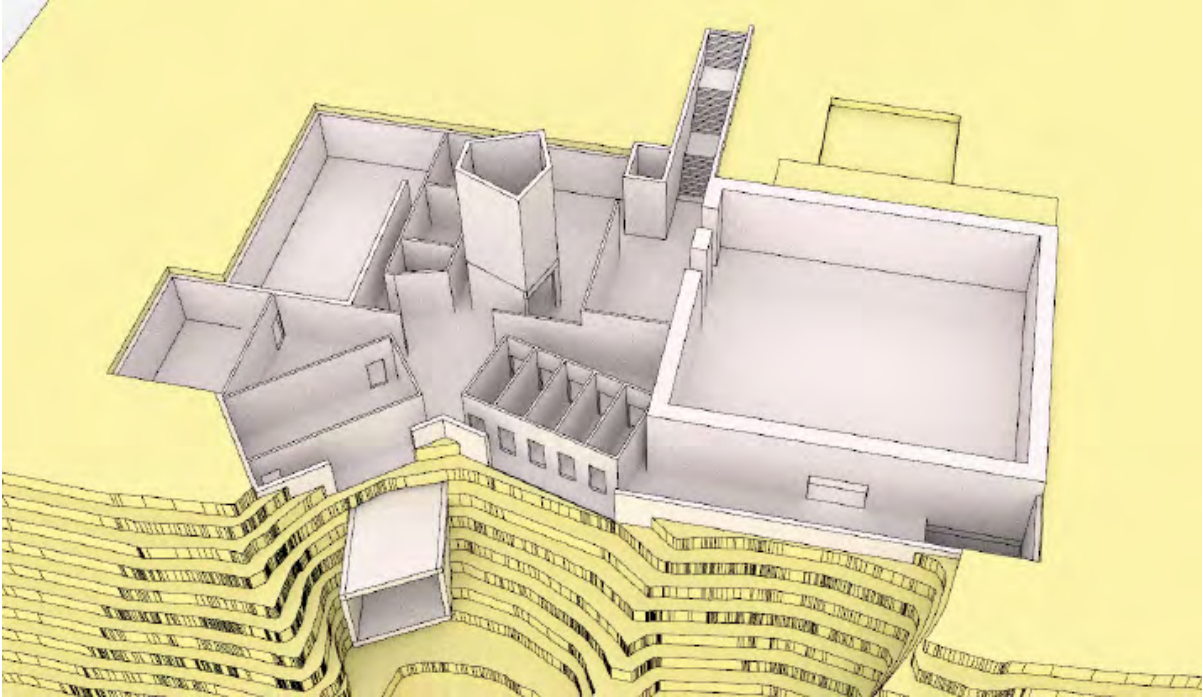


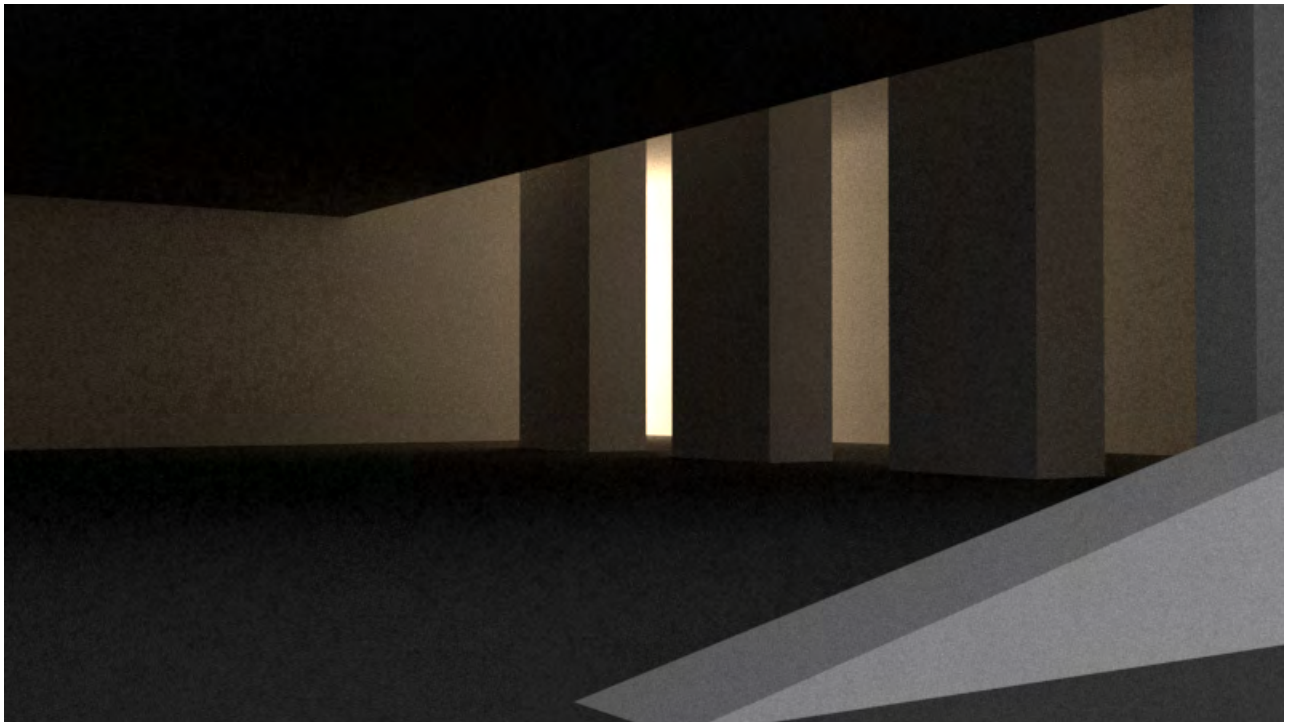


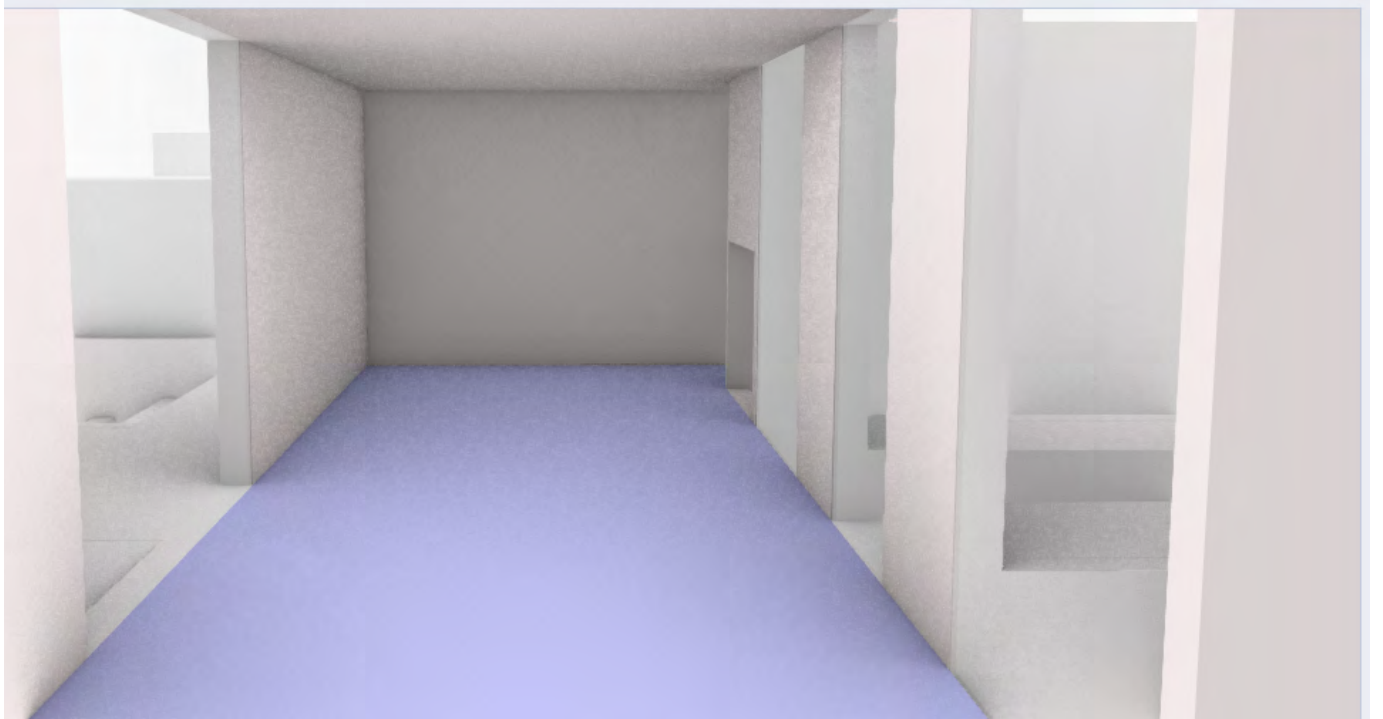
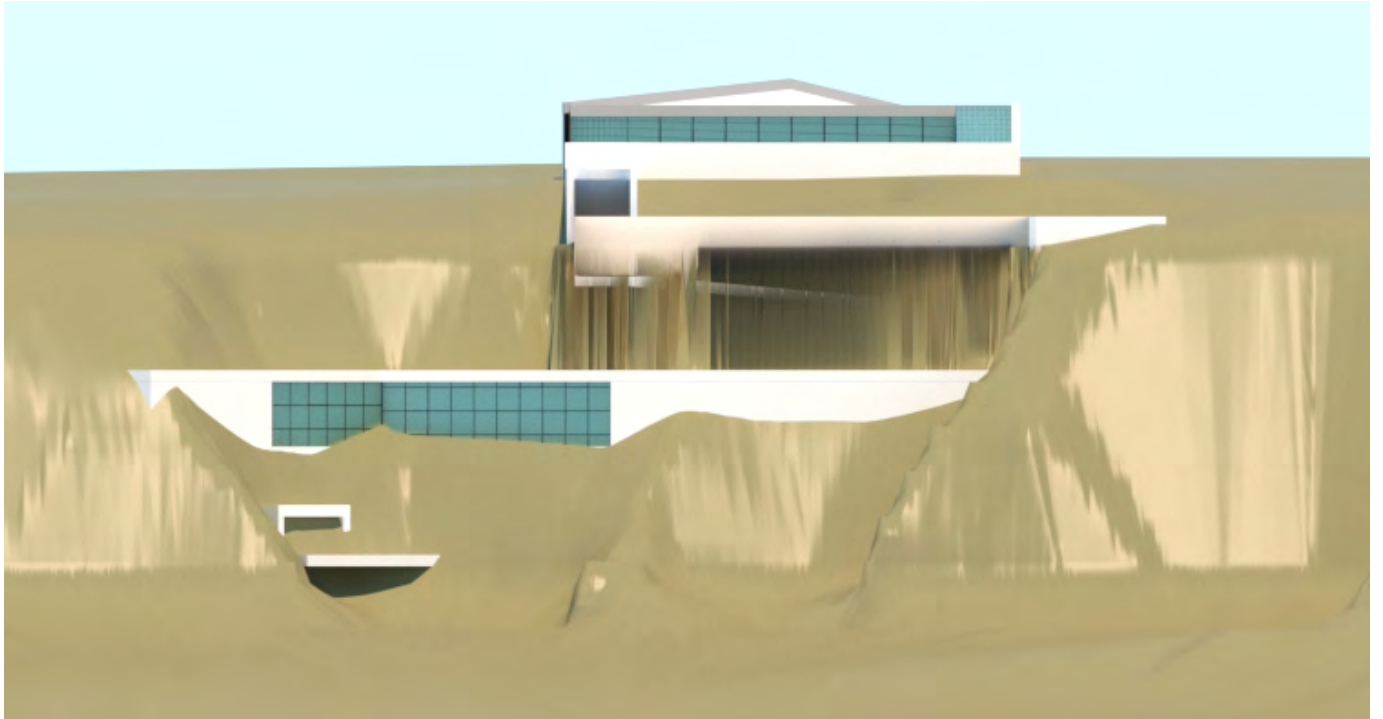












Resumo	I
Abstract	III
Prólogo	
Memória de areia	IX
O OBJETO DE ESTUDO	1
INTRODUÇÃO	3
problemática & objetivos	11
metodologia	15
pertinência	25
CONTEXTO	
história local	29
O que lá existe	39
ESTRATÉGIA - O rizoma	49
A PROPOSTA	63
CASOS DE ESTUDO	65
Centro de Artes da Calheta, Casa das Mudanças	67
Chichu Art Museum	73
Projeto Tindaya Mountain, Monumento à Tolerância	81
C.A.M.P.	87
Filosofia do Lugar	89
Implantação	97
Forma e Mobilidade	105
Programa	111
<i>Foyer</i>	115
<i>Black-box</i>	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
SUMÁRIO DE FIGURAS	137
Anexos	153



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO/RIZOMA

LEGENDA

- Edificado
- Oceano Atlântico
- Aglomerado Urbano
- Areal/ Arriba
- Percursos pedestres mais comuns
- Percurso de ciclovia
- Lugares propostos pela turma de Atelier de Projeto II
- Lugares propostos para desenvolvimento de dissertação
- Lugares relevantes



PLANTA DE COBERTURA | N 31



PLANTA DE PISO 1 | N 26

LEGENDA

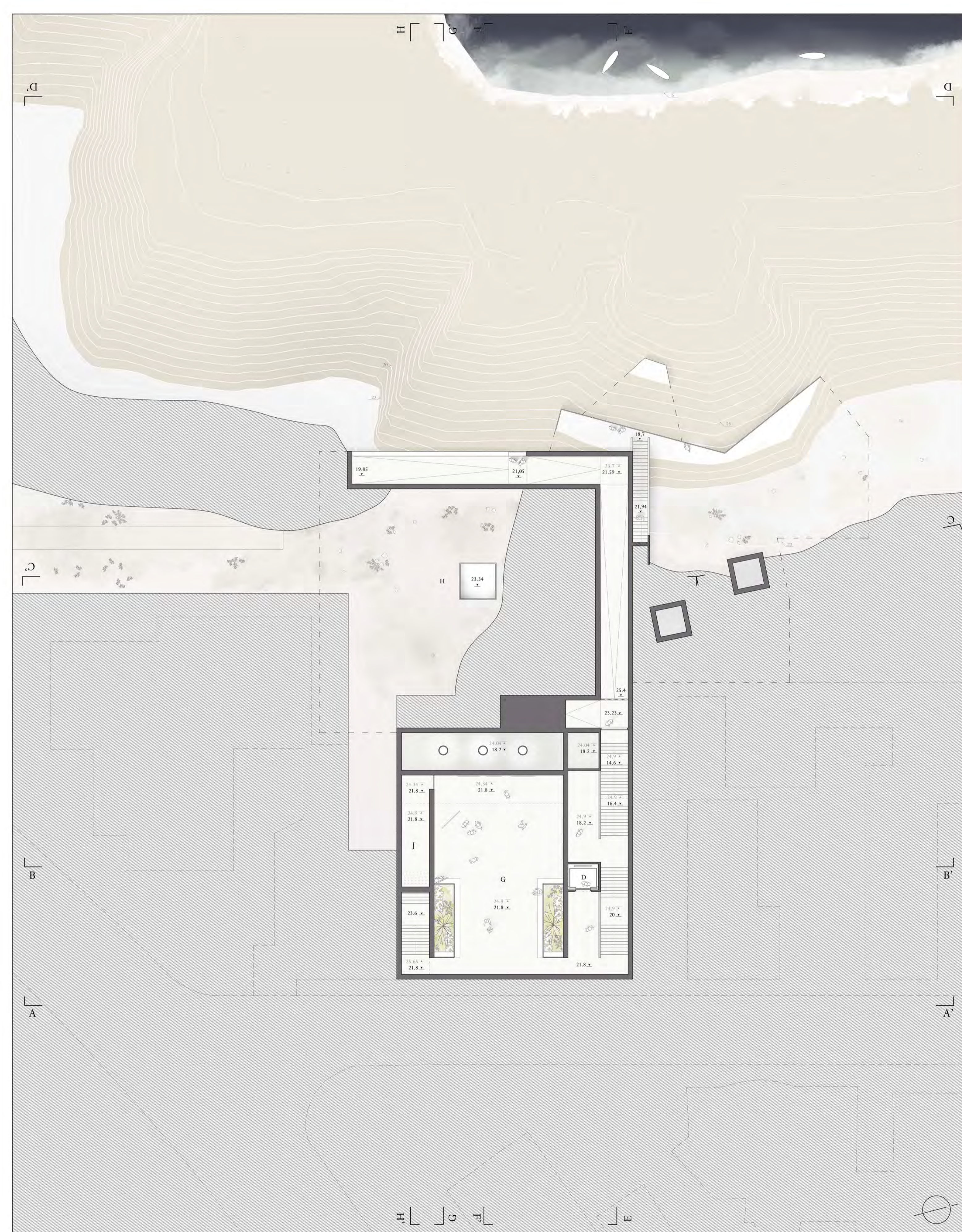
- Edifício em corte
- Terreno em corte
- Oceano Atlântico
- Areal/ Arriba

- 00.00 Cota de terreno
- 00.00 Cota de pavimento
- 00.00 Cota de teto
- 00.00 Cota de Cobertura

- A. Corta-vento
- B. Hall de entrada
- C. Instalações sanitárias
- D. Elevador

- E. Recanto de contemplação
- F. Secretariado
- G. Varanda exterior
- H. Jardim

- Percursos pedestres de acesso ao C.A.M.P.
- Circulações possíveis nas coberturas/rampas



PLANTA DE PISO -1 | N 23.5



PLANTA DE PISO -2 | N 21

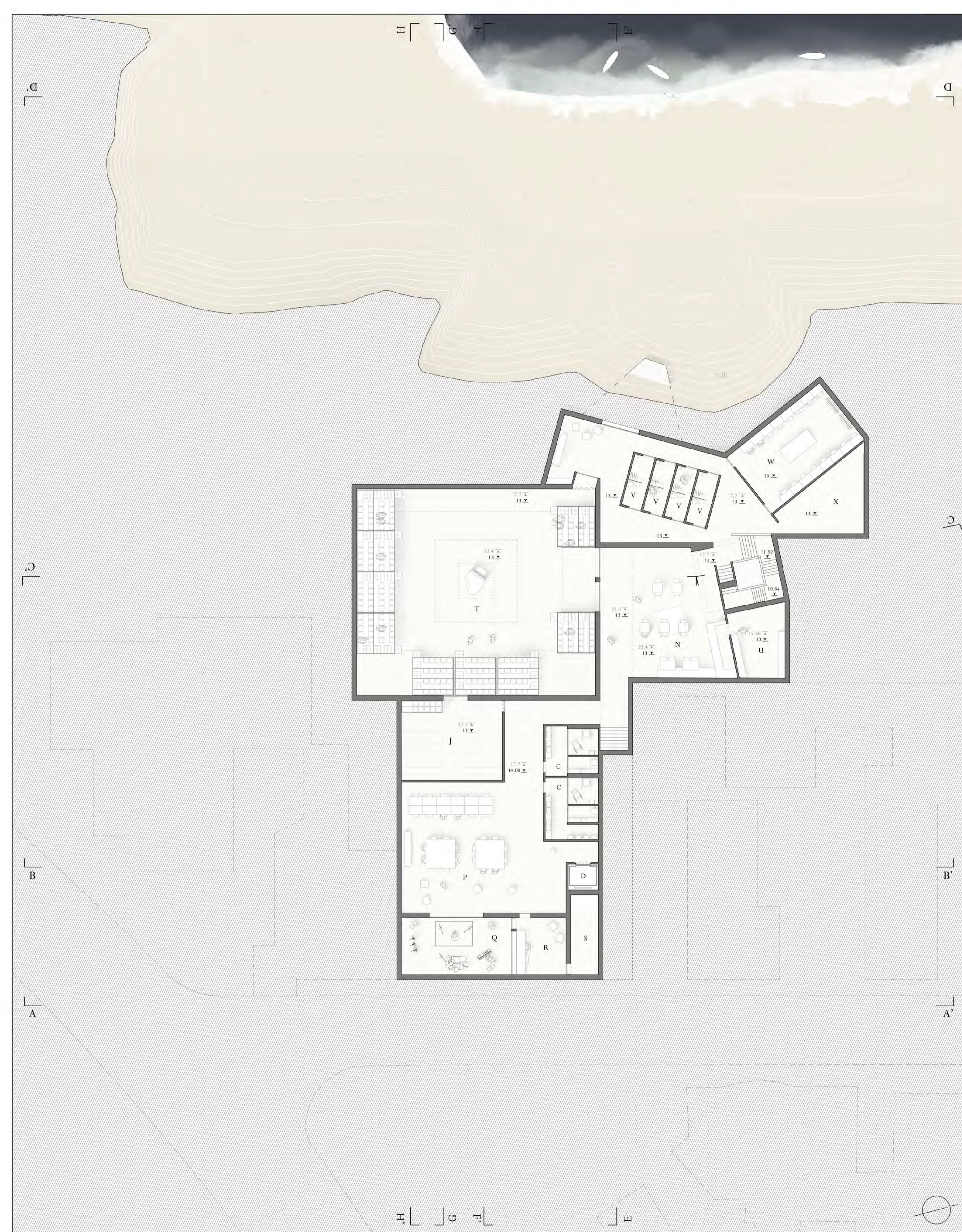
LEGENDA

- Edifício em corte
- Terreno em corte
- Oceano Atlântico
- Areal/ Arriba

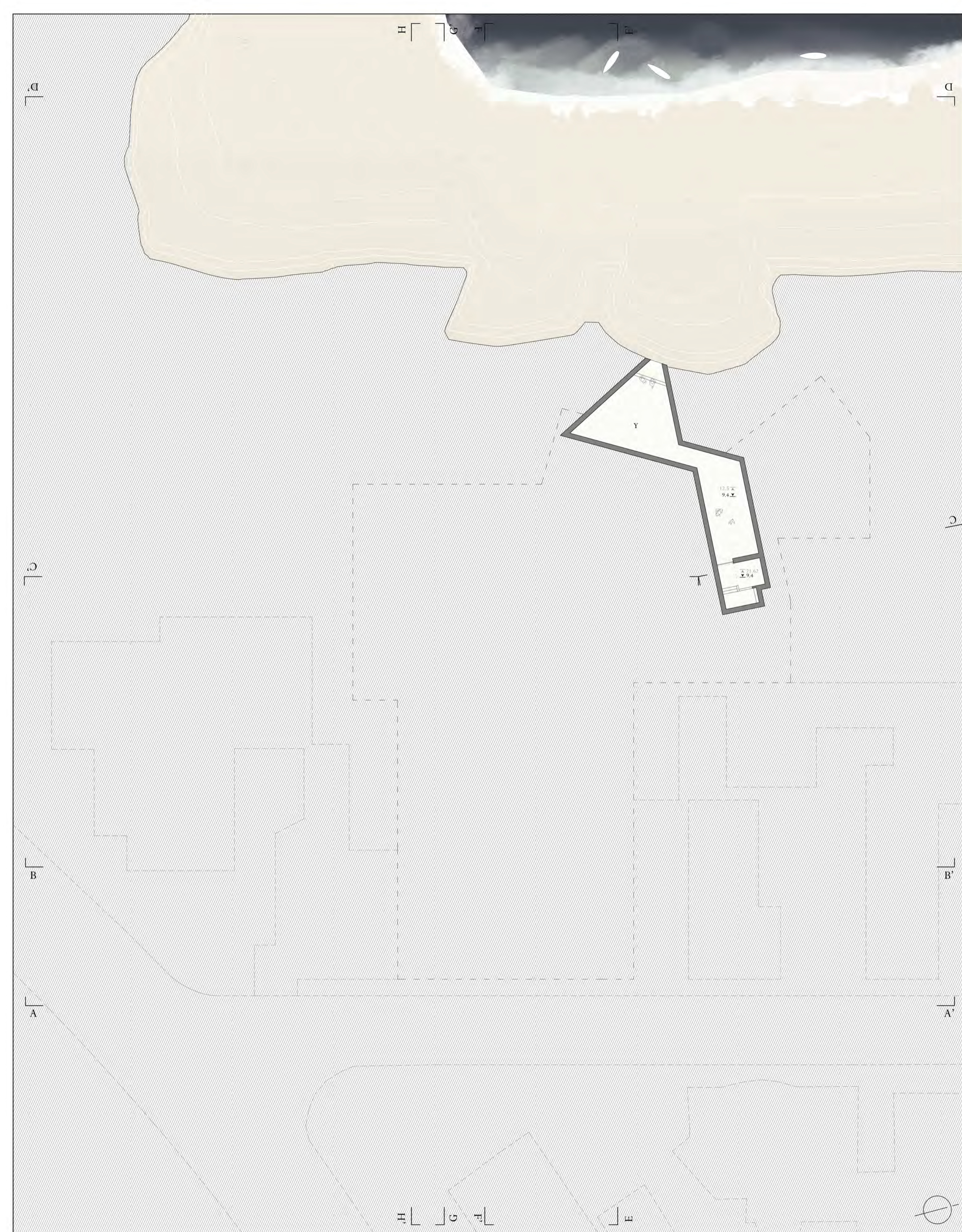
- 0.00 Cota de terreno
- ±.00.00 Cota de pavimento
- + 00.00 Cota de teto

- C. Instalações sanitárias
- D. Elevador
- H. Jardim
- I. Galeria de exposição
- J. Arrumos/Sala técnica
- K. Foyer

- L. Bengaleiro
- M. Bancadas superiores BlackBox
- N. Cafetaria
- O. Sala de ensaios



PLANTA DE PISO -3 | N 14



PLANTA DE PISO -4 | N 10

LEGENDA

- Edifício em corte
- Terreno em corte
- Oceano Atlântico
- Areal/ Arriba

- 0.00 Cota de terreno
- + 0.00 Cota de pavimento
- + 00.00 Cota de teto

- C. Instalações sanitárias
- D. Elevador
- J. Arrumos/Sala técnica
- N. Cafetaria
- O. Sala de ensaios
- P. Sala de artistas
- Q. Estúdio de gravação - Sala de som

- R. Estúdio de gravação - Sala de produção
- S. Estúdio de Gravação - Sala das máquinas
- T. Piso/palco BlackBox
- U. Cozinha
- V. Camarins
- W. Camarins/balneários
- X. Sala multimédia

- Y. Varanda salgada



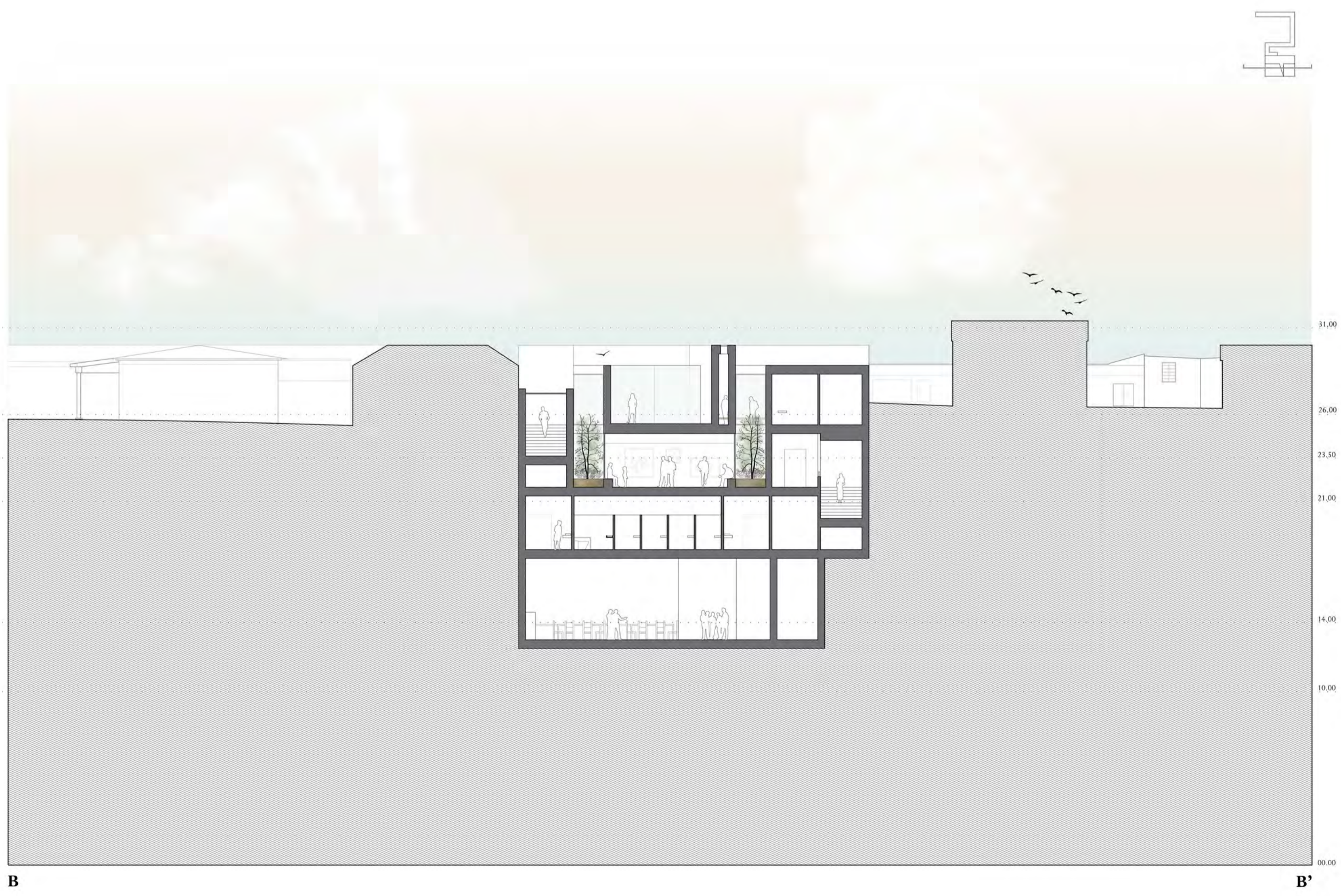
A

A'



C

C'



B

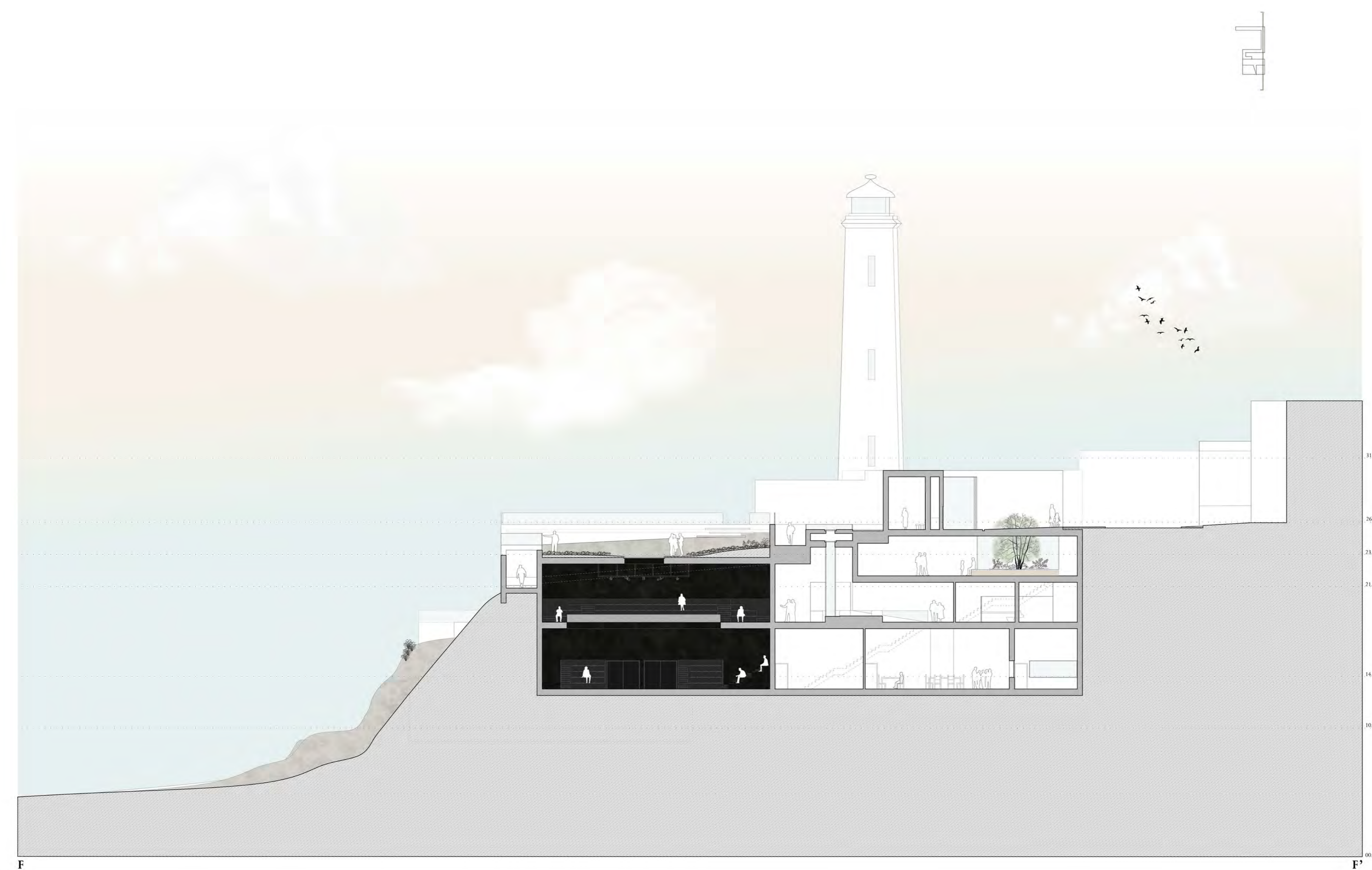
B'



D

D'

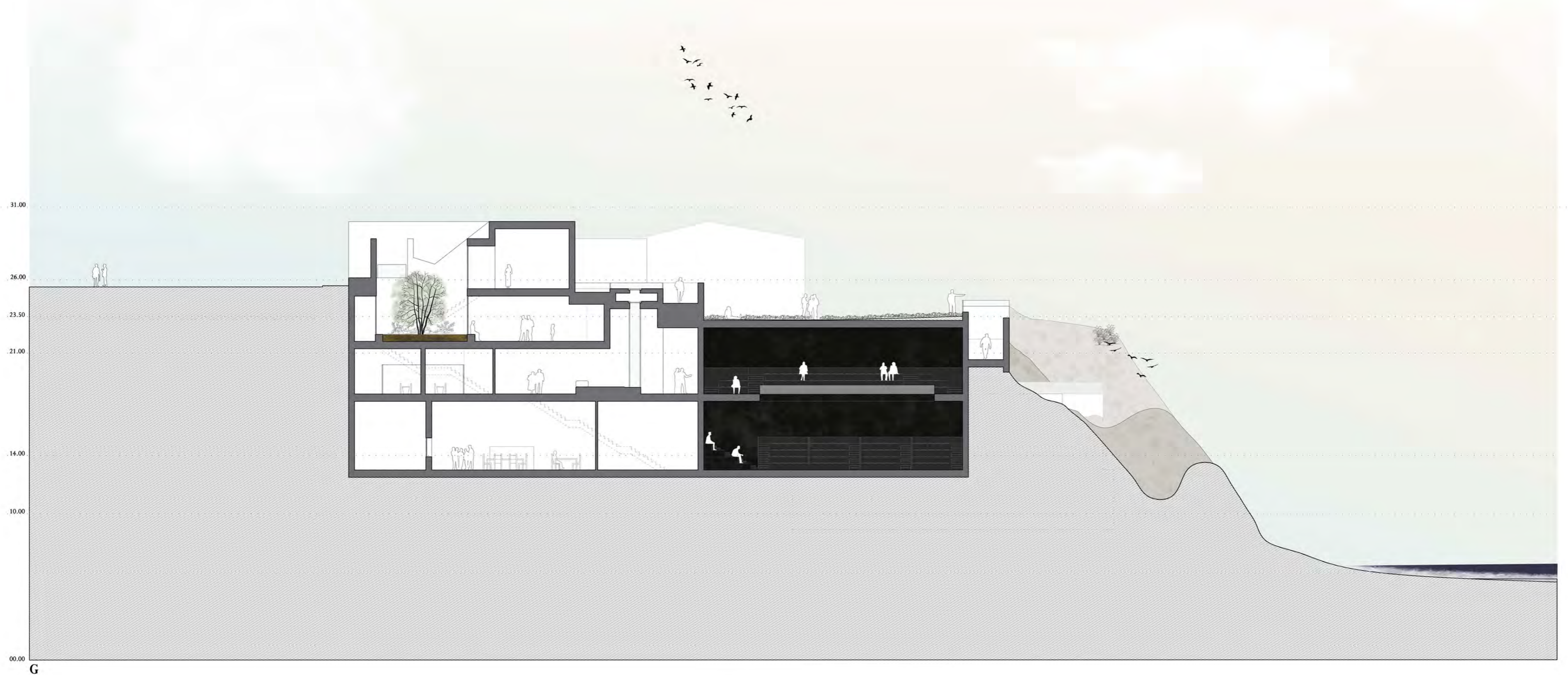
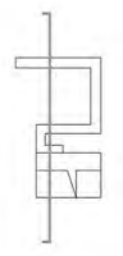
CORTES TRANSVERSAIS



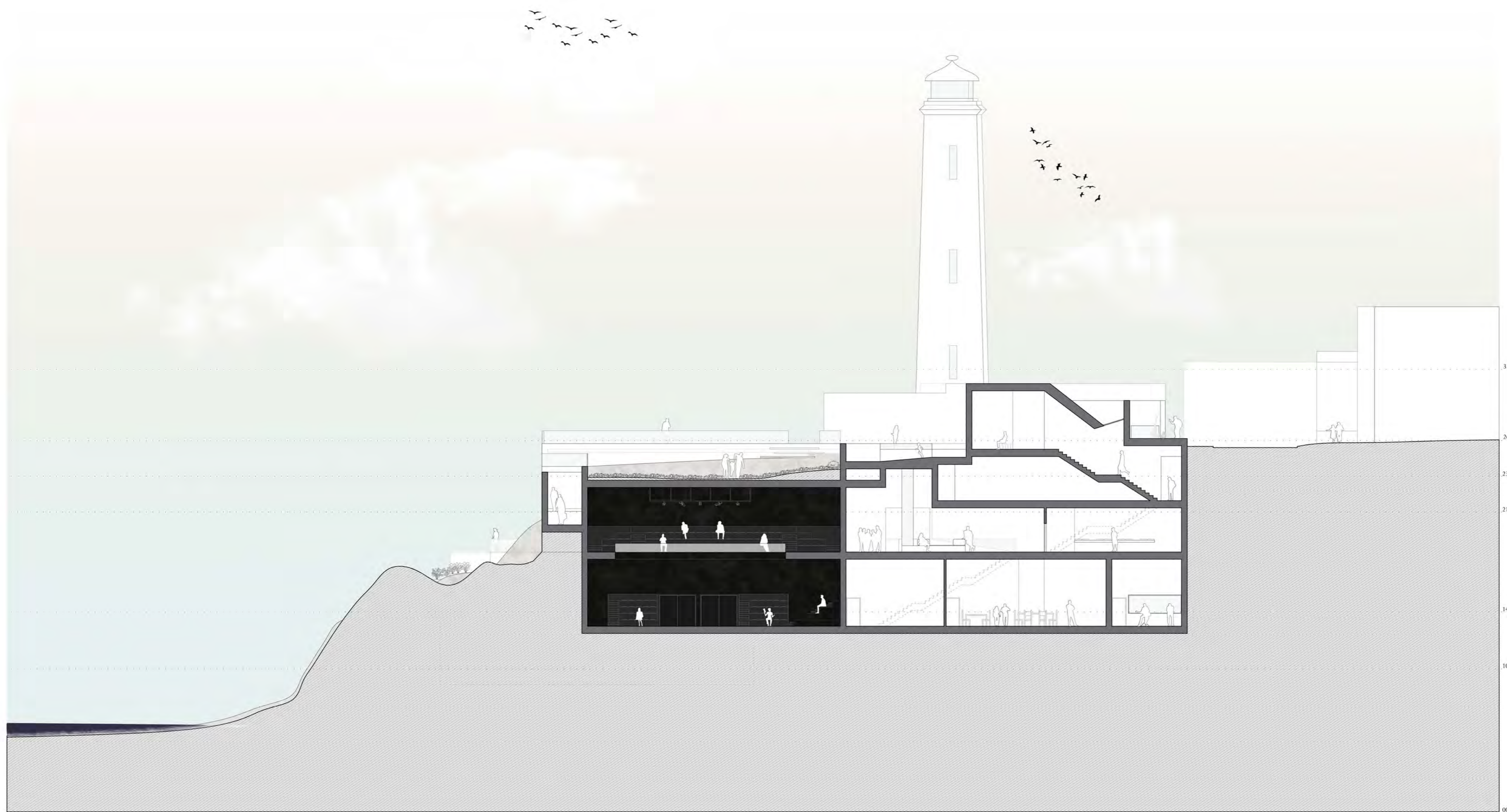
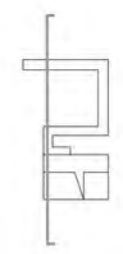
CORTES LONGITUDINAIS

LEGENDA

- Edifício em corte
- Terreno em corte
- Vidro






G



H

H'

LEGENDA

-  Edifício em corte
-  Terreno em corte
-  Vidro